



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY
RIBEIRO – UENF, CENTRO DE CIÊNCIAS DO HOMEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS SOCIAIS

O “REISADO DAS PASTORINHAS” DE SÃO JOÃO DA BARRA/RJ:
A TEATRALIZAÇÃO DA CULTURA POPULAR

ANA CAROLINA FERNANDES BERTO

LINHA DE PESQUISA:

1. EDUCAÇÃO, CULTURA, POLÍTICA E CIDADANIA

CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ.

ABRIL 2021

**O “REISADO DAS PASTORINHAS” DE SÃO JOÃO DA BARRA/RJ:
A TEATRALIZAÇÃO DA CULTURA POPULAR**

ANA CAROLINA FERNANDES BERTO

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Políticas Sociais, da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, na área de Pesquisas Interdisciplinares em Educação, Cultura, Política e Cidadania.

Orientador: Giovane do Nascimento

CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ

ABRIL 2021

FICHA CATALOGRÁFICA

UENF - Bibliotecas

Elaborada com os dados fornecidos pela autora.

B545 Berto, Ana Carolina Fernandes.

O "REISADO DAS PASTORINHAS" DE SÃO JOÃO DA BARRA/RJ : A TEATRALIZAÇÃO DA CULTURA POPULAR / Ana Carolina Fernandes Berto. - Campos dos Goytacazes, RJ, 2021.

136 f. : il.

Bibliografia: 121 - 125.

Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2021.

Orientador: Giovane do Nascimento.

1. Arte. 2. Religiosidade. 3. São João da Barra. 4. Partoril. 5. Performance. I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. II. Título.

CDD - 361.61

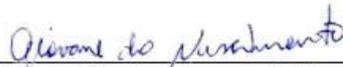
O “REISADO DAS PASTORINHAS” DE SÃO JOÃO DA BARRA/RJ:
A TEATRALIZAÇÃO DA CULTURA POPULAR

ANA CAROLINA FERNANDES BERTO

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Políticas Sociais, da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, na área de Pesquisas Interdisciplinares em Educação, Cultura, Política e Cidadania.

Aprovada em 23/04/2021

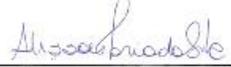
BANCA EXAMINADORA



Professor Doutor Giovane do Nascimento
Presidente / Orientador
Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro



Professora Doutora Lilian Sagio Cezar
Examinadora
Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro



Professora Doutora Alissan Maria da Silva
Examinadora
Instituto Federal Fluminense *Campus Campos Centro*



Professor Doutor Paulo Rodrigues Gajanigo
Examinador
Universidade Federal Fluminense

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos artistas sanjoanenses, em especial a todos os participantes, de todas as épocas, do Reisado das Pastorinhas.

A todos que, mesmo de forma singela, colaboraram para que o Reisado chegasse até a atualidade: toda a minha gratidão pela garra, amor e sonho. Dedico esse registro especialmente à memória de Maria Umbelina dos Santos Salva, a Mariquinha Salva, e de Maria Elza Moreira de Castro, a Dona Ucha. Com muito respeito e estima dedico este trabalho ao ilustre historiador e artista sanjoanense Fernando Antônio Lobato Borges: pelo seu trabalho e compromisso tanto com o Reisado das Pastorinhas quanto com toda a arte e a cultura da cidade. Também faço uma dedicatória pessoal à memória dos meus avós Paulo Berto e Maria Pavão, que muito contribuíram para a minha noção de história e pertencimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela missão de registrar em palavras o Reisado das Pastorinhas e um pouco de sua prestigiosa história. É uma alegria poder contribuir e subir mais este degrau; o único sentimento que tenho neste momento é o de gratidão. Depois de Deus, quero agradecer às duas pessoas mais importantes da minha vida: meus pais Nelma Fernandes e Pascoal Berto, por todo apoio, estruturação afetiva e material da minha vida pessoal, profissional e acadêmica. Sou grata a toda a minha família, especialmente à minha madrinha Rosane Berto e ao meu tio Paulo Noel Berto. Agradeço também aos meus amigos pessoais que me incentivaram e torceram por mim. Não poderia deixar de agradecer à minha amiga-irmã Camilla Soares; ao Felipe Ábido, pela força e incentivo nessa trajetória; ao Silvano Motta, o amigo mais chato que eu tenho nessa vida. Agradeço à minha escola do coração, o IFF, e a todos servidores da Coordenação de Apoio ao Estudante, especialmente ao Jonis Felipe e à Laryssa Assis. Também agradeço ao corpo docente e discente do curso de Licenciatura em Teatro da instituição, especialmente à coordenadora Raquel Fernandes e à professora Alissan Silva. Por fim, quero agradecer à UENF pela possibilidade de realização deste trabalho, aos amigos e às amigas que lá fiz; sobretudo à Jéssica Oliveira e à Michelle Weissamann: *muito obrigada* pela força e parceria. Também sou grata à coordenação do Programa de Pós-graduação em Políticas Sociais, assim como a todo o seu corpo docente, com destaque para a professora Lílian Sagio e para o meu orientador, o professor Giovane do Nascimento. Preciso também agradecer à FAPERJ pelo fomento a esta pesquisa e pela honra de ter sido escolhida como bolsista nota 10 do meu programa de mestrado.

*Este trabalho foi realizado graças ao
fomento da Bolsa Nota 10 da FAPERJ.*

*“E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar*

*É tão bonito quando a gente pisa firme
Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos
É tão bonito quando a gente vai à vida
Nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração”*

Gonzaguinha

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem o objetivo de investigar o Reisado das Pastorinhas de São João da Barra/RJ, sua história e seus elementos tanto artísticos quanto religiosos, assim como refletir sobre sua perpetuação no município nos dias de hoje. Busca-se analisar como se deu o desenvolvimento do Reisado com o passar dos anos, enfatizando os grupos e as pessoas que contribuíram para a manutenção dessa tradição sanjoanense. Em 1995, o Reisado das Pastorinhas deixou de existir, porém ressurgiu através da iniciativa do extinto grupo teatral “Nós na Rua”; logo, a performance renasceu de uma forma teatral. Na atualidade, essa acontece como um espetáculo teatral e musical em praça pública, sendo parte da Celebração de Natal da Prefeitura Municipal de São João da Barra. Assim, é por isso mesmo que este trabalho traz a história do Reisado e seus diferentes momentos: com o objetivo de compreender como passou de uma performance devocional nas casas e nas ruas da cidade até chegar aos palcos. Assim, investiga-se o processo de teatralização da cultura popular, quais elementos foram perdidos e/ou acrescentados, e como os antigos participantes percebem este desenvolvimento. Por fim, tem-se em vista refletir sobre a relação entre o poder público e as políticas culturais adotadas para atender à manutenção desta performance junto com os novos e os antigos participantes. A metodologia utilizada é, num primeiro momento, a revisão bibliográfica e a pesquisa documental; no segundo, optou-se por uma investigação qualitativa com ênfase na história oral através de entrevistas semiestruturadas com os participantes do Reisado das Pastorinhas no passado e no presente. Os entrevistados foram convidados a relembrar suas memórias afetivas em relação ao Reisado e também as suas perspectivas em relação à perpetuação da performance no município.

Palavras-chave: Arte. Cultura. Performance. Pastoril. Religiosidade.

ABSTRACT

This master's thesis work aims to investigate the "Reisado das Pastorinhas" from São João da Barra / RJ, its history, its artistic and religious elements, as well as reflect on its perpetuation in the city today. It seeks to analyze how the development of Reisado took place over the years, emphasizing the groups and people who contributed to the maintenance of this Sanjoanense tradition. In 1995, Reisado das Pastorinhas ceased to exist, but the performance of the now extinct theater group "Nós na Rua" resurfaced in a teateal way. Currently, the performance takes place as a theatrical and musical spectacle in a public square as part of the Christmas Celebration of the Municipality of São João da Barra. For this very reason, the work brings the story of Reisado, its different moments in order to understand how it went from a devotional performance in the houses and streets of the city to the stages. Thus, the theatricalization process of popular culture is investigated, which elements have been lost and / or added and how the former participants perceive this development. Finally, it seeks to reflect on the relationship between public authorities and the cultural politics adopted to meet the maintenance of this performance together with new and old participants. The methodology used is, in the first moment, bibliographic review and documentary research, in the second moment there is the qualitative research with emphasis on oral history through semi-structured interviews with participants from the past and the present. Respondents are invited to recall their affective memories of to Reisado and also their perspectives in relation to the perpetuation of performance in the city.

Keywords: Art. Culture. Performance. Pastoril. Religiosity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Mapeamento de Reis, Reisados e Cantigas de Reis do município de São João da Barra/RJ	46
Figura 02: Histórico do Reisado das Pastorinhas ao longo dos anos	49
Figura 03: Judia, filha da Cigana, Peixeira, Saloia, Marujo, Rei Mago, Teceloa, Caçador, Jardineira, filho da Cigana	54
Figura 04: Preta Velha em 2004	56
Figura 05: Dona Ucha em Carnaval dos anos 2000	59
Figura 06: Fantasia bordada por Dona Ucha	61
Figura 07: Caridade no Centro Espírita São Sebastião em 1982	71
Figura 08: Atores do Reisado em 1975	79
Figura 09: Publicação do Jornal São João da Barra em 2003	85
Figura 10: Dona Ucha e Fernando Antônio	85
Figura 11: Dona Ucha homenageada pelo “Nós na Rua”	87
Figura 12: “Nós na Rua” no Largo Mariquinha Salva	94
Figura 13: Orquestra de Violões	97
Figura 14: Fontes de financiamento ao longo dos anos	100
Figura 15: Reisado das Pastorinhas em 2018	111
Figura 16: Pastorinhas ao fundo da Igreja Matriz	113

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
Metodologia.....	16
CAPÍTULO 1 – FESTA RELIGIOSA.....	19
1.1- O ato de festejar.....	19
1.2- A performance.....	23
1.3- Festas pagãs e o cristianismo.....	25
1.4- A tradição de se festejar os Santos Reis.....	30
CAPÍTULO 2 - FESTAS RELIGIOSAS NO BRASIL.....	30
2.1- Festas religiosas no Brasil colônia.....	30
2.2- Festas do ciclo natalino.....	33
2.2.1- Reisados e Pastoris.....	34
CAPÍTULO 3 – REISADOS E PASTORIS EM SÃO JOÃO DA BARRA	41
3.1- São João da Barra e suas tradições.....	41
3.2- Performances Pastoris e de Reis da cidade.....	43
CAPÍTULO 4 - O REISADO DAS PASTORINHAS E O PROCESSO DE TEATRALIZAÇÃO.....	49
4.1- O Reisado das Pastorinhas.....	49
4.1.1- Possíveis origens do Reisado das Pastorinhas.....	51
4.2- Mariquinha Salva.....	57
4.3- Dona Ucha.....	59
4.3.1- O Reis de Dona Ucha.....	63
4.3.2- O Centro Espírita São Sebastião.....	66
4.3.3- Os ensaios.....	73
4.3.4- Os figurinos.....	75
4.3.5- Apresentações.....	77
4.4- O Grupo “Nós na Rua”, e a teatralização da cultura popular.....	82
4.4.1- Músicas.....	87
4.5- O Reisado das Pastorinhas na atualidade.....	92
4.5.1- Profissionalização e perpetuação do Reisado.....	98
4.5.2- Cultura popular x teatralização.....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS.....	120
APÊNDICES.....	125
ANEXOS.....	129

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Minha história se entrelaçou ao Reisado das Pastorinhas pela primeira vez no ano de 2003. Nessa ocasião, eu possuía 14 anos e era apenas uma menina que gostava de artes, sem grandes oportunidades e perspectivas. Carregava, no meu íntimo, sonhos de me envolver com música e teatro.

Eu cantava na centenária Banda União dos Operários em São João da Barra nesse período. Viver numa cidade tão pequena fazia com que as pessoas, em geral, soubessem de mim. A banda costumava tocar na praça de São João após a missa de domingo, então, uma menina cantando sozinha na frente de tantos músicos chamava a atenção e provocava certa curiosidade.

Paralelamente, surgia o “Nós na Rua”, formado por antigos atores da cidade junto com alguns jovens que possuíam interesse nessa arte. O grupo teatral decidiu remontar o Reisado das Pastorinhas e, como a performance é muito cantada e possui muitas músicas, era preciso juntar um grande número de pessoas que tivessem interesse em teatro e canto. Era a oportunidade que eu buscava internamente: tudo o que mais queria era juntar as duas coisas. Assim, fui convidada para participar do espetáculo.

Minha mãe, Nelma Fernandes, participou deste mesmo Reisado em sua juventude e o convite a animou muito. Ela decidiu não se envolver atuando, mas contribuiu lembrando as canções e as letras do espetáculo. Dessa forma, um enorme esforço foi feito pelo grupo e pela coletividade para que os antigos participantes se lembrassem das antigas letras e versos.

A comunidade se uniu a pedido do grupo teatral com o objetivo de doar recursos para a confecção de figurinos e adereços para a encenação; foi assim que o Reisado “ressurgiu”, tendo sido apresentado em diversos lugares e ganhado a simpatia das pessoas. No primeiro ano, muitos jovens participaram da performance. Fazer o Reisado era uma grande festa e alegria.

Com o passar dos anos, a ação foi se modificando. Fizemos em forma de cortejo pelas ruas, em um carro alegórico que o acompanhava e servia de palco, em palcos fixos na sede do município e no SESC mineiro de Grussaí, assim como em outras cidades, tais como Campos dos Goytacazes e Quissamã. Nos primeiros anos, o Reisado acontecia com o auxílio de um CD gravado em estúdio pelo grupo de teatro sanjoanense e era dublado pelos atores no momento da encenação (BERTO, 2019). Entretanto, em 2009 a performance ocorreu com músicos e atores/cantores

executando as canções ao vivo em praça pública; eles estavam sem o recurso do *playback* pela primeira vez.

Achamos interessante destacar que, desde então, nunca mais voltamos a fazer dublagem do CD, que agora auxilia cantores e músicos, bem como exerce a função de documento das letras e melodias.

Depois que o “Nós na Rua” deixou de existir em 2013, a encenação vem acontecendo nos últimos anos com o apoio e o patrocínio da prefeitura municipal de São João da Barra. Isto é, graças à iniciativa de produtores locais independentes que contribuíram e herdaram o Reisado do antigo grupo de teatro.

Em todos esses anos, sempre participei deste Reisado. Eu me dediquei ao teatro, eu me tornei atriz profissional, trabalhei e estudei, mas nunca deixei de participar do espetáculo, que sempre fez parte de mim e da minha história. Essa foi a primeira performance teatral de que participei e foi assim que eu conheci o mundo do teatro.

Ao fazer o curso de Licenciatura em Teatro no IFF, meu interesse e minha curiosidade aumentaram ainda mais. No componente curricular “História do Teatro Brasileiro I”, eu “descobri” que existem outros Pastoris como o Reisado das Pastorinhas em vários lugares do Brasil. Assim, comecei a ler sobre isso e quanto mais eu lia, mais curiosidade tinha. Desde esse momento, então, decidi que queria pesquisar o assunto e que seria o tema do meu TCC; assim foi. A pesquisa cresceu e hoje, graças à UENF, tive a oportunidade de realizar o estudo conforme sonhei. Isso foi possível através do programa de mestrado em Políticas Sociais da universidade.

Com as pesquisas, fui percebendo que a minha cidade possuía muitos outros Reisados, Pastoris, Marujadas, rodas de Jongo e Manas-chicas, entretanto, tudo isso se perdeu; nada acontece mais. O Reisado das Pastorinhas, porém, sobrevive graças ao trabalho de muitas pessoas e é a única performance pertencente ao ciclo natalino que ainda é realizada em São João da Barra. Isso acontece pelo processo de teatralização e pela iniciativa dos artistas tanto da música quanto do teatro que realizam esse Reisado desde os últimos 20 anos.

Vale ressaltar que São João da Barra é uma cidade cheia de histórias, cultura, religiosidade e arte. Entretanto, pouco é documentado, pesquisado e publicado a respeito de sua cultura, principalmente artística. Como existem poucos registros detalhados sobre a história da arte no Norte Fluminense, em solo sanjoanense não poderia ser diferente.

Mais escasso ainda, porém, é o registro da história da arte da região sob a ótica de pesquisadores e de pesquisadoras tanto com formação acadêmica quanto com vivência na área de conhecimento especificamente voltada para o teatro e para a performance; a maioria deles se preocupa com a economia, com a geografia, com a sociologia, com a antropologia, com a história e com a política da região, de forma que a arte permanece sendo descrita e referenciada de forma pontual e vaga muitas vezes.

É de fundamental importância que o povo de São João da Barra conheça e reconheça a história deste Reisado, bem como a sua importância, para que a comunidade possa pensar formas e estratégias juntamente ao poder público para manter essa tradição. Uma maneira de contribuir nesse sentido é por meio do registro e rememoração dos saberes populares do município antes que sejam totalmente esquecidos, assim como outros Reisados da cidade, que foram completamente perdidos. Barbosa (1991), principal expoente da arte e educação no Brasil, afirma que essa área e a história são poderosos meios de conhecimento identitário de uma nação.

Assim, considerando o pensamento da autora mencionada, a pesquisa busca contribuir para a valorização da cultura popular através do registro das memórias do Reisado das Pastorinhas, tendo em vista possibilitar às novas gerações o conhecimento da história e da importância dessa manifestação tanto artística quanto cultural.

A partir disso, discutir e reconhecer os sujeitos da ação e dos processos culturais podem ser formas de auxiliar a disseminação de conhecimentos artísticos, além de culturais, oriundos de diversas camadas da população. Os povos de São João da Barra, bem como os do Norte Fluminense, poderão conhecer um pouco de si e das realidades que antecederam suas existências ao analisarem, através desta pesquisa, como era o Reisado no passado, como é hoje e vislumbrarem como poderá vir a ser, pensando em maneiras de perpetuação.

Por tudo o que já foi ressaltado a respeito da minha história, afirmo que esta pesquisa representa mais do que a obtenção de um título acadêmico para mim; é um projeto de vida e um compromisso com a arte e a cultura de São João da Barra. Significa debater, refletir e registrar uma página muito importante da minha cultura sanjoanense.

METODOLOGIA

O nosso percurso metodológico buscou os instrumentos para a sua realização em uma metodologia baseada na pesquisa qualitativa.

O Reisado das Pastorinhas é uma performance realizada através do sonho e da paixão de muitos sanjoanenses. Ao longo dos anos, muitas pessoas que contribuíram de forma significativa para a perpetuação do espetáculo já não se encontram mais no plano material para relatarem os acontecimentos, suas vivências do passado e sonhos a respeito do futuro. Dessa forma, no intuito de ressoar o passado pelo tempo atual, recorreremos aos personagens participantes dessa história.

Muitas pessoas da comunidade preservam as lembranças de outrora; algumas mais distantes no tempo, outras relativamente recentes, mas todas têm seu valor para o trabalho. Sobre essas memórias individuais e coletivas, Halbwachs (1990) afirma que toda memória individual é também coletiva, pois nunca estamos a sós com as nossas, afinal, até a mais íntima é permeada por uma realidade construída coletivamente. A lembrança seria, assim, um ponto de referência que nos permite acessar experiências coletivas e históricas.

Nesse sentido, Bezerra de Menezes (1992) discute que a elaboração da memória se dá no momento presente para responder às solicitações, às demandas e aos incentivos desse tempo. Entretanto, esse e o passado se mantêm interligados, pois um não existe sem o outro. Isto é, sem o referencial do passado, o presente se exhibe de forma incompreensível e o futuro se esquia de qualquer planejamento prévio.

Existem diversas histórias e exposições pessoais tanto sobre este quanto sobre outros Reisados, Pastoris, Reis e similares, os quais retratam como era antigamente e quem foram as pessoas que representaram no passado. Como grande parte dessa e de outras performances possuem apenas registros orais, esses relatos e ensinamentos muitas vezes acabam se esvaindo ao longo do tempo; acreditamos que por isso também é necessário pensar formas de resguardar e registrar esses saberes locais. Assim, a pesquisa qualitativa se apresenta como uma alternativa interessante para sanar essas questões. Sobre o método escolhido, Minayo expõe:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de

significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 21)

Levando esse método em consideração, a pesquisa foi desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica que abrangeu livros, artigos, teses e documentos tanto de autores quanto de instituições internacionais e nacionais. O segundo momento foi marcado pelo início da pesquisa documental, que envolveu a busca de fotos, vídeos, documentos, registros em periódicos e principalmente sobre a região.

Finalmente, com o objetivo de resgatar as memórias culturais e coletivas, nós nos orientamos na pesquisa por narrativas orais. De acordo com Tedesco (2014), a fonte oral permite uma articulação entre o passado e o presente de uma forma que, ao mesmo tempo em que registra as vivências e memórias tanto de grupos quanto de indivíduos “sem voz” na sociedade, elucida trajetórias de sujeitos frente aos fatos históricos.

As entrevistas foram estruturadas e semiestruturadas. Segundo Bauer e Gaskell (2003), o meio que possibilita ao pesquisador conhecer o universo do entrevistado é a entrevista qualitativa; através dessa, pode-se ter conhecimento de narrativas, observações pessoais, concepções íntimas e abstratas dos sujeitos. Assim, esse recurso é uma fonte de dados básicos para o desenvolvimento deste nosso trabalho.

Sobre o propósito desse método, Bauer e Gaskell (2003, p. 65) apontam que “o objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos”. Dessa maneira, a pesquisa se baseia em uma triangulação de diferentes métodos.

Assim, realizamos entrevistas com dez pessoas da comunidade de São João da Barra que participaram da performance no passado e/ou participam na atualidade. Além disso, é preciso dizermos que o campo da pesquisa compreendeu o ano de 2020 e início de 2021. Nesse momento, a pandemia da COVID-19 provoca mudanças na vida cotidiana e limitações mesmo depois de um ano nessa situação, não temos perspectivas de “normalização”. Em função disso, algumas modificações no cronograma e também na estrutura das entrevistas foram necessárias, de modo que seu número foi diminuído.

Tendo isso em vista, priorizamos escolher pessoas que participaram em momentos diferentes: as irmãs Amaral, Marly e Marlene representaram a década de 1960; Nelma Fernandes, a de 1970; Sílvia Maria Pinto, a de 1990. Elcídia Moreira, apelidada de Didinha, e Ana Neri Moreira representaram a família de Dona Ucha. Fernando Antônio Lobato e Jurema Vieira falaram em nome do “Nós na Rua”, sendo que Fernando também contribuiu como historiador e pesquisador da temática. Por fim, Silvano Motta e Antônio Carlos Dias representaram o momento atual.

Todas as entrevistas foram feitas de forma presencial. Dei a opção de ocorrência no formato de videochamada, mas ninguém preferiu assim. Sobre o local, deixei em aberto para que cada um escolhesse, de forma que alguns optaram por que eu fosse até as suas casas e outros escolheram vir até a minha.

Acho importante destacar que todas as entrevistas respeitaram os critérios de distanciamento social; em todas eu usei máscara de proteção facial, mas alguns entrevistados acharam melhor tirar a que estavam usando para que pudessem se expressar mais livremente.

Por um tempo, esperei que a situação se normalizasse; tive esperança de que haveria uma diminuição significativa no número de casos e óbitos, sonhei com uma vacinação imediata e em larga escala, desejei que a pandemia acabasse. Isto é, não só pela minha pesquisa, mas principalmente por toda dor e sofrimento pelo qual estamos passando. Entretanto, nada disso ainda aconteceu até o momento de conclusão deste trabalho.

Assim, com a aproximação dos prazos, precisei agir e tomar esses cuidados para que a dissertação seguisse conforme o planejado e sem maiores prejuízos. No fim, tudo deu certo e eu, minha família e todos os entrevistados passamos bem. Realizar uma pesquisa deste nível num momento de pandemia, contudo, foi um desafio complexo.

1- FESTA RELIGIOSA E PERFORMANCE

1.1- O ato de festejar

Começaremos o presente trabalho refletindo sobre o ato de festejar, que possui uma complexidade muito grande no âmbito social, pois muitas coisas se desenrolam nas comunidades a partir desse; essas afirmações são feitas com base na visão de Perez (2010), que acredita em como festejar é se comunicar com os deuses, mas também com os humanos.

Assim, Perez (2010) aponta que as festas populares são fontes de comunicação entre os indivíduos de uma sociedade, de modo que o ato de festejar estabelece e fortalece os vínculos de uma comunidade, além de fazer o mesmo com os elos de crenças dos indivíduos. Dessa maneira, há a troca de hábitos e de saberes, assim como uma interação entre as experiências essenciais para a existência humana e espiritual:

Ligação/comunicação com os afetos e com as emoções, ligação/comunicação/troca com o sagrado e com os deuses, ligação/negociação com os homens entre si. Festa, religião e cidade: comunidade afetiva de desejos e de sonhos, comunidade de crenças e de fé, comunidade política, pautando e regulando a comunicação e as trocas e, por meio delas, constituindo corpora, ou seja, agregados humanos ligados por um sentimento comum partilhado. (PEREZ, 2010, p. 5)

Festejar, então, é uma ação ampla que possibilita muitos desdobramentos; é motivo de comunhão entre membros de vários povos, bem como representa a ligação entre cada indivíduo e seu lugar social. A festa comunitária é muito significativa, pois fortalece tanto estruturas quanto relações sociais e provoca uma comunhão entre as pessoas, que se envolvem no preparo da festa, na organização, na divisão de tarefas e no compartilhamento de histórias e saberes. Além disso, relações são estabelecidas e reestabelecidas.

Nesse sentido, narrativas comuns são contadas aos mais jovens, pois há o envolvimento das famílias, vizinhos e de toda a coletividade, da mesma maneira que há também a fortificação da ligação da comunidade com suas crenças religiosas e com a fé em comum.

Em complemento, Claval (2014) nos aponta que a festa religiosa é tão antiga como a própria humanidade; é uma quebra na rotina, já que novas configurações

subversivas se apresentam em formato de espetáculo. Esse evento é exposto como uma subversão autorizada, pois é planejado longamente pela comunidade. Assim, estruturas sociais podem ser quebradas dentro dele, existindo uma vontade de ir além dos padrões sociais cristalizados.

A dureza do cotidiano abre lugar para o sonho e a fantasia na festa religiosa. As cores, as danças, os desfiles, as canções e as decorações mudam a atmosfera. Os comportamentos engessados dão lugar à espontaneidade. Há um breve momento de esquecimento das tarefas corriqueiras, dos compromissos; as obrigações do dia a dia são interrompidas pela euforia festiva. Claval (2014) nos traz uma passagem interessante em seu estudo acerca da questão, a qual está voltada para como Platão teria dito que a festa é uma espécie de presente dos deuses, servindo para dar novo fôlego à humanidade.

O autor também nos revela que, além dos elementos religiosos, essas festas possuem elementos profanos. Em concordância com Perez (2010), Claval (2014) afirma que a festividade em questão aproxima tanto homens como deuses. Dessa forma, a partir dessa semente pautada na religião, essa comemoração nasceu:

Como a festa profana, a festa religiosa é construída em torno de rituais de aproximação, mas aqui eles não se contentam em ligar homens entre si: eles os fazem comunicar com Deus, ou com o divino. Eles assumem diversas formas: banquetes e libações, procissões, danças sequenciais até o transe e o êxtase. (CLAVAL, 2014, p. 9)

Fica clara a relação entre o indivíduo, a comunidade e o divino. Além disso, cabe salientarmos que o relacionamento entre o sagrado e o profano é uma marca das festas religiosas.

Nesse sentido, o filósofo Eliade (1992) é um marco quando abordamos o tema; sua obra *O sagrado e o profano* é uma referência até os dias atuais. O estudioso romeno discute que o ser humano vive dois tempos muito distintos ao longo da vida: o primeiro é o Tempo Profano, o tempo do ordinário, do comum, da vida e dos afazeres do dia a dia, do trabalho. O segundo é o Tempo Sagrado, cujas maiores marcas são as festas. Segundo o autor, o meio que o homem religioso utiliza para passar de um para o outro é o rito.

O ritual é a porta de entrada para o ser humano deixar, mesmo que por alguns dias ou algumas horas, a sua vida simples e terrena, adentrando num tempo divino e maravilhoso que o transporta aos céus para perto dos deuses; dos Santos:

Seja qual for a complexidade de uma festa religiosa, trata-se sempre de um acontecimento sagrado que teve lugar *ab origine* e que é, ritualmente, tornado presente. Os participantes da festa tornam-se os contemporâneos do acontecimento mítico. Em outras palavras, “saem” de seu tempo histórico – quer dizer, do Tempo constituído pela soma dos eventos profanos, pessoais e intrapessoais – e reúnem-se ao Tempo primordial, que é sempre o mesmo, que pertence à Eternidade. (ELIADE, 1992, p. 47)

Assim, entendemos que, ao participar da festa, o humano religioso se torna contemporâneo às divindades; é como se vivesse no mesmo tempo dos mitos. Através desse evento, ele, que vive sua vida simples, transporta-se para o tempo primordial, da origem de todas as coisas.

Sabemos que se elevar às divindades e se entregar a elas é um desejo do homem que percorre as eras; a festa religiosa faz essa ponte entre a terra e os céus. Dessa maneira, a fé é reatualizada e a ligação dos indivíduos com suas crenças comunitárias se torna mais fortalecida.

A festa religiosa possibilita que a dimensão divina do ser humano seja aflorada, pois ele se integra ao lado sagrado de sua existência. Assim, um fato interessante para destacarmos é que Eliade (1992) aponta como esse evento é quase sempre periódico, de modo que o indivíduo está em contato com seu lado divinizado em cada ciclo, não se esquecendo dos mitos que originaram a sua fé.

Nesse sentido, podemos afirmar que o humano religioso tem um eterno desejo de voltar ao passado, ao Tempo Mítico, primordial, sempre retornando e revivendo periodicamente os acontecimentos que originaram a sua fé. Esses ciclos anuais são de grande importância:

O calendário sagrado repete anualmente as mesmas festas, quer dizer, a comemoração dos mesmos acontecimentos míticos. Propriamente falando, o calendário sagrado apresenta-se como o “eterno retorno” de um número limitado de gestos divinos, e isto é verdadeiro não somente para as religiões primitivas, mas também para todas as outras religiões. (ELIADE, 1992, p. 55-56)

Através da repetição das festividades, os elos divinos e comunitários são religados todos os anos, a fé é renovada e as estruturas sociais também. Dessa forma,

podemos perceber como as festas religiosas foram e ainda são fundamentais para a vida humana. Kachnáčová (2016) está de acordo com Eliade (1992) quando argumenta que esses eventos religiosos e populares têm raízes na tradição pagã, na qual o sagrado e o profano se misturam. A autora afirma que, por meio de máscaras, danças e cantos, os antigos buscavam se comunicar com o divino e, de certa forma, materializar os seres sobrenaturais e misteriosos do além. Sobre os festivos rituais dos primeiros povos, a pesquisadora expõe:

Estes rituais, ou podemos dizer autos primitivos (teatro primitivo), ao longo dos tempos desenvolveram-se e transformaram-se nas festividades públicas, muitas vezes anualmente repetidas e foram a pedra basilar para o teatro e principalmente para as festas religiosas. (KACHNÁČOVÁ, 2016, p. 20).

Nesse trecho, a autora nos conduz até o início do que chamamos de Teatro hoje. Esse “teatro primitivo” está muito ligado à religiosidade e aos misticismos. Através da performance, os mitos são revividos e reatualizados entre os humanos. Sendo assim, essa experiência mítica é instigante e causa grande curiosidade, por isso muitos pesquisadores e muitas pesquisadoras procuram tanto compreender quanto até mesmo “traduzir” essas experiências ritualísticas de forma concreta: para buscar, de uma certa maneira, codificar a performance religiosa, como esclarece Cavalcanti no fragmento a seguir.

Os teóricos do ritual insistem sempre, e corretamente, na forte relação dos ritos com um contexto, sempre peculiar, de relações sociais, e na maneira expressiva, dramática, performática ou comunicativa adotada para veiculá-las. (CAVALCANTI, 2002, p. 46)

Assim, muitos e muitas buscam tanto elementos quanto teses para embasar essa decodificação mítica. Entretanto, o conceito de presença do filósofo Hans Ulrich Gumbrecht (2004) vai ao encontro desse desejo de tradução da ação performática. O autor nos aponta que a autocompreensão humana busca significados de forma cartesiana e autorreferente. Para ele, esse processo é importante e necessário, porém não deveria anular a capacidade do indivíduo de lidar com o que está acontecendo à sua frente, diante dos seus olhos, numa perspectiva corporal; numa perspectiva “presente”. Para o filósofo alemão, a presença seria o ato de se afetar, de se permitir fruir e de se envolver pela ação.

Produção de presença, num primeiro movimento, busca libertar-se da autodefinição hermenêutica predominante nas ciências humanas

para, em seguida, imaginar terrenos conceituais alternativos, não hermenêuticos e não metafísicos, que introduzam no cerne dessas mesmas ciências o que o significado não pode transmitir. (GUMBRECHT, 2004, p. 10)

Gumbrecht (2004) nos aponta que a humanidade foi perdendo a capacidade de se envolver e o ato de fazer isso com a experiência foi sendo substituído pela hermenêutica na modernidade. Entretanto, essa percepção era completamente diferente até a Idade Média: “interpretar” um personagem era mais do que atuar; era viver. O pesquisador chama a atenção para o fato de que, no período medieval, os limites entre a atuação e a realidade eram bastante tênues:

A copresença de atores e espectadores na cultura medieval parece ter sido uma copresença "real", na qual não se exclui ao contato físico mútuo - de fato, esse contato era tão pouco excluído, que os espectadores das representações da Paixão no final da Idade Média chegavam a "executar" o corpo do ator que representava Cristo, apedrejando-o. (GUMBRECHT, 2004, p. 54)

O autor nos afirma que, hoje, nosso desejo pela busca de significados nos faz perder a presença do momento da ação. Porém, na época medieval, como é dito na citação, os espectadores se envolviam tanto e estavam tão presentes que chegavam ao extremo ponto de machucar fisicamente o ator que representava Jesus Cristo na Paixão de Cristo. Nesse momento, é possível retomar ao filósofo Eliade (1992) quando argumenta que a festa religiosa liga o humano religioso ao tempo original dos mitos; nesse caso, os espectadores voltam-se até a Judéia de Pôncio Pilatos, revivem a dor e agonia de Jesus na cruz. Essa experiência era vivida com tanta intensidade que eles experimentavam de fato aquela agonia e se transportavam para o sagrado tempo das escrituras.

1.2- A performance

Como já salientado, Eliade (1992) argumenta que a festa religiosa é o meio que possibilita ao indivíduo religioso sair do tempo ordinário até o sagrado e primordial dos mitos. Claval (2014) destaca para nós que as pessoas não revivem esse momento tal qual vivem normalmente; elas se pintam, vestem-se de maneira diferente, usam máscaras e criam decorações das mais diversas. Assim, o espaço se transforma, o clima muda e a música envolve os participantes numa fantasia. A recriação do tempo mítico chega ao corpo.

Berthold (2014, p. 1) destaca: “o artista que necessita apenas de seu corpo para evocar mundos inteiros e percorre a escala completa de emoções é representativo da arte de expressão primitiva do teatro”. O teatro surge desse momento de corporificar as crenças e se transportar para o divino. Através de sua voz, seus gestos e movimentos, o ser transmite suas histórias e narrativas para as próximas gerações. Assim, por meio dessa mágica, o indivíduo se apresenta ao público sem se revelar totalmente, guardando para si seus segredos pessoais. Portanto, busca-se ser outro e, por esse “outro”, descobre-se a si mesmo. É dessa maneira que a autora Berthold (2014) nos aponta que começou o teatro.

Berthold (2014) afirma que há algo em comum entre esse teatro primordial com o que temos hoje, de modo que começou a surgir os dois pontos fundamentais da arte de se fazer teatro a partir desse momento: o artista, que ao ser distanciado da sua vida cotidiana, transforma-se; e o público que o assiste. Para ela, há semelhanças entre o xamã, que é o porta-voz dos deuses ou o dançarino mascarado que afasta os espíritos do mal, e o ator, que dá vida à obra de um dramaturgo: os dois se transfiguram e se distanciam de suas funções ordinárias, transportando-se para um outro tempo. Além disso, todos agem assim na presença vislumbrada de espectadores.

Dessa forma, essas primeiras representações artísticas se misturaram às festas religiosas, tendo ficado difícil estabelecermos um limite entre o que é arte e o que é um ritual religioso. Por conta disso, esta nossa pesquisa busca fundamento em um conceito amplo, o qual é capaz de acolher todos os elementos que compõe a reflexão proposta: *performance*. Entre muitas maneiras de pensar a performance, escolhemos seguir a percepção do antropólogo Schechner no livro *Performance e antropologia de Richard Schechner*, organizado por Zeca Ligiéro. Segundo o autor, esse é um termo bastante complexo, porém acolhedor:

Performance é um termo inclusivo. Teatro é somente um ponto num *continuum* que vai desde as ritualizações dos animais (incluindo humanos) às performances na vida cotidiana – celebrações, demonstrações de emoções, cenas familiares, papéis profissionais e outros, por meio do jogo, esportes, teatro, dança, cerimônias, ritos – e às apresentações espetaculares. (SCHECHNER, 2012, p. 8)

Schechner (2012) nos revela que, em seu modo de conceber, a performance é muito mais ampla do que a arte e os espetáculos teatrais. Assim, ele afirma que essa é muito variada e possui diversas funções: como ritual, entretenimento e

consolidação de elos tanto comunitários quanto sociais. Dessa forma, o autor americano resume todas essas funções num jogo binário: eficácia-entretenimento, as quais são ideias que se relacionam e geram uma situação de dependência entre si. Nesse sentido, a performance estaria presente no cotidiano das pessoas em seus atos mais simplórios e automáticos, mas também no entreter e encenar nas artes e rituais religiosos.

Schechner (2012) destaca o papel essencial das performances artísticas ao longo da trajetória da humanidade, argumentando que sempre aconteceram no decorrer de toda a história e em todas as partes do mundo, assim como em todas as comunidades ao seu modo. Isto é, as pessoas dançaram, cantaram e fizeram teatro em todos os momentos e por muitos motivos diferentes. É nesse ponto que este nosso trabalho se alicerça:

A performance se origina da necessidade de fazer que as coisas aconteçam e entretenham; obter resultados e brincar; mostrar o modo como são as coisas e passar o tempo; transformar-se em um outro e ter prazer em ser você mesmo; desaparecer e se mostrar; incorporar um outro transcendente e ser “apenas eu” aqui e agora; estar em transe e no controle; focar no próprio grupo e transmitir ao maior número de pessoas possível; jogar para satisfazer uma necessidade pessoal, social ou religiosa; e jogar somente com contrato ou por dinheiro! (SCHECHNER, 2012, p. 83)

Nesse fragmento, o autor se conecta bastante com a já citada Berthold (2014) quando comenta a transcendência do ator/sacerdote no momento da performance e do ritual. Podemos ver que o conceito é abrangente e não se limita apenas às encenações artísticas, mas também a elas.

1.3- Festas pagãs e o Cristianismo

Com o estabelecimento do Cristianismo, muitas foram as festas que começaram a ser celebradas anualmente para lembrar os acontecimentos bíblicos com ênfase na vida de Jesus. Além disso, o Cristianismo é hoje uma das mais populares religiões do mundo, mas nem sempre foi assim: no início da era cristã, foram os pobres e menos favorecidos que seguiram Jesus e seus ensinamentos. Contudo, segundo De Brito (2015), essa situação mudou algum tempo depois, mais precisamente a partir do reinado do imperador romano Teodósio (346-395 d.C.).

Nesse sentido, a dinâmica de poder e dominação começou a mudar e Teodósio foi o responsável por fazer da religião cristã a oficial do império romano. Mas o povo estava muito influenciado pelas tradições politeístas romanas e, como é natural, as pessoas seguiam o calendário de festividades vigente. Os ritos e as celebrações deles eram muito fortes e arraigados em várias partes do extenso império; as festas eram populares e cada deus do panteão romano era referente a um quesito da vida humana, assim, todos precisavam ser adorados e celebrados dentro das datas do calendário.

Desse modo, seria uma tarefa hercúlea implementar uma religião monoteísta com outros símbolos e personagens históricos. Por isso, a solução encontrada foi criar uma associação entre os deuses e as festividades romanas com a “nova” religião cristã; assim, as celebrações romanas passaram por uma espécie de “purificação”. Kachnáčová (2016) afirma que a Igreja Católica buscou suprimir o paganismo “cristianizando” as celebrações pagãs, de forma que as comemorações do calendário antigo foram, aos poucos, fundindo-se às novas temáticas da fé pautada no Cristianismo. A autora declara que essas festas do catolicismo primitivo influenciam celebrações até os dias atuais, por isso, segundo ela, os eventos religiosos que vemos hoje são um misto de tradições católicas e pagãs.

Dessa maneira, de acordo com Roque (2013), podemos entender que a data do nascimento de Jesus foi escolhida para acontecer no dia 25 de dezembro por nessa ocasião acontecer o solstício de inverno no hemisfério norte e ser comemorado o dia do deus Mitra, que era o deus da luz sob as trevas, da redenção e da libertação. Mitra era uma entidade persa ligada ao sol e se tornou muito popular entre os romanos. Assim, houve uma associação dessa figura com Jesus Cristo, que é descrito nas escrituras sagradas como aquele que é a luz ao mundo:

A correspondência entre o cristianismo e os cultos solares pagãos poderia fundamentar a assimilação das festas pagãs no calendário litúrgico e, nomeadamente, na celebração do Natal. Por outro lado, a dificuldade em erradicar a tradição das festas pagãs justifica a estratégia de as cristianizar, transformando, neste caso, o *Natalis solis* em *Natalis Christi*. (ROQUE, 2013, p.106)

Claval (2014) argumenta que, nesse processo de purificação dos costumes greco-romanos, algumas características anteriores foram modificadas e deram lugar às novas temáticas do Cristianismo. Assim, os rituais e as festividades da nova fé buscaram fundamento nas celebrações anteriores, algo possível de observarmos em

duas situações: na estrutura de certos rituais e no calendário. Uma dessas é, segundo o autor, a procissão.

Na pompeia grega, as pessoas seguiam, em cortejo, as estátuas dos deuses. Além disso, não era somente uma representação para eles, mas a própria materialização da entidade. O pesquisador afirma que esse costume foi incorporado na nova forma de celebração cristã. Assim, a procissão se tornou um elemento muito importante dentro dessas festas religiosas até a atualidade:

Ao falar da cultura cristã católica, observa-se que ela foi, por inúmeros motivos, influenciada em sua origem pelos festejos primitivos da cultura Greco-Romana. Muitas das festas e datas comemorativas em adoração a deuses profanos foram “purificadas” para celebrar os momentos e passagens importantes do cristianismo. Depois desta ressignificação, as festas religiosas cristãs mudaram algumas características das antigas festividades, constituíram seus rituais rememorando as tradições do cristianismo, mas o ato de festejar continuou mantendo alguns aspectos das antigas tradições. (CLAVAL, 2014, p. 20)

Segundo Roque (2013), não há nenhum relato na Bíblia que nos leve à verdadeira data do nascimento de Cristo, então simbolicamente a escolhida foi 25 de dezembro e assim é comemorada até hoje. Esse dia para o Natal foi fixado tardiamente; antes disso, a festa da Epifania, que é o Dia de Reis, já era celebrada, por isso é dito que essa é uma festividade que se iniciou no cristianismo primitivo. Percebemos, assim, que o ato de festejar os Santos Reis é profundamente tradicional, antigo e popular em diversos lugares.

1.4- A tradição de se festejar os Santos Reis

Como discutimos anteriormente, a celebração em honra aos Santos Reis é bastante arraigada nas tradições populares cristãs. Segundo Kodama (2009), apesar de tanta popularidade, pouco sabemos, na verdade, sobre as enigmáticas figuras desses personagens; muitos mistérios os envolvem. Por exemplo, não entendemos ao certo se são três estudiosos ou reis de reinos antigos; não é possível nem precisarmos quantos teriam ido visitar o Menino Jesus. Essas figuras são misteriosas

e emblemáticas. Muito é falado sobre elas no imaginário popular, mas a verdade é que os textos bíblicos trazem poucas informações a respeito.

Nesse sentido, a autora nos afirma que os reis foram os primeiros a reconhecer Jesus como salvador através do conhecimento e da interpretação dos símbolos, especialmente os astronômicos. Não podemos afirmar, mas por terem sido guiados por uma estrela até o Menino, é provável, de acordo com uma edição da Bíblia (2009), que não fossem exatamente reis, mas astrônomos ou astrólogos; sábios que dedicaram tempo de suas vidas para o estudo da ciência dos astros. Inclusive, no dia 6 de janeiro, Dia de Santos Reis, também é comemorado o Dia do Astrólogo, pois os astros os guiaram até o local do nascimento de Jesus Cristo.

Porém, é dito que eles são reis possivelmente pela seguinte passagem bíblica do antigo testamento, disponível em Salmos 71:10,11: “Os reis de Tárzis e das ilhas trarão presentes, os reis da Arábia e de Sabá lhe oferecerão seus dons. Todos os reis hão de adorá-lo, hão de servi-lo todas as nações.” Esse trecho é visto como uma profecia referente ao nascimento de Jesus. Dessa forma, como os magos adoraram o Menino e levaram donativos (ouro, mirra e incenso), os cristãos falam deles como reis ao considerarem essa citação.

Acerca do assunto, outro ponto interessante que Kodama (2009) nos traz corresponde ao nome dos reis: ela afirma que os nomes e as características dos personagens são atribuídos a São Bredas (673 a 735 d.C). Assim, cada um passou a representar um continente: Grécia – Europa, Índia – Ásia e Egito – África, pois esses eram os conhecidos por eles até então. Além das etnias, cada um também recebeu uma denominação: Belchior, Gaspar e Baltazar.

Como já destacamos, não temos muitas informações históricas para compreendermos quem foram esses homens de fato; muito mistério e misticismo envolvem suas narrativas no imaginário popular. A autora Kodoma (2009), que embasa nosso trabalho neste contexto, diz que essas emblemáticas figuras só aparecem em um único relato de um evangelista e, mesmo assim, os Santos Reis criaram uma força muito grande na mente das pessoas. Em São Mateus 2:1,2 temos:

Tendo, pois, Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que magos vieram do Oriente a Jerusalém, Dizendo:

Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente, e viemos a adorá-lo. (BÍBLIA, 2009, p. 1286)

Os estudiosos não sabem dizer ao certo, mas é possível pensarmos que os Santos Reis sejam populares, pois foram os primeiros peregrinos que encontraram e adoraram Jesus Cristo, tendo-o considerado o salvador do mundo. Os três personagens percorreram uma grande distância guiados pela Estrela de Belém e tanto se curvaram quanto presentearam o Jesus Menino; isso foi tão forte que marcou a origem do hábito de se presentear amigos e familiares no Natal. Kodoma (2009) afirma que os Santos Reis são a base de diversas festas, celebrações e crenças ao longo da história que iniciaram na Europa com a junção de costumes alimentares europeus, crenças da igreja católica romanizada e as folias e medievais.

Segundo Lamas (1978), a arte através do teatro, da arquitetura e das artes visuais ocupava um papel importante na catequização das pessoas na Idade Média. De acordo com a autora, como os povos mal eram capazes de ler, os recursos visuais e a performance teatral eram formas poderosas de ensinar os acontecimentos bíblicos para eles. Assim, o tema Natividade era frequentemente representado nos Mistérios Medievais, que eram performances voltadas para apresentar passagens da Bíblia, principalmente questões relacionadas ao nascimento e à Paixão de Jesus Cristo, assim como à vida dos Santos e Santas. Esses Mistérios aconteciam muitas vezes ao ar livre e nas ruas dos vilarejos, contando com uma expressiva participação popular, conforme Berthold (2014). Esses autos estão na origem das celebrações em honra aos Santos Reis que temos até a atualidade.

Ainda de acordo com Kodoma (2009), essa tradição se espalhou por vários continentes: pela própria Europa, pela Ásia e é bastante forte na América Latina. O autor Ribeiro (1972) afirma que o Dia de Santos Reis era, na Europa, uma data para espantar os maus espíritos e energias do mal. Em Cuba, por sua vez, a celebração tinha traços parecidos com os europeus. Esse pesquisador nos revela que os afro-cubanos protagonizavam a festa e era um momento de purificação de prédios públicos como igrejas, catedrais, plantações, casas e palácios. Além disso, as pessoas usavam máscaras e dançavam nessa performance.

Neste capítulo que termina, revisitamos a história da tradição desde os primórdios, pois acreditamos que foi importante agregar as raízes do Reisado das

Pastorinhas ao presente trabalho. Para tanto, nós nos embasamos nos conceitos que julgamos fundamentais.

Assim, podemos concluir que essas festas unem elementos religiosos e pagãos. As passagens bíblicas serviram de referência, a exemplo da peregrinação dos três Reis Magos, da mesma maneira que outras estruturas e tradições herdadas da cultura greco-romana. Essas comemorações, porém, foram ganhando outras características nos diferentes lugares do mundo. Isto é, de forma pontual, vimos o caso de Cuba e veremos, de modo mais aprofundado, a celebração em honra aos Santos Reis no Brasil no próximo capítulo.

2 - FESTAS RELIGIOSAS NO BRASIL

2.1- Festa religiosa no Brasil colônia

Muito se diz, no senso comum, que o brasileiro é festeiro. Ainda se comenta que a alegria, a receptividade e a vontade de se celebrar são algumas características que representam o Brasil. Nesse sentido, o povo brasileiro comemora o carnaval com bastante intensidade, mas também os Santos, os acontecimentos bíblicos, as tradições e os rituais oriundos tanto dos indígenas quanto dos povos africanos.

Há uma ideia corriqueira de que os povos formadores do Brasil vivem em eterna harmonia, que o solo brasileiro trata todos e todas com igual respeito e acolhimento, além de que a nossa “mistura de raças” nos faz felizes, tolerantes e pacíficos. Porém, é preciso lembrarmos que a situação é bem mais complexa do que parece. Ribeiro (2006) argumenta que o Brasil foi criado a partir de muitos povos e salienta que tanto o sincretismo quanto a mestiçagem, essa mistura étnica, resultaram no surgimento de um novo povo: o brasileiro.

Apesar da visão otimista, Ribeiro (2006) não negligencia as violências que se deram no processo de formação da população: pelo contrário, afirma que a mão de obra escrava foi recrutada forçosamente para facilitar os propósitos mercantis da colônia através de processos violentos e repressores que resultaram num continuado processo de genocídio e etnocídio:

Só temos o testemunho de um dos protagonistas, o invasor. Ele é quem nos fala de suas façanhas. É ele, também, quem relata o que sucedeu aos índios e aos negros, raramente lhes dando a palavra de registro de suas próprias falas. (RIBEIRO, 2006, p. 27)

De acordo com Freyre (1997), os colonizadores procuraram destruir, ou pelo menos castrar, todas as expressões de cultura artística ou religiosa que estivessem em desacordo com a moral católica e com as convenções europeias. A cultura do antigo continente foi imposta violentamente aos colonos. Assim, a cultura, a arte e a religião dos portugueses foram fixadas em terras brasileiras. Segundo Kodoma (2009), a catequização contribuiu muito nesse processo.

Nesse sentido, os colonizadores conseguiam cristianizar os povos nativos através das missões jesuíticas e da representação, além dos recursos imagéticos para explicar as passagens bíblicas. Sobre o assunto, Magaldi (1997) ressalta, em sua obra, a relevância do teatro e da performance nesse processo de catequização: segundo o autor, José de Anchieta ensinou aos indígenas pelo ato de encenar as histórias da Bíblia com o corpo, a voz, dança, a música e as imagens. Em complemento, Claval (2014) diz o seguinte acerca da igreja católica:

[...] fez uso constante de uma prática litúrgica centrada na veiculação imagética, renovada a cada procissão, que se fundiram com os simbolismos e imagens criadas através das dramatizações e festas promovidas pela Igreja Jesuíta. (CLAVAL, 2014, p. 118)

Assim, percebemos a importância da performance e das festas religiosas nesse processo. Ao abordar a vida dos primeiros colonos, Azzi (1987) destaca que a religiosidade possuía um aspecto muito importante na vida deles, que era difícil e penosa, pois viver num território desconhecido e dominado pela natureza fazia com que os primeiros se sentissem desamparados e frágeis. Essa fragilidade sentida na pele favoreceu o surgimento de uma fé baseada no medo, de forma que o sentido místico da vida parecia o único amparo dessas pessoas.

Outro acréscimo de Azzi (1987) corresponde a como muitos dos portugueses que vieram para colonizar o Brasil não viajaram para o nosso país por livre escolha: alguns foram forçados a se estabelecer aqui, fator ainda mais favorável para a insegurança em cada um. Assim, a fé católica foi instituída com muita força; os Santos,

os anjos, os arcanjos e a Virgem Maria eram amparos em meio a uma realidade tão dura.

A religiosidade também fazia parte da cultura dos povos indígenas e dos africanos escravizados que aqui viviam, os quais possuíam uma ligação muito forte com as forças da natureza. Essa fragilidade em meio ao ambiente natural já era vivenciada de maneira aprofundada por esses indivíduos; inclusive as próprias divindades deles estavam profundamente ligadas à natureza. Sendo assim, Azzi (1987) conclui que europeus, indígenas e africanos que viveram no Brasil no período colonial dispuseram de uma relação espiritual muito grande, além de pautada nos seus modos de vida de forma intensa. Porém, precisamos ressaltar que a forma religiosa predominante era a oriunda dos povos europeus.

Nesse sentido, Azzi (1987) argumenta que as festas religiosas ocupavam um patamar de relevância no contexto colonial. Nesses momentos de celebração, a vulnerabilidade humana frente às intempéries da vida se mostrava e a ligação com a fé se fortalecia. Considerando essas questões, podemos perceber uma conexão com o pensamento de Claval (2014) e Eliade (1992), os quais já foram citados no primeiro capítulo deste trabalho.

Azzi (1987) ainda nos revela que esses momentos de festa contribuíam para estimular o trabalho penoso dos primeiros brasileiros. Também era fortalecida a ideia da dependência divina: era preciso se conformar com a vontade dos céus. Eles se acomodavam com a realidade que os cercava, acreditando que a vida difícil, de trabalho pesado e vicissitudes nessas terras, teria sua recompensa final numa existência celeste mais confortável e feliz. A esperança e a confiança em dias melhores surgiam a partir dessas celebrações.

Outro ponto importante que Azzi (1987) destaca para nós é a relevância da performance e da dança nesse contexto. Era através da arte e da performance ritual que os colonos podiam ter um momento de descanso e celebração:

As festas religiosas populares assumem um caráter de protesto simbólico contra a opressão, na medida em que as barreiras sociais eram parcialmente quebradas, e se promovia um certo “con-graça-mento” das pessoas ao redor do santo, abrindo um espaço utópico para a fraternidade humana universal. Junto à imagem do santo protetor, durante a celebração festiva, brancos, índios e pretos, nos

mais variados tipos de miscigenação racial, se uniram por vezes, na impulsiva democratização operada pela dança, para juntos agradecerem e ao mesmo tempo suplicarem novos favores para vencer as agruras da vida, e obterem por fim um bom descanso na hora da morte. (AZZI, 1987, p. 68)

Assim, as festas religiosas ocupavam um lugar de libertação frente à opressão vivida no Brasil colônia. Havia um sentimento, mesmo que passageiro, de alegria e união entre as pessoas; um respiro, uma pausa que servia de consolo e alento, mas também os renovava para a vida sacrificada que levavam. Cantar e dançar, para os Santos, era um ato solene de fé e busca por amparo e união. A performance era relevante nesse sentido e é interessante percebermos o modo do qual Azzi (1987) aborda como as celebrações religiosas faziam parte da vida de brancos, pretos e indígenas.

Entretanto, esse sentimento igualitário era apenas ilusório, pois na própria festa eram visíveis os lugares e as hierarquias sociais, que estavam bem claros e estabelecidos. Inclusive, Azzi (1987) cita que era possível perceber isso dentro da estrutura dos cortejos e procissões, por exemplo: os religiosos e as pessoas socialmente favorecidas iam à frente, e essa era uma das oportunidades de reafirmarem o poder tanto social quanto religioso vigente.

2.2 - Festas do ciclo natalino no Brasil

Como vimos, a igreja católica se estabeleceu de forma bastante forte e impositiva no Brasil, deixando marcas profundas no povo e na cultura do país. Podemos observar isso nas festas e nas datas comemorativas:

O catolicismo implantado no Brasil pelos portugueses trouxe consigo as tradições do calendário religioso, baseado em três datas importantes: a Páscoa, São João e o Natal, formando os chamados ciclos Pascoal, Junino e Natalino. Apesar de um calendário oficial, o catolicismo no Brasil ganhou formas mais populares, principalmente nas regiões do interior. Devoções, louvações e procissões homenageiam Santos e Santas padroeiros, em inúmeras localidades em todo país. (SOUZA; ZIMERER; ZORDAN, 2015, p. 46)

Essa citação é bastante esclarecedora. No que concerne às performances, essas que misturam elementos sagrados e profanos são chamadas de folguedos por

Cascudo (2001). Pelo termo em questão, o autor compreende um tipo de performance que possua estes elementos:

1) Letra (quadras, sextilhas, oitavas ou outro tipo de versos); 2) Música (melodia e instrumentos musicais que sustentam o ritmo); 3) Coreografia (movimentação dos participantes em fila, fila dupla, roda, roda concêntrica ou outras formações); 4) Temática (enredo da representação teatral). (CASCUDO, 2001, p. 241)

Assim, essas performances fazem parte de festas religiosas por todo o país. Ao retratar os folguedos da região Sudeste, o autor nos revela que as celebrações do calendário religioso detêm quatro tipos de ciclos muito definidos, a saber: o Natalino, do Divino Espírito Santo, do Rosário e o Junino. Neste trabalho, daremos atenção ao ciclo do Natal, que vai da véspera da data comemorativa até o dia 06 de janeiro, que corresponde ao de Santos Reis. Ao comentar esse ciclo, Passarelli (2003) criou um esquema que nos exemplifica a separação de dois tipos de festividades com características bastante distintas:

A - Folguedos do Ciclo do Natal, baseados nos costumes natalinos ibéricos, que preservaram-se predominantemente religiosos: Pastorinhas, Folia de Reis, etc.

B - Folguedos do Ciclo do Natal, baseados nos costumes natalinos ibéricos, que não preservaram-se predominantemente religiosos, seja por profanação crescente, seja por terem surgido como forma de contrafação dos costumes religiosos: Pastoril, Boi de Mamão, etc. (PASSARELLI, 2003, p. 2)

Dessa maneira, daremos ênfase aos festejos do Ciclo Natalino predominantemente religiosos ao abordarmos o Reisado das Pastorinhas, que preserva tradições portuguesas bem definidas em suas estruturas.

Para Colares (2019), as tradições ibéricas presentes no Ciclo do Natal são evidentes. A pesquisadora argumenta que o fundamento religioso apresentado pelo culto à Sagrada Família e às figuras dos Santos Reis que tanto visitam quanto adoram o Menino Jesus ilustra essa forte ligação entre o período em destaque e a religiosidade católica. Esse enredo da natividade está presente em muitas performances desse período, sobretudo nas representações que se mantêm mais voltadas para a religião.

2.2.1 - Reisados e Pastoris

A nomenclatura “Reisado” está no título do objeto central da pesquisa, entretanto, depois de significativo tempo estudando e lendo tanto sobre os Reisados

quanto sobre suas características, acreditamos que o Reisado das Pastorinhas se encaixe mais na categoria de Pastoril. Por isso, acreditamos ser necessário dividir esses dois termos e conceituá-los separadamente para uma melhor compreensão do tema.

Para embasarmos esse argumento, precisamos evocar o pensamento de Andrade (1982) em *As Danças Dramáticas do Brasil*. Na obra, o autor pontua, diferencia e caracteriza todas as danças dramáticas que conhece, afirmando que Reisados são folganças que derivam dos Reis Magos. Além disso, para o autor, o Reisado brasileiro procede do termo “Reisada”, que em Portugal significa “rapaziada”. No Brasil, a palavra passou a ser escrita no gênero masculino pela influência do Reinado; já “Reisada”, na aldeia de Friães (Minho) em Portugal, é uma conhecida como “Representação de Herodes com u (sic) Nascimento do Menino”.

Nesse sentido, Andrade (1982) afirma que as Reisadas ou autos populares de Natal minhotas, porém, não se parecem com os Reisados brasileiros; são mais assimiláveis aos nossos Pastoris, pois preservam, com maior intensidade, elementos mais religiosos em suas narrativas. Além disso, ao classificar Reisado, o pesquisador expõe: “Os Reisados são Folganças muito variadas. O característico deles é terem sempre, no fim de várias cantigas e danças, o brinquedo do Bumba-meu-Boi” (ANDRADE, 1982, p. 35-36). Brandão (2007) também está de acordo com o pensamento do autor ressaltado ao trazer a reflexão de que, além de celebrar os Reis, os Reisados também festejam os animais dos Presépios: o Boi e a Burrinha.

E o do Bumba-meu-Boi, talvez porque mais significativo para toda a região nordestina – tôda ela enquadrada dentro da “área do couro” e tendo ainda por cima a força das sugestões totêmicas européias e africanas foi engolindo todos os outros Reisados, incorporando todos os outros personagens e fragmentos dos autos e romances. (BRANDÃO, 2007, p. 14)

Vale pontuarmos que o Reisado da Pastorinhas não tem o elemento cênico e dramático do Boi na sua performance. Além disso, apresenta um forte enredo religioso de evocação ao Presépio e de adoração ao Menino Jesus.

Outro fato importante para citarmos é que “Reisado” é um termo comumente usado; Silva (2008) aponta que a palavra pode ser utilizada para se referir a muitas encenações que compõem o ciclo Natalino. Muitas não possuem nenhum tipo de conexão com o tema da natividade ou com os Santos Reis, mas isso não impede que os grupos voltados para a performance desses temas participem das Festas de Reis.

O pesquisador em questão percebe como há inexistência de uma generalidade entre os teóricos da área ao comentar que:

Falta unanimidade na definição conceitual por parte de estudiosos dos Reisados, em função da dificuldade classificatória dessas manifestações, posto que se compreendem em um numeroso grupo: as Folias/Companhias/Embaixadas de Reis, o Terno de Reis (baiano e sulino), Pastor, Tiração de Reis, o Presépio, as Pastorinhas, os Pastoris, o Bumba-meu-boi do Nordeste oriental, o Boi-de-Mamão, o Boi de Reis, o Reis de Bois, o Cavalo-Marinho, a Companhia de Pastores, as Reisadas, Reis de Careta e tantas outras manifestações. (SILVA, 2008, p. 202)

Essa falta de unificação conceitual faz com que cada autor enumere características diferentes em seus trabalhos. Assim, a ideia de Reisado pode ser aplicada como uma performance que contém o elemento do Boi, como coloca Andrade (1982) e Brandão (2007). Contudo, também podemos descrevê-la da maneira ampla e genérica tal qual Silva (2008) aponta.

Dessa forma, notamos uma dificuldade na compreensão. É possível que isso aconteça porque estamos abordando performances que se modificam e ganham novas características ao longo do tempo. Além disso, cada local e cada comunidade atribui suas marcas próprias, por isso é complexo traçarmos atributos engessados para cada uma. Apesar dessa complexidade, acreditamos que o Reisado das Pastorinhas pode ser considerado um Reisado de acordo com a ideia de performances variadas pertencentes ao ciclo natalino, como aponta Silva (2008). Porém, alinha-se categoricamente ao conceito de Pastoril ressaltado por Andrade (1982), tendo em vista elementos específicos destacados por ele.

Andrade (1982, p. 344) nos afirma que o Pastoril é “uma celebração do nascimento de Jesus, em forma dramática, de gênero pastoral, reproduzindo a adoração dos pastores e Reis Magos”. O autor ainda revela que *Autos Pastoris* ou *Presepe* eram composições teatrais realizadas em muitas localidades de Portugal durante as festas de Natal, Ano Bom e Reis, constituídas por uma série de pequenos autos e entremeses representados, em muitos casos, em palcos improvisados com cenário simples: feito com ramos de árvores como pinheiros e loureiros. Ao fundo, a tradicional lapinha era posicionada com a Virgem Maria, o São José, a manjedoura e os animais. Ao final, os personagens caíam ajoelhados adorando o Menino. No prólogo, a Noite, a Lua, o Sol, a Atenção e outros introduziam a representação.

Nesse sentido, além dessas figuras simbólicas no Auto dos Reis Magos, surgiam os Santos Reis que vinham adorar o Deus-Menino, sendo que também

aparecia Herodes, o truculento rei da Judéia. Consideramos interessante destacar que essas composições datam do século XVIII.

De maneira geral, Cascudo (2001) nos afirma que o Pastoril é uma ação teatral de assunto sacro, o qual nasceu dos dramas litúrgicos que apresentavam o nascimento de Jesus, a visita dos pastores e a adoração dos Reis Magos ao oferecerem incenso, mirra e ouro. O autor descreve os Pastoris como grupos de pessoas vestidas de pastores e pastoras que cantam ao ritmo de pandeiros, violões, cavaquinhos e instrumentos de sopro. Além dessas figuras bíblicas em destaque e das demais, há a presença do velho, do vilão, do saloio, do soldado, do marujo, de Diana, do Anjo e da Cigana.

Dessa maneira, sobre os personagens, Passarelli (2003) enuncia para nós que as Pastorinhas compõem um subgrupo das “Representações Pastoris”. Assim, o pesquisador enumera:

Basicamente as meninas vestidas de Pastoras, sendo comuns também a Sagrada Família e os Reis Magos. As vezes um Pastor, representado por um menino. Localmente surgem muitos personagens de caráter secundário podendo chegar a um número considerável: Margarida, Rosa, Jasmim, Sempre-viva, Noite, Lua, Jardineira, Florista, Floreira, Jardineiro, Padeiro, Velho (cômico ou sem comicidade e sem episódios picantes), Anjo, Borboletas, Ciganas, Libertina, etc. (PASSARELLI, 2003, p. 6-7)

Pensamos ser interessante observarmos que muitos dos personagens mencionados por Passarelli (2003) coincidem com os do Reisado estudado nesta pesquisa. Isto é, a Sagrada família, os Reis Magos, a Noite, a Lua, a Jardineira, o Velho, o Anjo, a Borboleta e a Cigana fazem parte do Reisado das Pastorinhas. Além disso, o pesquisador afirma que essas representações possuem características comunitárias e religiosas, também comentando que os grupos em questão visitam casas e igrejas assim como era feito no passado do nosso Reisado. Nesse sentido, cabe ressaltarmos algo: todos os traços apontados por Andrade (1982) e Cascudo (2001) se assemelham bastante com a estrutura cênica e dramática do Reisado das Pastorinhas de São João da Barra.

Horta (2000) chama a nossa atenção para o fato dessas performances se concentrarem na região sudeste próxima ao litoral. Sobre o assunto, Frade (1986) também acrescenta que o Pastoril pode ser amplamente nomeado como *Pastorinhas*.

Aliás, dentro desse, tudo é feito com louvores, pedidos de bênçãos e cânticos diante do presépio na Noite de Natal nas igrejas.

Assim, ao abordar a origem do Pastoril em território brasileiro, Passarelli (2003) afirma que:

Supõe-se que as representações pastoris existem desde data muito remota no Brasil, mas como são poucas as notícias antigas, não há certeza de data. Os padres Nóbrega e Anchieta, inspirados no teatro vicentino, tiveram grande importância nas antigas encenações religiosas, inclusive as natalinas e deixaram sabidamente marcas na cultura popular. (PASSERELLI, 2003, p. 4)

Horta (2000) apresenta para nós que os grupos de Pastorinhas fazem parte do Ciclo do Natal e significam uma reminiscência da tradição de se evocar eventos evangélicos, com destaque para as figuras dos pastores que, convocados por um anjo, seguiram guiados por uma estrela-guia até o Menino Jesus, encontrando o recém-nascido numa manjedoura junto aos seus pais:

A exemplo das folias, os grupos de pastores e pastoras saem às ruas visitando presépios e lapinhas, entre 24 de dezembro e 6 de janeiro. Também pedem licença para cantar, louvar e saudar o Deus Menino, e em alguns lugares é comum que as pastorinhas se apresentem dentro das igrejas, cada personagem entoando o seu canto específico, o que faz lembrar a origem desse folguedo, nascido dos autos de Natal da Idade Média e da Renascença. (HORTA, 2000, p. 116)

Andrade (1982) relata que já existiam Pastoris na colônia desde o primeiro século. Um fato interessante para salientarmos é que o autor não se encantou com esse tipo de performance; para ele, o Pastoril não tinha características essencialmente brasileiras e não teve uma grande aderência entre a população justamente por preservar elementos próprios da cultura da metrópole: “De fato o Pastoril é um fenômeno de imposição erudita, de importação burguesa, uma verdadeira superfectação, que jamais chegou a se nacionalizar propriamente, e nem mesmo a se popularizar” (ANDRADE, 1982, p. 350). A referência também argumenta que, à medida que esse Pastoril tradicionalmente católico e religioso performado pelas elites chegou às camadas populares, ele perdeu a característica de devoção à frente da lapinha e se transformou completamente:

Esse Pastoril burgês foi sistematicamente representado diante do presépio. Mas à medida que o Pastoril decaiu do seu esplendor burgês, infeccionou as camadas populares e virou também usança de libertinagem. Se tornou a maior parte das vezes representado por mulheres mais ou menos liberdosas de costumes, e o ambiente se

carregou de ditos mais ou menos pesados do rapazio assistente. (ANDRADE, 1982, p. 353)

Assim, Mário de Andrade nos revela que não encontrou nenhum Pastoril tipicamente religioso em suas pesquisas, fazendo duras críticas aos encontrados em suas andanças. Ele destaca que:

Nenhum dentre os que nos foram preservados, se conserva dentro do espírito católico e nem mesmo dentro da religiosidade popular. A profanidade é sensível, num sensualismo engordurado e balofo, cheirando a festa do colégio. (ANDRADE, 1982, p. 351)

Andrade (1982) ainda salienta que nenhum Pastoril se conservou católico ou dentro da religiosidade popular. Entretanto, ousamos dizer que ele certamente não visitou São João da Barra, pois aqui o Reisado das Pastorinhas ainda se preserva religioso e popular. Além disso, não há nenhum tipo de sensualismo ou erotismo feminino dentro do Reisado sanjoanense, traços tão ferozmente criticados pelo escritor. Poderemos confirmar esse fato no decorrer deste trabalho.

Uma característica muito relevante dos Reisados e Pastoris no município de São João da Barra se revela através do ritual de visitação às casas. Como vimos no capítulo 1, os cortejos e procissões são datados desde as festas religiosas greco-romanas; esses acontecimentos foram elementos amplamente adotados pelo catolicismo primitivo, passando pela Europa medieval até chegar ao Brasil colônia, conforme apresentamos no capítulo 2. Além disso, são muito populares até a atualidade.

Dessa forma, segundo Frade (1986), o cortejo e o desfiles são questões muito importantes quando os estudiosos discutem a respeito dos grupos de Pastorinhas, cujas pastoras desfilam junto a outros personagens. A pesquisadora salientada afirma que esses grupos podem se reunir ou não em forma de cordões, e o cortejo pode sair tanto de uma igreja como de uma casa, andando e cantando pelas ruas, além de parando de residência em residência; é feito um semicírculo para a ocorrência da apresentação em cada uma. Além disso, a performance também pode acontecer num palco ou num tablado em igrejas e locais públicos.

Nesse sentido, entendemos que normalmente o coro anuncia o personagem solista, que ganhava o centro e fazia a sua apresentação tanto cantando quanto

enumerando suas características e qualidades, assim como convidando os presentes para irem a Belém adorar o Menino Jesus.

Conforme pontua Rodrigues (1979), essas performances possuíam uma forte marca de caráter precatório em sua origem europeia. De acordo com a autora campista, contudo, isso não foi tão peculiar na região Norte Fluminense: para ela, os grupos aceitavam o que era oferecido a eles e o ritual de visitação às casas era uma troca de afetos entre os conhecidos das comunidades. Assim, as pessoas eram conhecidas e amigas e, nesse caso, não se cogitava o dinheiro mesmo quando se tratava de gente rica; as questões mais importantes eram a hospitalidade, a boa recepção e a confraternização. Nesse contexto, a bebida e a comida eram as ofertas da família que recebia a performance em sua residência.

Dessa forma, as autoras fluminenses Frade (1986) e Rodrigues (1979) destacam esse caráter tanto de alegria quanto de festa que caracterizava a festividade de Santos Reis na região, além dos relatos já vistos. Sobre o assunto, Brandes (2007), em sua obra, apresenta outras perspectivas que também faziam parte da festa: para a autora, o dono da casa também compõe o ritual de visitação, de modo que a maneira como ele recebe o grupo, como oferece a comida e como está emocionalmente interferem na performance, influenciando a cerimônia de sacralização de seu lar. Assim, compreendemos que o proprietário da residência visitada é um elemento indissociável da apresentação.

Brandes (2007) também apresenta o conceito de performance devocional para nós, destacando como há toda uma troca simbólica de relações e significados sagrados nele, que envolve o grupo visitante, o dono da casa e o divino:

No ritual de visita às casas, feito pelos grupos de Reis, Reisados ou Folias de Reis, essa relação entre devotos e Santos se torna complexa na medida em que as pessoas que recebem os devotos em suas casas também participam do ritual da visita, interferindo diretamente no desenvolvimento da performance que “sacraliza” o espaço doméstico. (BRANTES, 2007, p. 25)

Assim, as relações entre devotos e Santos se desenvolvem e se fortalecem através da performance devocional. Dessa forma, a performance tem a função de conectar o campo físico ao espiritual, algo que nos remete ao pensamento de Eliade (1992) já citado no início deste trabalho.

Nesse sentido, o ato de visitar as casas abrange uma dimensão social de trocas entre vizinhos, parentes e membros da comunidade, como também abençoa o espaço doméstico e os moradores por meio da performance.

3 – REISADOS E PASTORIS EM SÃO JOÃO DA BARRA

3.1- São João da Barra e suas tradições

Compreendemos que o povo do Norte Fluminense é religioso e teatral. Segundo o professor e historiador Fernando Antônio Lobato Borges em O Reisado (2017), a procissão da Paixão de Cristo e do Divino Espírito Santo, assim como o Carnaval, são festas populares na região que apresentam um alto teor de arte e encenação. A teatralidade, a arte, a religiosidade e a cultura são muito características da gente da planície, contudo, as pessoas da cidade de São João da Barra preservam essas particularidades de modo ainda mais forte.



São João da Barra está localizada no litoral norte do Estado do Rio de Janeiro e possui uma extensão territorial de 452,894 km². Além disso, a região contava com uma população de 36.102 habitantes em 2019, segundo estimativa do IBGE (2010).

Oscar (1977) nos afirma que o cerne da colonização efetiva do Norte Fluminense aconteceu em 1622 no território de São João da Barra, na localidade de Atafona, mais precisamente no local onde é o Santuário de Nossa Senhora da Penha hoje. Os responsáveis pelo estabelecimento do pequeno aldeamento foram Lourenço do Espírito Santo, pescador oriundo de Cabo Frio, e seus companheiros.

De acordo com Martins (2004), a pouca profundidade do Rio, o clima da planície e a extraordinária abundância de peixes da melhor qualidade foram os fatores ideais que atraíram a atenção dos navegadores. Porém, segundo relatos de Oscar (1977) e Carvalho (1888) que analisamos, o pescador Lourenço sofreu profundo infortúnio, pois sua esposa se afogou nas águas da foz do Rio Paraíba do Sul em Atafona. Triste e desgostoso, ele decidiu procurar nova morada há 3 km dali com o intuito de se distanciar da paisagem que lembrava o trágico acidente responsável por ceifar a vida de sua amada. Assim, em 1630 se iniciou fundamentalmente o povoamento da cidade de São João da Barra ao redor da capela de São João Batista, a qual foi erguida por esse homem cabofriense e seus companheiros.

Desde então, entendemos que a população do lugarejo cresceu e se desenvolveu com o passar dos séculos. Cheia de casebres feitos de palha na Beira-Rio, a pequena vila se desenvolveu, cresceu e se tornou uma cidade de pequeno porte, porém com grande influência econômica e religiosa, assumindo diversos traços culturais próprios também. Sobre as características da população de São João da Barra, o historiador João Oscar a descreve assim:

Seu povo, hospitaleiro, alegre, ordeiro e pacato, apegado a antigas tradições que se traduzem nas festas populares e folclóricas locais, tais sejam o Carnaval, a cavalhada, o reizado, a mana-chica, os bandos, as festas do laço em Praça João Pessoa¹ e outras, é dotado de elogiável religiosidade. (OSCAR, 1977, p. 19)

Podemos observar que o autor citado enfatiza a importância da dança, do teatro popular, da religiosidade e da fé para o povo de sua terra, salientando que o exórdio da população sanjoanense coincide com a construção da capela em louvor a São João Batista. Tendo isso em vista, ele conclui que o fervor religioso é um sentimento típico dos habitantes da cidade:

É um sentimento arraigado e enraizado, elogiavelmente tradicionalista, e se evidencia anualmente com os mesmos rituais nas festas religiosas, que o povo prestigia e acompanha com devoção e absoluto respeito. Porque esse é o feitio moral do sanjoanense. (OSCAR, 1977, p. 52)

Dessa forma, percebemos como a religiosidade católica é ressaltada com orgulho em detrimento de outras por Oscar (1977). Inclusive, apesar da importância de seu trabalho para a história da cidade, nada é comentado sobre outras religiões, como as de matriz africana; só o catolicismo é mencionado nas obras encontradas. Embora exista essa observação, podemos afirmar que, de fato, as festas religiosas possuem lugar de prestígio na configuração social do lugar em análise, sendo fundamentais na sua construção cultural e identitária. Assim, várias são as festas tradicionais para o povo de São João da Barra. Iremos citar algumas delas agora.

Ainda referenciando o historiador sanjoanense Oscar (1977), ressaltamos um dos seus registros: as festividades em honra ao padroeiro São João Batista são muito apreciadas pela população da cidade, de modo que ele destaca como o povo sempre se empenhou para a realização da festa tanto com o trabalho como com contribuições financeiras. Além disso, Oscar (1977) realça outras datas importantes: a celebração de Santo Antônio, a de São Pedro e a de Nossa Senhora da Penha.

¹ Na época em que o livro foi escrito, esta localidade fazia parte do município de São João da Barra, mas hoje pertence a São Francisco de Itabapoana.

Realizada anualmente uma semana após o domingo de Páscoa, sabemos que a comemoração em louvor à Penha ainda é uma das festas religiosas mais importantes e populares do município. De acordo com Santafé (1999), essa é uma tradição famosa que move uma grande romaria de fiéis fervorosos na praia de Atafona. Os moradores locais e os visitantes de cidades vizinhas, como Campos dos Goytacazes, têm grande apreço pela padroeira da praia. Para Santafé (1999), trata-se de uma grande manifestação de fé, que dura três dias e tem seu ponto máximo na grande procissão que sai pelas ruas da localidade na segunda-feira.

Dessa forma, com tudo o que discutimos neste capítulo, podemos concluir que a festa religiosa é, até hoje, uma parte fundamental da cultura sanjoanense desde a sua origem.

3.2- Performances Pastoris, Reis e Reisados na cidade

Conforme já ressaltamos, o ato de festejar os Santos está presente na comunidade sanjoanense desde seus primórdios; muitos são os festejos religiosos celebrados pelo povo da cidade, sendo alguns extremamente fortes e de ocorrência até então, contando com bastante entusiasmo dos moradores, dos visitantes e dos veranistas.

Nesse sentido, ponderamos ser interessante destacar que grandes multidões de fiéis possuem o costume de sair em procissão pelas ruas da cidade para comemorarem aos Santos da igreja católica, de modo que música, performance, fé e devoção podem ser vistas nessas celebrações. Contudo, muitas tradições foram se perdendo ao longo dos anos. Uma muito forte do nosso povo é a festa de Santos Reis.

Além dessa, inúmeras performances populares, como Reisados e Pastoris, aconteciam em São João da Barra com grande participação e apreço da população. Celebrações que uniam a sacralidade e o profano envolviam nossa gente; muitos eram os grupos que saíam em honra aos Santos Reis Magos.

O sanjoanense José Henriques da Silva nos deixou um relato precioso. Em Sá (1995), foi escrito que Zériques, como chamavam o jornalista, era um homem que possuía um lado boêmio bastante afluído, tendo sido caracterizado como alegre e folgazão. Ele sempre brincou e participou das festas de São João da Barra com grande empolgação, de forma que não foi diferente com a 6 de janeiro. A figura deixou um relato pessoal e saudosista, publicado em 1919, que nos traz memórias íntimas de como acontecia essa comemoração na cidade:

Noites de Reis! Com que saudade eu lembro esses belos tempos do Boi Iaiá, Boi Tainha, Cuiabá, Boi Porongo, Vaca Sabiá e tantos outros que alegravam as nossas ruas, seguidos de massas de povo em alegre vezeiro por entre as noites luarentas do mês de janeiro! Quem é que deixava de ver os peritos lançadores de chula, os requebros e mesuras do boi, os esgares do vaqueiro e pieguices do moleque, os provocadores trimiloquiques da mãe Joana, os saltitantes manejos do mandu, do guaxinim, do cavalinho e finalmente de toda aquela bicharia em homenagem à data de nascimento do menino Jesus? Quem deixaria de aproveitar aquelas belas noitadas onde as aventuras de Cupido faziam tais diabruras, que a gente de bom grado se deixava cair vencido nos braços do amor patife?... No entanto o caminhar dos tempos, o evoluiu do progresso, junto à escassez de dinheiro vão acabando com as nossas tradições, fazendo cada vez maior a nossa monotonia. Costuma-se dizer: - Isso são velharias dos atrasados tempos que a civilização atual condena. Seja, mas o que temos para substituir os folguedos do passado? Temos as ruas desertas, o desânimo, a indiferença e o ostracismo, visto que esse Progresso de que nos falamos em sua extensão mundial não teve ainda tempo e creio que nunca terá de chegar até nós. (SÁ, 1995, p. 45)

É curioso percebermos como a festa de Reis já havia se perdido em 1919. O Zériques se lamentava de que, mesmo nesses tempos, a brincadeira de reis já era considerada ultrapassada. Isto é, como disse, vista tal qual “velharia” por alguns. Assim, o texto de Sá (1995) nos permite entender que não havia mais bichos e bois nessa época, ou seja, fica comprovado que o processo de enfraquecimento das tradições locais acontece gradativamente há muito tempo.

Outro relato similar ao qual tivemos acesso sobre como ocorria a celebração de Reis no passado foi narrado por Santafé (1999) 80 anos depois da publicação de Zériques. Ao abordar suas lembranças pessoais das festas locais no livro *Atafona, vento nordeste*, Hélvio Santafé historiou como essa data era especial para os moradores da praia:

Outra festa tradicional, que desapareceu com o desenvolvimento local, foi a “Noite de Reis”. Quando ainda garoto, conheci diversos grupos folclóricos, que fantasiados na noite de 6 de janeiro, visitavam diversas casas (que eram avisadas antecipadamente), onde cantavam, dançavam com um estandarte pintado a imagem do menino JESUS. (SANTAFÉ, 1999, p. 78)

O autor ainda relata que os moradores das casas na praia de Atafona abriam portas e janelas na noite de Santos Reis para receberem os brincantes. Dessa forma, um dos pontos altos da comemoração era o oferecimento, pelos residentes, de quitutes, doces, salgados, cerveja, vinho e até cachaça. Além disso, podemos perceber uma tristeza em comum nos dois últimos relatos: a modernidade e os novos

costumes “civilizatórios” destruíram as tradições simples do povo. Os novos tempos anularam essas festas e instauraram um novo momento, que instauraram solidão e indiferença.

Uma autora fundamental ao pensarmos nas brincadeiras de Reis no município de São João da Barra é Anna Augusta Rodrigues. Em Rodrigues (1979), a pesquisadora registrou o resultado de extensos estudos e buscas na região Norte Fluminense, em especial nas cidades de Campos dos Goytacazes e São João da Barra.

Nesse sentido, um rico material de cantigas de reis foi coletado em todo o município. A autora nos revela que a palavra *reis* tem um amplo significado e era utilizada na região para designar qualquer brincadeira alegre que saía pelas ruas e caminhos. A ideia também se funde aos reisados, ternos, ranchos, loas e autos pastoris nas celebrações de Natal, Ano Novo e Dia de Reis, de modo que essa nomenclatura se conecta ao sentido variado de *Reisado* apontado por Silva (2008). Assim como Sá (1995) e Santafé (1999), Rodrigues (1979) também enumera a jucundidade e a festividade do povo fluminense como algo prestigioso:

A cordialidade e alegria que os reis espalham pela região é um traço cultural marcante na região, cuja população persiste no hábito, ainda que modificado pela evolução social. É o povo que os ama e preserva e lhes dá continuidade. (RODRIGUES, 1979, p. 27)

Essa citação vem mais uma vez nos certificar de como o ato de festejar sempre foi importante para o povo da região. A população local dava importância a essas performances e lutava para manter as tradições vivas apesar das dificuldades que os novos tempos trouxeram. Mais especificamente se direcionando para o município de São João da Barra, ela escreveu:

Em São João da Barra ainda se aprecia e, vez por outra, se apresenta algum reis de pastorinhas dirigido e transmitido por um punhado de sanjoanenses amigos das tradições. (RODRIGUES, 1979, p. 12)

Assim sendo, podemos notar o papel da comunidade sanjoanense no processo de preservação das antigas tradições. Como ressaltou a autora fluminense acima, que nos deixou registros preciosos sobre as festas de Reis no município de São João da Barra, muitos sanjoanenses contribuíram para perpetuar essas práticas culturais. A

partir do trabalho de Rodrigues (1979) e de informações que coletamos com os entrevistados deste trabalho, criamos esse mapeamento:

Figura 01: Mapeamento de Reis, Reisados, cantigas de Reis e performances Pastoris encontrados no município de São João da Barra/RJ



Porém, apesar de encontrar 26 performances, só temos notícia da manutenção de uma: do Reisado das Pastorinhas. Todas as outras deixaram de existir ao longo do tempo.

Fonte: elaboração nossa.

Apesar de relevância dessa performance Pastoril, até o momento do fechamento deste trabalho, notamos que não há notícia de trabalhos acadêmicos escritos e publicados especificamente a respeito do Reisado das Pastorinhas. O historiador sanjoanense Oscar (1977) cita, uma única vez no seu livro *Apontamentos para a história de São João da Barra*, a presença de “reizados” quando enumera quais são as manifestações folclóricas do município, contudo, infelizmente o historiador não descreve nada além disso. Tendo em vista outras contribuições acerca do assunto, a autora Rodrigues (1979) nos deixou grandes sobre Reis, Reisados e Pastoris da nossa cidade, enumerando muitas, mas não cita o Reisado estudado aqui.

Embora não tenhamos encontrado nenhuma inscrição publicada em livros e periódicos científicos a respeito do Reisado das Pastorinhas, o pesquisador Ulisses Passarelli (2003) traz contribuições interessantes acerca dos Reisados em São João da Barra: observamos alguns registros interessantes em *A Tipologia dos Reisados Brasileiros* quando o autor mapeia as “Representações Pastoris” no Brasil. Ele também não cita o Reisado das Pastorinhas especificamente, mas menciona São João da Barra e Campos dos Goytacazes como algumas das cidades do Estado que possuem essas encenações.

Considerando os Reisados, Passarelli (2003) descreve os diversos que existem no Brasil e salienta que alguns são tipicamente sanjoanenses, como o Reis de Sereia e o Reis de Mouro. O Reisado do Jaraguá também é citado, mas não é exclusivo de São João da Barra. De modo infeliz, informamos que nenhum desses são realizados em nosso município nos dias de hoje; apenas existem na lembrança de certos moradores da cidade.

Uma referência muito especial que encontramos foi a de Dulce Martins Lamas em *Pastorinhas, Pastoris, Presépios e Lapinhas*. Na obra, a autora não descreve especificamente o nosso Reisado, mas traz informações curiosas sobre São João da Barra.

Lamas (1978) documentou dois Pastoris extintos da Região Sudeste. Assim, um deles corresponde às Pastorinhas do Egito, do Morro de São Carlos, no Estácio, centro urbano da cidade do Rio de Janeiro, que contêm os seguintes personagens em comum com o Reisado sanjoanense: Anjo anunciante, Estrela-Guia, Velho, Marujo, Caçador, Reis Magos, Diana, Saloia, Lua, Noite. Não é descrita nenhuma relação entre esse Pastoril e o nosso, ou com nossa cidade, de modo que apenas o apresentamos, pois expõe semelhanças interessantes. Entretanto, ao pesquisar o segundo grupo, chamado Pastorinhas de Itacuruçá², Lamas (1978) apresenta as seguintes informações:

Segundo depoimento da Prof^a/Nilta M. Castro, estas Pastorinhas começaram a se apresentar na pequena cidade litorânea de Itacuruçá (Ex-Estado do Rio), no ano de 1915, devendo-se a iniciativa a certo membro de uma família, Sr. Rubens de Andrade, vinda de São João da Barra (Ex-Estado do Rio). As representações, feitas sempre no período natalino, eram muito bem recebidas, gozando sempre de grande sucesso e receptividade por parte dos moradores de Itacuruçá. (LAMAS, 1978, p. 69)

² Distrito litorâneo do município de Mangaratiba, sul do Estado do Rio de Janeiro.

Entendemos que a professora Nilta era a ensaiadora do grupo na época em que Lamas (1978) realizou a pesquisa. No livro, quando a autora descreve os personagens e as letras das canções, as semelhanças com o Reisado das Pastorinhas se tornam ainda mais instigantes, porém ela não citou o nome da performance em momento algum. Há uma grande repetição de vários personagens: Borboleta, Peixeira, Jardineira, Padeira, Saloia, Cigana e filha, Caçador, Rei Herodes, Anjo, Reis Magos, Marinheiros, Pastora, Cozinheira, Estrela, Lua, Noite e Velho. Essas Pastorinhas apresentam personagens, estruturas e músicas que não existem no nosso Reisado. Também temos figuras e canções que Lamas (1978) não relata.

Todavia, o que mais chamou a nossa atenção nesses escritos foram as letras das músicas de alguns personagens, pois determinadas canções têm as suas parecidas com as nossas. Como exemplo, citamos este pequeno trecho do cântico da Lua:

Coro:

O céu coberto de prata
Saudamos a Lua cheia,
Uma vaidosa sereia,
Sob as ondas se retrata.

(Lamas, 1978, p. 82)

Coro:

E o céu coberto de prata
Ao brilhar da Lua cheia,
No mar vaidosa sereia,
Sob as ondas se retrata.

(Reisado das Pastorinhas)

Embora existam diferenças muito grandes entre as Pastorinhas de Itacuruçá e o nosso Reisado das Pastorinhas, com personagens e canções que constam em uma manifestação e não na outra, é encantador o trabalho de Lamas (1978). Principalmente sobre Rubens de Andrade, que morou com a família em São João da Barra e se mudou para a praia de Itacuruçá posteriormente.

Assim, entendemos que essas Pastorinhas começaram a ser performadas na cidade do sul do Estado do Rio de Janeiro no ano de 1915. Infelizmente, segundo relatos de Lamas (1978), essas Pastorinhas do município de Mangaratiba não se apresentam mais desde o ano de 1966, o que consideramos uma verdadeira lástima. Entretanto, seguimos na luta pela perpetuação das nossas Pastorinhas sanjoanenses.

4 - O REISADO DAS PASTORINHAS E O PROCESSO DE TEATRALIZAÇÃO

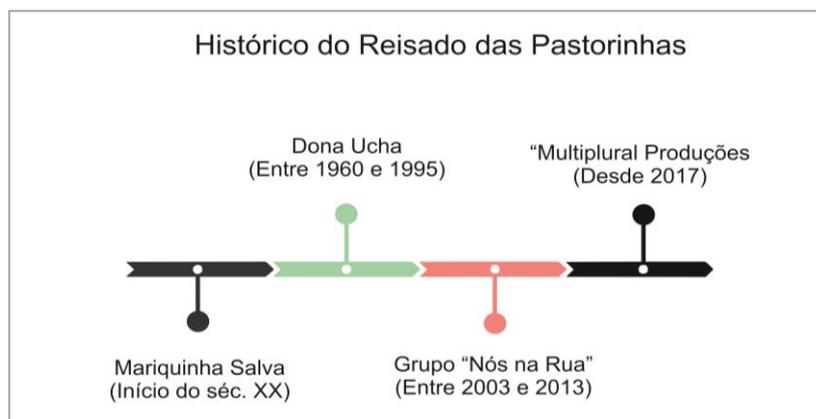
4.1 - O Reisado das Pastorinhas

Como discutimos no capítulo anterior, o costume de celebrar os Santos Reis perpassou gerações de sanjoanenses. Além disso, muitas foram as performances Pastoris, os Reisados, os Reis e os cantares de Reis encenados no seio do povo de São João da Barra.

Porém, é preciso evidenciarmos que tanta riqueza artística e cultural se perdeu ao longo dos anos, de modo que apenas uma performance desse tipo ainda resiste hoje: o Reisado das Pastorinhas.

No passado, esse Reisado foi executado por duas mulheres sanjoanenses que já não estão entre nós fisicamente: Mariquinha Salva e Dona Ucha. É importante destacarmos que ambas são personagens históricas importantíssimas para a compreensão da performance. Isto é, Mariquinha foi a primeira pessoa que sabemos ter realizado esse Pastoril na cidade na virada entre o século 19 e 20; Dona Ucha realizou a partir dos anos 1960 até 1995. Depois disso, entre 2003 e 2013, o grupo teatral “Nós na Rua” esteve à frente. Desde 2017, porém, a produtora “Multiplural” é a responsável pela realização do Reisado das Pastorinhas, como podemos ver na figura abaixo:

Figura 02: Histórico do Reisado das Pastorinhas



Fonte: elaboração nossa

Ao longo do capítulo 4, discutiremos sobre o Reisado em cada um desses momentos, considerando os relatos das pessoas que participaram das entrevistas e nos contaram como a performance em análise era feita a partir dos anos 1960, tendo em vista as décadas seguintes até chegar à atualidade.

Dessa forma, buscaremos montar o quebra-cabeças da história do Reisado e reconstruir, através dos entrevistados e das entrevistadas, as memórias da performance. Também compartilharemos a percepção dos participantes e das participantes em relação às mudanças artísticas e de costumes que ocorreram no decorrer do tempo.

Para começamos a comentar especificamente sobre o Pastoril estudado, voltaremos aos primórdios do Reisado em São João da Barra, de modo que analisaremos a sua forte característica itinerante agora.

As ruas e as casas da cidade de São João da Barra foram testemunhas dessas apresentações. O historiador Fernando Antônio Lobato, em *O Reisado...* (2017), afirma que o Reisado das Pastorinhas é uma performance voltada para retratar o nascimento do Menino Jesus e das visitas do três Reis Magos até o local desse acontecimento. Assim, os personagens que compõem a encenação vão até Ele com o intuito de louvá-Lo e adorá-Lo através de cânticos. Cada figura canta sua canção por meio de versos e quadrinhas.

Composto de 42 personagens, a divisão deles se deu em três atos no Reisado: no primeiro, surgem os que vêm anunciar o nascimento do Menino, as figuras bíblicas e as míticas, como o Anjo, a Maria, o José, os Reis Magos, a Lua e a Estrela. No segundo ato, temos os personagens que presenteiam o Menino, como a Jardineira que oferece flores e a Padeira que oferta seus pães fresquinhos à Sagrada Família. No terceiro ato, por sua vez, chegam os que são excluídos da sociedade: a Cigana, a qual pede esmolas para alimentar seus filhos, e o Velho, que pede aos presentes o recolhimento dos piolhos de sua barba. Cabe salientarmos que os personagens desse último momento pedem bênçãos e misericórdia tanto ao Menino quanto ao público.

12 Pastorinhas

Maria

José

O Anjo

O Rei Gaspar

O Rei Baltazar

O Reia Belquior	A Carpideira
O Rei Herodes, o tirano	A Saloia
02 Soldados	A Judia
A Noite	A Moleira
A Lua	A Teceloa
A Estrela	A Enfermeira
A Borboleta	O Caçador
A Jardineira	A Peixeira
A Profetiza	A Preta Velha
A Fruteira	O Marinheiro
A Padeira	O Velho
A Cozinheira	A Cigana com dois filhos

Todos esses personagens se apresentavam cantando para o Menino Jesus, homenageando-o e rendendo-lhes homenagens. As letras, das quais algumas podem ser observadas nos anexos, retratam o nascimento do salvador do mundo. Além disso, absolutamente todas as figuras e todas as canções possuem a natividade como tema central. Nesse momento, retornamos ao pensamento de Andrade (1982), Lamas (1978), Cascudo (2001) e Passarelli (2003) quando debatem sobre os Pastoris do Brasil e suas características; podemos observar que muitas se assemelham ao sanjoanense.

4.1.1 - Possíveis Origens do Reisado das Pastorinhas

Fernando Antônio Lobato Borges afirma que esse Reisado é uma herança portuguesa, comentando que veio de Portugal e se instalou em São João da Barra, tendo ganhado novas influências aqui. No programa da primeira apresentação da performance realizada pelo grupo teatral “Nós na Rua”, que ocorreu em 2003, está documentado que o Reisado das Pastorinhas deriva de antigas cantigas pastoris portuguesas e chegou até a nossa cidade através de navios que desembarcaram no seu antigo porto. Esse recebeu, inclusive, o nome de Cais do Imperador.

Nesse sentido, segundo o programa feito pelo grupo teatral (em anexo na p. 139), culturas oriundas de diversas partes do globo chegaram a São João da

Barra através das águas do Rio Paraíba do Sul. Assim, a pequena cidade foi se tornando cosmopolita na foz do rio, que na época era grande e caudaloso. Dessas trocas culturais ocorridas no período destacado, emergiu o Reisado das Pastorinhas, que representa uma rica parte da cultura do lugar.

Em entrevista para este trabalho, perguntamos ao historiador Fernando Antônio Lobato Borges quais são as razões responsáveis por fazê-lo crer que o Reisado das Pastorinhas teria uma origem portuguesa. Ele nos afirmou que essa derivação pode ser percebida principalmente através de três alegações: primeiramente, o autor chega a essa conclusão pelas pesquisas que realizou sobre o folclore brasileiro, sobretudo embasado na obra do folclorista Câmara Cascudo. Em segundo lugar, além dessas constatações bibliográficas, o sanjoanense também traz argumentos de sua observação para respaldar essa hipótese, analisando os personagens e comentando que muitos não possuem uma raiz indígena ou afro-brasileira aparente.

Dessa maneira, Fernando Antônio Lobato Borges explica que, além dos personagens bíblicos e dos míticos como a Lua, a Noite e a Estrela-Guia, alguns, como as próprias Pastorinhas, possuem uma gênese portuguesa. Para ele, o pastoreio era bastante forte em terras lusitanas e não representa a cultura brasileira. Assim, outros personagens do segundo e do terceiro ato, tais quais o Marinheiro, o Caçador, a Cigana e a Saloia, de acordo com o historiador, têm uma origem provável mais ligada à Europa.

O terceiro e último argumento se refere aos versos das canções. Para Fernando, essas apresentam elementos portugueses em sua estrutura literária e nas próprias palavras utilizadas, que muitas vezes se direcionam aos elementos da cultura popular do país da Península Ibérica. Esse Reisado português, então, chega com vários personagens e canções, de modo que aqui é, nas palavras do professor para nós, coberto de novos elementos:

Por que que eu digo que veio de Portugal? Por que isso tudo são, são, são análises minhas, da minha conversa com Dona Ucha, pesquisa de quem foi Mariquinha Salva, do texto do Reisado... Eu vou chegando a esta conclusão. Onde que tem pastoras? Em que economia e que sociedade econômica existem mulheres pastoras? Numa sociedade pastoril. Onde é que nós temos uma sociedade pastoril no Brasil? Em lugar nenhum. Você vai ouvir falar até de Diadorim, que era uma

sertaneja. Mas você nunca vai ver Diadorim com uma saia de renda na beirada, um avental, uma touca de flores... Não, não. A pastora é uma figura típica portuguesa. E como que eu vou fazer no Brasil uma dança e vou buscar lá em Portugal a figura principal? Então essas Pastorinhas, não só de São João da Barra, mas pelo Brasil a fora, é uma tradição portuguesa. É baseado nisto que eu digo. E aí eu acrescento mais, além da pastora: a Saloia, o Caçador, a Peixeira, a Cigana... Aí chega aqui e eles acrescentam a Preta Velha e esses são os enxertos que eu estou dizendo a você. (Fernando Antônio, 2021)

Relacionando as falas do historiador com a bibliografia apresentada, pensamos ser provável que sua análise esteja correta, de modo que é possível o Reisado das Pastorinhas ter preservado sua herança lusa. Vários autores citados neste trabalho já revelaram a forte presença de componentes culturais oriundos da cultura europeia e a observação de Fernando nos confirma isso.

Quando voltamos às Pastorinhas de Itacuruçá, descritas por Lamas (1978) como oriundas do município de São João da Barra, concluímos que possivelmente tiveram alguma influência do Reisado das Pastorinhas. Percebemos isso pois vários personagens e letras foram mantidos: a Borboleta, a Peixeira, a Jardineira, a Padeira, a Saloia, a Cigana e a filha, o Caçador, o Rei Herodes, o Anjo, os três Reis Magos, o Marinheiro, a Cozinheira, a Lua, a Estrela, a Noite, o Velho e apenas uma Pastora. Alguns personagens documentados pela autora não aparecem no nosso Reisado das Pastorinhas, tais como: a Camponesa, o Sol, três floristas, a Sinhazinha, a Baiana, Satanás, mais dois Anjos (ao todo são três), a Violeta, mais dois Marinheiros (ao todo são três), a Chuva, a Fada, a Libertina e o Pastor.

Figura 03: Da esquerda para direita: Judia, filha da Cigana, Peixeira, Saloia, Marujo, Rei Mago, Teceloa, Caçador, Jardineira, filho da Cigana em 2004



Fonte: Arquivo pessoal

Curioso pensarmos que o nosso Reisado das Pastorinhas também possui personagens que não são descritos por Lamas (1978); assim fica a dúvida sobre como eles teriam sido criados e excluídos, além de como isso pode ter acontecido. A Profetiza, a Fruteira, a Carpideira, a Judia, a Moleira, a Teceloa, a Enfermeira e a Preta Velha não são encontradas nos relatos de Dulce Martins Lamas, mas estão presentes no nosso Reisado fluminense. O que terá acontecido nos meandros da história? Serão essas personagens sanjoanenses ou será que foram acrescentadas de outras performances Pastoris que deixaram de acontecer? Ou, quem sabe, terão as Pastorinhas de Itacuruçá sofrido modificações por lá? Bem, até o momento não sabemos exatamente o que houve e talvez nunca saibamos, mas duas figuras intrigam o historiador Fernando Lobato: a Enfermeira e a Preta Velha.

Para Fernando, a Enfermeira é uma personagem peculiar, pois é uma profissional da saúde. Porém, ela chega ao local do nascimento de uma criança depois de o fato já ter ocorrido e, diferentemente das outras figuras, não leva nenhuma prenda; apenas relata como chegou à cidade de Belém.

Fernando também levanta uma questão sobre o seu surgimento. Como historiador, o entrevistado nos afirma que a figura da enfermeira não existia na época de Cristo, então é provável que essa personagem tenha sido criada já em solo sanjoanense, se formos analisar as datas. Para ele, talvez a criação da Enfermeira tivesse o intuito de incentivar a participação de alguma pessoa da comunidade que supostamente pudesse ter desejado atuar na performance:

Eu acho que a cada ano tinha mais gente querendo participar e eles foram acrescentando pessoas que hipoteticamente teriam ido visitar o Menino Jesus. E chegou a tal ponto deles inventarem uma Enfermeira! Que foge. Primeiro que enfermeira não é da época nem de Mariquinha Salva. A Florence Nightingale, que vai para a guerra da Criméia e é considerada a primeira, é do final do século 19. Então a enfermeira não é uma personagem que tenha vindo do Reisado de Portugal. Então aqui vai pegando: "Ah, tem Fulaninha que quer sair esse ano, dona Mariquinha; mamãe disse eu só vou sair se ela também sair, não tem mais roupa de Pastora! - Vou inventar! Eu tenho uma roupa que eu posso fazer uma enfermeira! Vamos fazer aqui os versos!" E se você vê, os versos são até mais tolos, já não são daquele requinte. (Fernando Antônio, 2021)

A Preta Velha também provoca mistério e especulações. De todas as performances Pastoris estudadas para a realização deste nosso trabalho, não percebemos nenhum personagem de origem africana ou indígena. Também não percebemos influência afro-brasileira em nenhuma letra, verso ou palavra. Mesmo o Velho e a Cigana, que alguns acreditam ter origem na Umbanda, já apareciam em relatos que atribuem suas raízes a Portugal.

Entretanto, a Preta Velha aparece no terceiro ato e não vimos nenhuma menção a ela em outro relato de nosso referencial teórico. Fernando Antônio imagina que talvez essa personagem possa ter sido criada em solo sanjoanense:

Para mim, a Preta Velha e essa galera foi acrescentada aqui em São João da Barra. Mariquinha tinha uma escrava: Roma. Eu conheci Roma. Roma morreu com cento e tantos anos. Mariquinha era solteirona, era filha única e ela tinha essa escrava Roma que depois foi adotada já velha por dona Juju, mãe de Mary, ali na praça. Roma eu conheci, sempre com uma bata, uma saia longa quadriculadinha preto e branca e descalça. Porque, você sabe que os escravos não usavam calçados, então a Preta Velha africana pode ter sido criada para uma homenagem. (Fernando Antônio, 2021)

Apesar da suposição do pesquisador, não podemos ter certeza sobre quem, de fato, tenha criado a personagem. Porém, vale ressaltar que todas as vezes de que temos notícia, ela sempre foi vivida por atrizes pretas. Contudo, é muito provável que tenha sido criada em São João da Barra.

Conforme já ressaltamos, não existe nenhuma Preta Velha ou Enfermeira nas descrições de Lamas (1978). Aliás, é preciso lembrarmos que essas não são as únicas personagens das Pastorinhas de Itacuruçá que não aparecem no Reisado das Pastorinhas e não surgem em nenhuma outra descrição deste tipo

de performance, nem nenhuma figura parecida é relatada em outros Pastoris pesquisados no referencial teórico. Como a performance de Mangaratiba começou a ser apresentada em 1915, tanto a Enfermeira quanto a Preta Velha podem ter sido idealizadas por Dona Mariquinha Salva nesse intervalo de tempo, como disse Fernando, ou talvez por Dona Ucha.

Não temos, no momento, condições de preencher essa lacuna; apenas podemos levantar questões. As duas personagens descrevem em suas letras que percorreram grandes distâncias para adorar o Menino Jesus e não levam nenhum presente. A música da Preta Velha tem uma melodia muito aproximada da canção da Moleira; esse fato levanta ainda mais nossas suspeitas. Disponibilizamos, abaixo, a letra que a Preta Velha canta:

*Sou Preta Velha Africana
Que vim também ver Jesus
Guiada pela Estrela
Com sua bendita luz*

*(Refrão das Pastoras)
Lá, lá, lá...*

*Léguas e Léguas andei
Para Jesus adorar
Na manjedoura sagrada
Ao Rei dos Reis vim louvar*

Figura 04: Preta Velha em 2004.



Fonte: Arquivo Pascoal Berto

Não podemos fazer nenhuma afirmação sobre o que realmente aconteceu e qual é a real origem da personagem, mas não deixa de ser um ponto intrigante desta pesquisa. Mesmo o historiador não sabendo precisar exatamente o que pode ter acontecido, o fato é que essa figura marca, ainda que de forma singela, a presença da cultura negra apontada por vários autores anteriormente citados, como Silva (2008). Será que essa personagem existiu em outros lugares e foi cortada de outras performances, sofrendo um processo de apagamento tal qual já apontou Martins (2003)? Será que outros personagens de origem africana passaram por essa situação? Ou será que foi criada em São João da Barra? Por quem?

4.2 - Mariquinha Salva

Dona Mariquinha Salva foi uma importante personagem da história que aqui contamos. Está escrito, no programa (em anexo p.139) da primeira apresentação do grupo teatral “Nós na Rua”, que Maria Umbelina dos Santos Salva nasceu e morou em São João da Barra, tendo falecido em 01/12/1942 aqui. Ela foi descrita como “uma verdadeira locomotiva social” e residia num ponto nobre da cidade, de frente para a praça de São João Batista, perto do Cais do Imperador; quase às margens do Rio Paraíba do Sul, ao lado da Casa de Câmara e Cadeia. Sua residência era descrita como “o ponto de encontro da intelectualidade sanjoanense na virada do século”.

Ainda segundo o folheto (em anexo p.139), além de ter realizado o Reisado das Pastorinhas, Dona Mariquinha Salva ensaiou quadrilhas juninas, foi musicista e responsável por ensaiar as “Verônicas” que cantavam na procissão do Santíssimo Sacramento, bordadeira das roupas para a festividade do Divino Espírito Santo, cozinheira, ensaiadora do coral da igreja matriz de São João Batista e participante tanto de cordões quanto de blocos carnavalescos. A religião católica estava muito presente nas suas realizações, assim como era uma pessoa muito envolvida com arte, sendo uma artista múltipla.

Sobre Mariquinha Salva, Jurema Vieira, professora e uma das fundadoras do “Nós na Rua”, disse o seguinte para nós:

Dona Mariquinha Salva trazia para sua casa jovens para a prática da cultura, a prática da arte, da expressão de poesias, saraus. E ela praticava esse Reisado dessa forma e resolveu doar [o caderno de letras do Reisado] para Dona Ucha, exatamente eu não sei qual era a proximidade entre elas, mas ela deixou para Dona Ucha que deu segmento, na visão de Dona Ucha, já não mais com Mariquinha Salva. (Jurema Vieira, 2020)

Inclusive, a importância do trabalho de Dona Mariquinha foi tão fundamental que o grupo teatral “Nós na Rua” lutou e conseguiu batizar o espaço onde foi a casa da artista como “Largo Mariquinha Salva”.

Para que ficasse gravado e fizesse parte da história Cultural de São João da Barra. (Jurema Vieira, 2020)

Além de ter sido uma pessoa extremamente envolvida com a vida artística e cultural do local, Dona Mariquinha era oriunda de família de posses: seu pai era um rico comerciante de tecidos da cidade. Ela não se casou nem teve filhos, de forma que dedicou sua vida às artes e às suas criações. A casa em que morou, no atual largo batizado com seu nome, não existe mais; ficava ao lado da Casa de Câmara e Cadeia, em frente à praça matriz de São João Batista.

Nesse sentido, achamos interessante comentar que a família de Mariquinha era católica e muito tradicional. Assim, seu pai foi a pessoa responsável por comprar a imagem de São João Batista da Igreja Matriz da cidade que veio da Alemanha. Sobre Mariquinha, Fernando nos contou:

Moema Magalhães³ me disse que ela era, Moema conheceu, Moema pequena visitou a casa de Mariquinha e ela disse assim: "Era uma francesa vivendo em São João da Barra". A casa era enfeitadíssima, requintadíssima; era uma mulher muito requintada. (Fernando Antônio, 2021)

Dona Mariquinha Salva possuía um acervo cultural inestimável, por isso mesmo, antes de falecer, ela delegou funções às pessoas que a acompanhavam. Dessa maneira, o Reisado das Pastorinhas foi entregue para a Dona Ucha Moreira pelas suas mãos de Mariquinha Salva, segundo o historiador Fernando Antônio.

³ Carnavalesca do tradicional bloco de carnaval “O Chinês”.

O professor nos informou que a proximidade entre as duas personagens aconteceu da seguinte forma: quando criança, a pequena Maria Elza morava relativamente próxima à casa de Mariquinha Salva. Assim, possivelmente ela participou do Reisado durante a juventude; talvez tenha sido uma Pastorinha:

Ao lado da casa de Mariquinha Salva era a casa de Chico Roberto, onde morou Dona Ucha. Então Dona Ucha tem, segundo a própria história contada por Dona Ucha, tinha este contato com Mariquinha Salva e acho que Mariquinha Salva pediu a ela para que não deixasse o Reisado morrer. (Fernando Antônio, 2021)

Dessa forma, foi assim que o Reisado passou de Mariquinha Salva para a Dona Ucha: com o intuito de que pudesse continuar realizando a performance. Essa é a próxima personagem da história contada aqui.

4.3- Dona Ucha

Figura 05: Dona Ucha em carnaval dos anos 2000



Fonte: Arquivo familiar

Assim como Dona Mariquinha Salva, um dos nomes mais importantes para a manutenção desta performance artística, cultural e religiosa é Maria Elza Moreira de Castro, a Dona Ucha. Ela lutou e realizou o Reisado das Pastorinhas por muitos anos. Além disso, seu nome é citado por Oscar (1977) como um expoente do folclore na cidade fluminense.

Ela nasceu em São João da Barra em 09 de outubro de 1913 e foi casada com Domingos Carvalho de Castro; os dois tiveram 11 filhos, 47 netos e inúmero bisnetos. Falecida em 2010 com 97 anos de idade, Dona Ucha havia uma família bastante numerosa.

Além disso, nossa personagem histórica gostava de movimento, festa e alegria ao seu redor, sentindo-se bem sempre que rodeada de pessoas, também gostando de encontros, trocas artísticas e religiosas entre os demais. Sua filha mais velha nos lembrou, com carinho, o comportamento da mãe:

Ela gostava desse ajuntamento de cantar, tocar violão, de interagir. Ela era uma artista e sempre gostou de estar nesse meio. Minha mãe é motivo de orgulho para mim, saudade, melancolia... É um prazer poder falar da minha mãe. Ela era família, gostava da casa cheia, de aconchegar todos. (Didinha, 2021)

Seu comportamento amigável e festeiro também se revelava forte quando era preciso; Dona Ucha era respeitada por toda a família e toda a comunidade sanjoanense por isso. De baixa estatura, ela possuía uma personalidade única e cativante, tendo liderado diversos grupos e sempre gostado de participar dos eventos tanto culturais quanto religiosos de São João da Barra.

Sua filha Didinha e sua neta Ana Neri nos contaram algumas das muitas coisas de que gostava de participar, tendo dito para nós que Dona Ucha foi atriz e participou de peças populares de teatro com a saudosa Dona Milva⁴. Além disso, a nossa figura histórica também fundou e foi técnica do primeiro time de futebol feminino da cidade, bem como exerceu a função de bordadeira do tradicional do bloco Congos por muito tempo, fazendo seus lindos bordados à mão com miçangas e paetês.

Figura 06: Fantasia bordada por Dona Ucha



Fonte: Arquivo familiar

Existia um grupo de bordadeiras que faziam verdadeiros mutirões nas vésperas de carnaval para que tudo saísse perfeito na avenida. Ao falar da figura que já exerceu essa função, o historiador Fernando Antônio nos disse que:

Dona Ucha era uma senhora da sociedade, uma benemerente ligada à cultura. Dona Ucha fazia teatro, bordava para os Congos e ela me disse que todo ano ela engordava um porco... (risos). É! Ela pegava o porquinho novinho, engordava o porco durante o ano, para no carnaval vender o porco para comprar os strasses da fantasia de baliza, que era ela que bordava, ela que era responsável. (Fernando Antônio, 2021)

⁴ Realizadora das festas de Santo Antônio, nas quais eram apresentados números artísticos com música e dança.

Nesse relato é possível percebermos o amor que Dona Ucha tinha por tudo o que fazia e o zelo pela qualidade de seus trabalhos. Sua filha Didinha e sua neta Ana Neri nos contaram que ela era uma grande apaixonada pelo carnaval de São João da Barra, principalmente pelo bloco Congos. Além de tantos trabalhos em prol da coletividade e da cultura da cidade, a nossa personagem histórica também realizava o tradicional Reisado das Pastorinhas todos os anos.

Assim, Nelma Fernandes, professora e participante do Reisado nos anos 70, contou para nós, com respeito, sua admiração pela matriarca sanjoanense:

Dona Ucha foi uma pessoa muito singular para a cidade. Realmente, uma pessoa que não é comum a gente encontrar, uma mulher do tipo de Dona Ucha. Era uma pessoa que gostava muito, realmente, de participar. E ela não só participava, ela gostava de promover os eventos, de participar das festas, promover festas. (Nelma Fernandes, 2021)

Dessa forma, podemos afirmar como essa era uma mulher especial que sempre batalhou por seus sonhos e ideais. Arte, religiosidade, festa e caridade faziam parte das muitas realizações de Maria Elza. Assim, sua neta nos informou de que Dona Ucha era uma pessoa a qual fazia tudo por amor e caridade:

Ela nunca ganhava nada. O centro espírita era por caridade, o Reisado... Tudo foi por amor. Não recebeu nada em troca, assim, de bens materiais; nada de interesse. Tudo por ajuda de outras pessoas que gostava de fazer caridade. (Ana Neri, 2021)

A filha e a neta de Dona Ucha nos disseram que ela gostava muito de ajudar e sempre tinha um coração aberto para o próximo sem olhar a quem. Nossa figura histórica acreditava em tudo o que fazia e colocava um pouco de si em suas criações. Dessa forma, ao longo de sua vida, realizou todos esses eventos graças à caridade da comunidade e daqueles que confiavam nos seus trabalhos.

Segundo Fernando Lobato, é impossível falarmos do Reisado das Pastorinhas sem mencionarmos a Ucha. Por isso, dedicamos um espaço para recontar sua história e seus feitos aqui, deixando registrada a importância dessa mulher para a arte e a cultura sanjoanense por meio deste trabalho.

4.3.1– O Reis de Dona Ucha

Conforme já salientamos, uma das grandes realizações de Dona Ucha foi o Reisado das Pastorinhas, também conhecido na cidade como Reis de Dona Ucha. Rodrigues (1979), autora mencionada em outro momento desta nossa pesquisa, disse que o termo *Reis* era amplamente utilizado na região Norte Fluminense para designar festejos em honra aos Reis Magos de vários tipos, de modo que a comunidade se referia à performance que escolhemos analisar também como Reis de Dona Ucha.

Antes de ser de Dona Ucha, esse Reisado foi de Mariquinha Salva, que passou o tesouro em questão para a matriarca. Ucha realizou o Reis por muitos anos e diversas pessoas da comunidade tiveram a oportunidade tanto de assistir quanto de participar da performance anual ao longo do tempo. As irmãs Amaral, Marly e Marlene foram integrantes do Reisado na década de 1960 com a nossa personagem histórica em análise, de forma que voltaram a participar em 2003 com Fernando Antônio.

Assim, as gêmeas destacaram para nós o cuidado que Dona Ucha tinha com os participantes, especialmente com as meninas jovens. O pai delas era bastante severo e não permitia que as filhas saíssem sozinhas de casa, principalmente à noite. Contudo, as duas puderam participar do Reisado, pois Dona Ucha foi pessoalmente convidá-las para fazer parte da performance, tendo conversado com esse responsável delas:

Era a única coisa que ele deixava ir, porque sempre tinha um responsável. E dona Elza, a conhecida Dona Ucha, ela ia na porta pedir os pais e era o que a gente tinha para sair. Ela ia na casa dos pais pedir para os filhos sair e ela se responsabilizava e quando terminava, ela ia de porta em porta entregar as pessoas aos seus pais. Tinha compromisso, aquela responsabilidade. (Marly Amaral, 2021).

Didinha também relatou o mesmo e disse que, no final de cada ensaio, quando não tinha nenhum adulto para levar os participantes em casa, Dona Ucha fazia isso. Essa atitude da nossa personagem possibilitou que as irmãs participassem, algo que era motivo de grande alegria para elas, especialmente porque não havia outras oportunidades de sair de casa pela repressão que sofriam do pai. As duas nos contaram que, quando Dona Ucha foi a casa da figura paterna delas para conversar e convidá-las para participarem da

performance, foi uma alegria: as irmãs sorriram de felicidade e adoraram o convite.

Esse costume era tão forte que, mesmo quase 20 anos depois desse relato, Dona Ucha continuava procurando as famílias para convidar as filhas e os filhos a participarem do Reisado. A professora Sílvia Maria participou de algumas das últimas apresentações do Reis de Dona Ucha nos anos 1990 e continua na atualidade. Assim, sobre o passado, ela nos contou:

O Reisado foi uma experiência maravilhosa pra mim: eu tinha 14 anos e a Dona Ucha, ela me viu cantar numa procissão também é... típica conhecida da nossa cultura que vem a ser a procissão da Senhora da Boa Morte e a procissão da Sexta-feira da Paixão que a gente tem aí a apresentação do cântico da Verônica. E por conta dessas duas apresentações, D. Ucha foi à minha casa fazer um convite para cantar no Reisado. (Sílvia Maria, 2020)

Sílvia nos relatou que sua família recebeu muito bem o convite de Dona Ucha, pois seus familiares, especialmente sua mãe, sabiam que ela era uma pessoa muito respeitada na cidade. Inclusive, algumas das suas tias já tinham atuado em anos anteriores.

Assim, a professora fez o papel de Anjo com muita felicidade, pois disse que nunca tinha participado de algo tão grandioso: até então, só tinha participado dos eventos religiosos católicos que, segundo ela, direcionavam-se a um público menor e mais restrito. O Reisado não se encaixava nesse contexto, pois era um acontecimento; havia muitos personagens e pessoas conhecidas da cidade participando dele.

Dessa forma, Nelma, que participou no papel de Jardineira num período diferente do de Sílvia, falou que o percurso até a casa de Dona Ucha e os ensaios eram uma grande festa:

Eu lembro da gente indo para lá, várias colegas minhas aqui de perto da minha casa, que também participavam, algumas vizinhas e colegas participavam, e nós íamos juntas, a pé, até a casa de Dona Ucha, e era muito alegre, era um momento de muita alegria, muita descontração, porque a gente ia pelas ruas, da nossa casa até a casa de Dona Ucha era um bom pedaço, era um bom trajeto, e ia aquela galera a pé. A gente ia brincando, cantando trechos das músicas, do refrão. Essa é uma lembrança que eu tenho. É um primeiro momento. E também quando a

gente estava ensaiando, quando a gente estava chegando lá na casa dela, já tinha um público na frente. Eu lembro bastante disso, tinham muitas pessoas, principalmente rapazes. Na época, era bicicleta ou a pé mesmo, alguns ficavam por ali sentados, em pé, conversando, porque esse ensaio, na realidade, esses ensaios eram como se fossem, assim, um acontecimento, eram alguma diversão, uma distração na cidade. (Nelma Fernandes, 2021).

Os relatos de Nelma, Sílvia, Marly e Marlene possuem um ponto em comum: abordam a alegria e a animação que envolviam participar do Reisado. Mesmo em décadas diferentes, ensaiar e apresentar eram motivos de encontro numa cidade pequena, algo que movimentava os jovens e os colocava em interação, proporcionando diversão aos participantes que, em sua maioria, eram adolescentes.

Esses relatos também se conectam ao que Didinha nos falou, um pouco antes, sobre o fato de Dona Ucha gostar tanto de pessoas ao seu redor. Esse amor a elas e essa vontade de celebrar a vida eram marcas muito fortes de sua personalidade.

Nesse sentido, os ensaios eram formas de festejarem, pois o Reisado é grande e possui muitos personagens, de modo que é preciso de bastante gente para participar. Assim, o encontro e a diversão que esses momentos proporcionavam aos participantes eram significativos.

Segundo os relatos dos entrevistados que participaram do Reisado na época de Dona Ucha, os ensaios começavam muito antes do período do Natal e se estendiam por boa parte do ano até culminar no período do ciclo natalino. Além de convidar pessoas da comunidade, Dona Ucha também contava com a ajuda de sua família numerosa, que também participava ativamente sob sua liderança atenta.

Quem ela podia colocar da família, ela colocava: netos, bisnetos, as filhas. (Ana Neri, 2021)

Assim, parte da prole de Dona Ucha participava da performance. Com o passar dos anos, nossa figura histórica incluía outros familiares, como netos e bisnetos, os quais, conforme cresciam, iam sendo convidados a fazer parte do elenco. De acordo com Didinha e Ana Neri, as pessoas da família não recebiam

um tratamento diferenciado: mesmo os familiares eram tratados com igual rigor pela líder; ela se portava igualmente com todos.

Lembro dela puxando a nossa orelha e gritando: "Bonitinha, até você? Cuidado que eu te tiro, hein! Não é porque é minha filha!" E dos gritinhos dela na ponta do pé. Ela era baixinha e ela gostava muito dessas coisas. (Didinha, 2021)

Nesse sentido, achamos interessante destacar que a família participava ativamente dos ensaios, da elaboração e das apresentações como todos os outros que eram da comunidade.

4.3.2 – O Centro Espírita São Sebastião

Segundo relatos, um fato instigante sobre o Reis de Dona Ucha é ter sido uma pessoa ligada ao Espiritismo e à Umbanda; isso desperta curiosidade em muitos. Os ensaios do Reisado aconteceram em dois locais: primeiro na sala de sua casa, depois no Centro Espírita. Nos dois, porém, esses eventos eram realizados no mesmo ambiente em que ela fazia seus trabalhos espirituais.

Na época das irmãs Amaral, os ensaios aconteciam na antiga casa de Dona Ucha: numa região da cidade conhecida pelos mais velhos como Campinho do Sul, hoje próxima ao barracão do bloco "O Chinês". Nesse período, os eventos em questão ocorriam na sala da casa em que a família morava; tratava-se do mesmo local em que os trabalhos aconteciam. Segundo Marly e Marlene, a sala era grande e já tinha bancos para todo mundo sentar, além de um altar, o qual escondiam com uma cortina. Assim, os ensaios já eram abertos desde lá e a comunidade costumava assistir a todos; muitos sabiam cantar o Reis, mesmo os que não faziam parte do elenco, por isso.

Didinha, a filha mais velha, também acompanhou os ensaios nessa casa; como os sanjoanenses costumam dizer, na região "lá de baixo" que o trabalho começou a ser realizado. Ela nos contou como a mãe conseguiu recursos para erguer o Centro:

Através dela, um conhecido, que era da minha avó, viu a minha mãe uma vez na festa da Penha, porque esse compadre da

minha avó... Minha avó já tinha essas coisas, né? Esses trabalhos aí, né... De espiritual, né. Então ele chamou minha mãe pra, pra... Minha mãe trabalhava nessas coisas de Espiritismo, mas era numa sala grande lá na outra casa. Na casa essa que eu falei que a gente morava, naquela rua atrás do Chinês, num tem? Eu fui criada ali. Aí, ele tinha armazém, ele tinha posses. Então ele vendeu um negócio dele lá e botou mamãe na direção, porque mamãe já tinha esse trabalho na casa dela. (Didinha, 2021).

Ele doou o terreno e colocou ela, porque ele também gostava dessa área. Ele gostava de fazer caridade e ele já era do tempo da minha avó. Ele via os trabalhos da minha avó e gostava, e depois soube que minha mãe trabalhava também e ele quis abrir o centro. Isso durou muitos anos. (Didinha, 2021).

Amigo da família, esse benfeitor se chamava Benedito e era contemporâneo da mãe de Dona Ucha. O senhor doou o terreno da rua Glaydes Teixeira, espaço onde a matriarca passou a realizar seus trabalhos espirituais, futuramente fundando o Centro Espírita São Sebastião. Anos depois, a família também se mudou para lá. Dona Ucha morou no local até o final de sua vida.

Esse terreno está localizado numa área central da cidade; toda a comunidade gostava de participar das festas públicas que Dona Ucha realizava no local. Uma dessas, que a nossa personagem central promovia anualmente, marcou gerações de crianças sanjoanenses e é lembrada até a atualidade: a festividade de São Cosme e Damião, a qual tinha uma grande importância para a comunidade, conforme podemos conferir pelo relato a seguir.

Dona Ucha distribuía, no dia de São Cosme e Damião, 27 de Setembro, Dona Ucha fazia uma distribuição muito grande de doces, ela distribuía milhares de saquinhos de doces. Crianças de toda cidade iam até esse terreiro para receber. Eu lembro que a gente fazia fila. Crianças da parte de cima da cidade, crianças da parte de baixo. Todas as crianças, não havia discriminação. Só não ia apanhar o doce lá, a criança que não queria ou que a família não deixava ir. Mas ela fazia uma distribuição farta de saquinhos de doces e era, assim, um evento, um acontecimento! Ela também fazia preces antes da distribuição. (Nelma Fernandes, 2021)

De acordo com Nelma, não há notícia de uma festa de São Cosme e Damião tão grande como essa na nossa cidade. Sobre os doces, sua filha Didinha relata a qualidade e o cuidado que tanto a mãe quanto a família tinham no preparo dos quitutes, os quais eram todos feitos de forma artesanal:

E na época de São Cosme e Damião era docinho mesmo! Feito em casa: era cocada, bolo, bombocado, cajuzinho, tudo feito manualmente. Era cada doce saboroso! (risos). Hoje em dia é muita coisa industrial. (Didinha, 2021)

Essa festa ficou tão famosa que inspirou outras pessoas a fazerem o mesmo. Assim, a tradição de distribuir doces ganhou força e adeptos na nossa São João da Barra. Dona Ucha, dessa forma, disseminou frutos do seu trabalho na comunidade:

A minha admiração por ela me fez tomar várias decisões na minha vida. Eu não sei se você sabe, mas eu distribuo doces de São Cosme e Damião. E ela fazia a festa de São Cosme Damião, era a festa de Dona Ucha. Tinha aquelas filas de criança gigantescas dobrando a rua. E era organizado e passava por dentro do, do, da... Por isso que muita gente diz que é doce de “macumba”... Da, da, da, da... Por que o doce de Dona Ucha tinha que passar por dentro do... Passar na frente do altar aonde tinha uma porção de Santos, inclusive São Cosme e Damião. (Fernando Antônio, 2021)

Além da anual festa de São Cosme e São Damião com uma grande distribuição de doces, Dona Ucha também realizava obras de caridade e trabalhos espirituais no Centro Espírita São Sebastião. Dessa forma, ela fazia festa em honra a São Sebastião no seu centro e fechava a rua em frente ao local, colocando um palanque para o evento, que acontecia na frente do terreno do Centro Espírita, virado para a rua, com uma programação vasta que fazia questão de organizar.

Segundo Didinha, muitos trabalhos de caridade, como a distribuição de bolsas de alimento, roupas e brinquedos, eram desenvolvidos por Dona Ucha na instituição religiosa. Ela também tinha o compromisso de colocar, às 18h de todos os dias, a oração da Ave Maria num alto-falante. Esse fato marcou inúmeros sanjoanenses e inspirou tanto respeito quanto admiração da população de modo geral:

Todos os dias, às 18h, aquele alto-falante, ele emitia a Ave Maria, tocava a música da Ave Maria. Então, de onde a gente estava, de acordo com a posição do vento, a gente ouvia bastante. Lá da minha casa, que não é perto da casa dela, lá na minha casa, a gente ouvia a Ave Maria. Aí tocava a Ave Maria, depois tinha uma prece, que eu acho que era uma prece gravada. A gente ouvia de vários pontos da cidade. Teve um período, quando ela estava mais nova, ela também falava

algumas coisas. Aí, ela também complementava a prece. E era assim, as pessoas já estavam acostumadas. Era bonito e também era uma coisa emocionante. Às vezes, as pessoas mais jovens, naquela época, não estavam muito atentas a isso, mas as pessoas mais velhas, as pessoas mais devotas, às vezes, elas paravam naquele momento ali junto com a Ave Maria de Dona Ucha, que chegava até as casas dos moradores da cidade. E as pessoas rezavam também junto, colocavam um copo de água para poder benzer a água na Ave Maria de Dona Ucha. Então, são detalhes assim marcantes, coisas que a gente lembra. (Nelma Fernandes, 2021).

Como podemos observar, Dona Ucha tinha uma atuação constante em São João da Barra e era uma pessoa simples, mas com um coração cheio de sonhos e vontade de realização. Seus trabalhos artísticos, culturais e espirituais foram muito importantes, de modo que ela também aproveitava o Centro Espírita São Sebastião para realizar os ensaios do Reisado.

Ela era espírita, ela fazia oração, ela rezava as pessoas. Bem, quando eu era criança, eu lembro disso, né... Que ela... Os nossos ensaios eram feitos no Centro Espírita, né, que era da família... (Sílvia Maria, 2020)

No centro, tinha aquela imagem de São Sebastião e vários outros Santos, eu lembro que tinha imagem de lemanjá. Tinha muitos Santos e também as divindades da Umbanda. Eu lembro que tinha a imagem de Preto Velho, lemanjá e lembro muito de São Sebastião e São Cosme Damião também. (Nelma Fernandes, 2021)

Tendo em vista os relatos que destacamos acima, alguns acreditavam e ainda acreditam que o Reisado das Pastorinhas possa ter influências da fé e dos trabalhos espirituais realizados por Dona Ucha no local. Sílvia Maria nos contou se lembrar de que essa personagem histórica da nossa cidade fazia uma oração em agradecimento a Deus no início e no final dos ensaios. Entretanto, todos os entrevistados para esta pesquisa negaram que possíveis simbolismos e elementos ligados à religião professada pela matriarca podiam fazer parte do Reisado. Veremos mais detalhadamente a visão deles sobre esse tema a seguir.

Nesse sentido, consideramos importante destacar que os dias de ensaio eram diferentes dos dias de trabalhos espirituais. De acordo com Marlene Amaral e Nelma Fernandes, isso era bem definido:

Os ensaios eram dentro do terreiro dela; claro, nos dias que não tinha o culto. Tinha os dias que reservava, acho que eram três

dias na semana. Então ela justamente colocava os ensaios em dias que não tinham os trabalhos lá no terreiro dela. Ela não misturava as coisas. Inclusive, durante os ensaios, ela nunca falava nada da religião dela. Ela nunca falou nada sobre isso. (Nelma Fernandes, 2021)

Ela sabia separar as coisas: a parte espiritual era a parte espiritual, o Reisado era o Reisado. Tanto é que a gente não participava dos trabalhos. E ela nunca convidou para a gente ir lá. Porque tem pessoas que aproveitam determinado momento para chamar. "Oh, vem aqui segunda-feira tem um trabalho aqui com Dr. Edwiges e os guias lá pra vocês se rezar e participar do centro..." Não, num tinha nada a ver. (Marlene Amaral, 2021)

Então fica evidente para nós que Dona Ucha separava os dias dos eventos no local. Porém, ainda pode restar a dúvida de alguns elementos da dramaturgia do Reisado terem certo tipo de influência da Umbanda de forma explícita ou oculta, considerando a narrativa, as letras e os personagens. Nesse ponto, buscamos investigar junto aos entrevistados:

Nada a ver. Está equivocado. Eu acho que o povo, alguém viu o negócio do Velho, a Velha, tinha a Cigana e levaram para esse lado, mas não tem nada a ver. Era o nascimento de Cristo e as pessoas indo ali levar o que tinham, outros que não tinham, cantavam para ele, né, e rendia homenagem ao Senhor Jesus e isso que era o Reisado. O Reisado veio de alguém do passado que minha mãe resgatou. Nunca vi isso lá! Não tem nada a ver, isso daí é uma coisa folclórica que ela lembrava do passado dela. (Didinha, 2021)

Não misturava as coisas... Não... Com certeza absoluta, não tem nada a ver. (Ana Neri, 2021)

Não! Não, não, não, não, não, não, não. Não podemos fazer nenhum gancho nisso aí. Não podemos fazer nenhum gancho e dizer assim: "Ah, ela fazia o Reisado porque ela tinha um Centro de"... Nem... Que... Não! (Fernando Antônio, 2021)

Tanto Didinha como Fernando Antônio relataram que o Reisado veio de lembranças e antigas tradições locais que Dona Ucha perpetuou. O professor, inclusive, insistiu que uma coisa não tinha nada a ver com a outra e que não via nenhuma evidência de que a nossa figura histórica possa ter modificado a estrutura da performance ou acrescentado algum elemento próprio da religião:

Não, não, não. A relação dela com o Reisado é esta que eu disse. Vem dela ter sido vizinha de Mariquinha Salva. E ela se incumbiu e talvez Mariquinha tenha deixado com ela os escritos. Porque ela tinha os escritos, volto a dizer, ela tinha os escritos. (Fernando Antônio, 2021)

O professor e historiador sempre falou dessa ligação entre Dona Ucha e Mariquinha Salva. Sendo assim, para ele, Dona Ucha herdou o Reisado e a partir daí deu prosseguimento ao trabalho realizado por sua antecessora.

Figura 07: Dona Ucha, de azul, coordenando trabalhos de caridade no Natal de 1982 no Centro Espírita São Sebastião.



Fonte: Arquivo familiar

Não temos dúvidas de que Elza Maria, a Dona Ucha, era uma mulher muito religiosa e fazia tudo com fé; isso está evidente em muitas realizações suas. Isto é, o momento da Ave Maria, as obras de assistência aos menos favorecidos, os milhares de saquinhos de doces distribuídos às crianças na festa de São Cosme e Damião, a festa de São Sebastião e o Reisado das Pastorinhas: todos possuem um cerne religioso bastante notável.

Percebemos que a Umbanda detém muitos elementos do Cristianismo, além de que a adoração a Jesus Cristo é muito forte e muito presente. Nesse sentido, a caridade também é um ponto em comum entre os trabalhos do Centro Espírita São Sebastião e a dramaturgia do Reisado, pois vários personagens fazem doações ao Menino Jesus e outros vão pedir ajuda material. Desde a Lua e a Estrela que brilham no céu para homenagear o nascimento do Reis dos Judeus, ao Anjo que anuncia o evento aos presentes, aos simples trabalhadores, como a Padeira, a Cozinheira e a Jardineira, que cantam e oferecem os frutos

de seus trabalhos à Sagrada Família, até chegar aos pobres que nada têm a oferecer, como a Cigana que pede esmolas para alimentar seus filhos pequenos e a Preta Velha que andou léguas para adorar Jesus.

Dessa forma, é possível notarmos que o Reisado das Pastorinhas, ao contrário dos Bailes Pastoris apontados por Andrade (1982), manteve-se essencialmente religioso. Isto é, de acordo com a análise da dramaturgia da performance e dos depoimentos dos entrevistados nesta pesquisa.

Assim, a ligação possível de estabelecermos entre a forte espiritualidade de Dona Ucha, o Centro Espírita São Sebastião e o Reisado das Pastorinhas é o evento de nascimento do Menino Jesus, assunto central do Reisado, que também é importante na Umbanda. Esses podem ser pontos de hibridez cultural e religiosa, porém essa é uma investigação profunda e detalhada, a qual deve ser feita de forma respeitosa. Além disso, exigiria um maior espaço. Neste momento, contudo, buscamos apontamentos. Assim, é evidente, a partir dos depoimentos coletados, que a caridade, a arte e fé no mundo espiritual marcaram as obras de Dona Ucha:

Ela era uma pessoa muito religiosa. Ela acreditava, ela tinha as crenças dela e acreditava mesmo; ela fazia tudo de acordo com essas crenças. O Reisado também é um evento artístico e religioso; tem toda aquela religiosidade, também, envolvida do Natal, dos Reis Magos, do menino Jesus. A imagem do menino Jesus que ficava lá no altar dela, no altar do terreiro dela, foi muito utilizada essa mesma imagem. (Nelma Fernandes, 2021)

Descrita por Nelma, essa imagem do Menino Jesus era muito especial para Dona Ucha e foi muito utilizada nas performances ao longo dos anos. Durante todo o tempo, a imagem ficava junto ao seu altar, sendo retirada para fazer parte das apresentações. Ou seja, essa imagem não era apenas um elemento ou um adereço de cena para ela; tinha um valor religioso agregado que pode ser conectado com o pensamento de Brantes (2007) ao abordar a performance devocional.

4.3.3 – Os ensaios

Os ensaios eram uma parte fundamental do Reisado e começavam bem antes do período de Natal, pois a performance tinha muitos personagens, de modo que todos precisavam ensaiar bastante para “fazer bonito” nas apresentações. Vários participantes nos descreveram, com muita clareza, os detalhes desses momentos e a forma como Dona Ucha conduzia o trabalho:

Ela tratava “no pau da goiaba”! Ela mesmo era ali, ó! (risos). No chicote! E todo mundo respeitava. Hoje em dia é mais maleável: hoje tá num ensaio, dá risada, um cai por cima do outro... Ela chamava a atenção e as pessoas respeitava e tinha que: "Oh, quem não quiser sair, não sai, mas aqui não é bagunça! Estão pensando o quê?". Chamava mesmo a atenção e ninguém respondia ela; abaixava a cabeça. (Marlene Amaral, 2021)

Achamos importante ressaltar algo: um elemento curioso e citado por muitos entrevistados foi uma bengala, que já foi descrita como uma régua ou cabo de vassoura. Dona Ucha usava esse objeto para impor disciplina e chamar a atenção em momentos nos quais o elenco se distraía, conversava ou até mesmo quando alguém esquecia ou errava alguma coisa:

A gente ensaiava muito. A gente ensaiava muito mesmo. E eu lembro, uma recordação boa... Dona Ucha no meio do salão com a bengalinha dela, e ela sabia todas as letras. Sabia tudo. E chamava a atenção, reclamava, puxava a orelha nossa, dava uns gritos com a gente, mas muito bom... (Sílvia, 2020)

Puxões de orelha e apitos também foram relatados nas entrevistas das pessoas que participaram dos ensaios. Ela tinha uma postura rígida e gostava de que tudo saísse conforme seu desejo, esforçando-se ao máximo para tal. Assim, outro relato que colhemos foi de Antônio Carlos Dias, que participa da parte musical do Reisado desde 2003. Esse entrevistado falou de seu primeiro contato com a performance quando ainda era criança e de suas lembranças dos ensaios que costumava frequentar. Isto é, pois ficava curioso com toda aquela movimentação de pessoas perto de sua casa:

Antes desse Reisado atual, eu já assisti alguns ensaios de Dona Ucha; eu morava, inclusive, na Rua São Benedito, próximo à casa dela. Eu era criança e quando eu ia lá curiosamente assistir os ensaios, e era uma formação totalmente diferente da atualidade, uma coisa bem rústica, bem natural da época, lembro dela com um cabo de vassoura na mão

dando as instruções dela. O grupo de músicos que tocava, eram músicos e instrumentistas da própria banda União dos Operários⁵ e se dispunham gratuitamente a fazer esse trabalho junto com Dona Ucha. (Antônio Carlos, 2021)

De acordo com os entrevistados, os músicos, que não eram muitos, participavam ativamente dos ensaios e das apresentações por amor e consideração à Dona Ucha. Assim, os instrumentos utilizados que foram relatados para nós são os seguintes: tropete/piston, cavaquinho, banjo, violão e pandeiro. Não havia eletrônicos, nem uma presença forte de itens de percussão; tudo era tocado de forma acústica.

Nesse sentido, achamos importante destacar que a música é um elemento muito importante desta performance; as letras e as canções tanto contam quanto adiantam a dramaturgia. Essas, inclusive, eram acompanhadas por uma dança, a qual era simples no Reisado, mas existia e precisava ser feita durante o canto de cada personagem:

Na época, as coreografias eram muito simples, só que havia um rigor de fazer aquilo ali. Tinha que fazer aquela simplicidade, mas tinha que fazer. (Nelma Fernandes, 2021)

As pastoras também fazem um leve bailado em seus lugares fixos e desenvolvem movimentações de um lado para o outro com o corpo, acompanhando o ritmo das músicas. Assim, suas mãos suavemente se erguem e seguram pandeiros, que atualmente são lampiões. Todas essas descrições dos entrevistados se conectam com muita fidelidade às características dos Pastoris apontadas por Cascudo (2001), já trazidas ao nosso trabalho no capítulo 3, de modo que mais uma vez é possível constatar como o Reisado das Pastorinhas é, de fato, um Pastoril.

Nesse sentido, a música sempre se mostrou como extremamente relevante nesta performance Pastoril; o canto era muito importante. Apesar de o Reisado ter alguns momentos de texto em versos rimados, a maior parte da dramaturgia era cantada pelos personagens e pelo coro das Pastorinhas.

⁵ Banda de Música centenária da cidade de São João da Barra.

Cantar e ter uma voz forte era algo que Dona Ucha apreciava. Ela transitava entre as pessoas e ficava em pé o tempo todo, atenta a tudo. Assim, para ela, o importante era cantar bem alto, com força e potência na voz, como nos contou Nelma Fernandes:

Ela gritava: “Que isso?! Coloca a voz para fora, Fulano. Você está engolindo a voz! O que está acontecendo?”. Às vezes parava o ensaio; queria que começasse tudo de novo. Tinha que cantar alto. Às vezes, acabava até comprometendo um pouco a afinação porque cantava muito alto e, naquela época, não tinha esse negócio de usar recurso de voz, nada disso. Era aquele canto mesmo: bem genuíno, bem primitivo. Aquela coisa. Aquela canto na garganta mesmo. Tinha dia que saía até meio rouca. (Nelma Fernandes, 2021)

Além disso, o ensaio durava mais de duas horas e todos precisavam cantar também no coro das Pastorinhas. Assim, Nelma apontou um certo cansaço vocal no final de cada um.

Além de cantar bem e alto, o ator/cantor precisava ser capaz de manter uma afinação para participar da performance. Dona Ucha buscava isso quando convidava as pessoas, de forma que ter uma voz forte e, se possível, afinada, eram alguns dos fatores preponderantes para que alguém fizesse parte do elenco.

Erros eram pontuados por ela, que normalmente não deixava passar e corrigia a todos. Sendo assim, podemos concluir neste item como os ensaios eram importantes para preparar o elenco e os músicos. Isto é, justamente porque o Reisado das Pastorinhas possui uma base musical relevante que adianta a ação dramática, Dona Ucha trabalhava arduamente durante meses nos ensaios para que tudo saísse como gostava.

4.3.4 – Os figurinos

Além das canções, percebemos que outro elemento capaz de despertar empolgação e orgulho nas pessoas entrevistadas é o figurino. Na época de Dona Ucha, os figurinos eram confeccionados pelas famílias dos participantes sob a sua orientação cuidadosa ou por alguma costureira da comunidade que fazia

peças assim. Certos detalhes, como o tipo de tecido e aplicações, precisavam atender aos critérios rigorosos da nossa personagem histórica.

A minha mãe é costureira, ela comprou o tecido e fez a roupa. As assas, a minha mãe conseguiu emprestado. Nós fizemos uma... Tinha um costume na época: a assa não podia ser de tecido, tinha que ser de pena. Não sei se tinha motivo. Dona Ucha cobrou muito isso. (Sílvia, 2020)

Como pudemos observar, quem fizesse o personagem “Anjo” precisava seguir à risca os comandos de Dona Ucha. Porém, outras figuras não tinham que atender a esse tipo de exigência: eram mais livres até mesmo para escolherem o modelo da roupa e o material utilizado.

Ela falava como ela queria; ela dizia para cada um como era, entendeu? Às vezes eu dava um pitaco, né? Porque eu era metida a estilista (risos). Eu costurava. Pelo menos a Noite, eu quis fazer a minha roupa naquela época. (Didinha, 2021)

Didinha nos contou, com orgulho, os detalhes de como criou, costurou e ornamentou seu vestido para a personagem Noite; ela ficou esplendorosa ao usar luvas e uma alta saia de tule com aplicações brilhantes.

As irmãs Amaral, que interpretaram Pastorinhas nos anos 1960, disseram que havia uma costureira responsável por fazer todas as roupas dessas meninas para saírem iguais:

Tinha costureira certinho para fazer. Mirene que costurava das Pastorinhas: a sainha vermelhinha com elástico, blusinha branca cigana fofinha, entendeu? Aí, tinha uns adereços, tinha uma tiara para colocar no cabelo com umas flores e, na mão, um pandeiro. (Marly Amaral, 2021)

Sendo assim, percebemos que a vestimenta era algo importante para a performance, podendo ter ligação com a forte tradição do carnaval de São João da Barra. O luxo das fantasias dos blocos Congos e Chinês é forte na cultura do lugar. A Dona Ucha, inclusive, era bordadeira da agremiação Congos.

4.3.5 – As apresentações

Ao longo do tempo, Dona Ucha realizou o Reisado das Pastorinhas de duas formas: da mais tradicional, que acontecia nas ruas e de casa em casa, e nos palcos. Didinha nos contou que gostava de ver as personagens em desfile pelas ruas; para a filha mais velha de Dona Ucha, uma das mais importantes características do Reisado era a visitação nas residências. Assim, ela nos deu detalhes sobre como era a formação cênica da performance:

Eu achava lindo quando as Pastorinhas vinha cantando na rua com aquele pandeirinho; eu me arrepiava. E os personagens no meio. Com duas filas de Pastorinhas, era 6 de um lado e 6 de outro. Na frente, os personagens principais: José e Maria. E atrás, os outros em fila; em duas filas. (Didinha, 2021)

Marly Amaral nos disse que os personagens iam no meio, de dois a dois. Esses pares eram formados por figuras parecidas, como a Cigana, que ia ao lado do Velho, e a Lua, que ia ao lado da Noite. O trajeto até a casa do dia já era uma encenação em si. Dessa forma, uma vez nas ruas, os atores cantavam o “Hino da Rua”, uma canção que diz o seguinte:

*As Pastorinhas saem na rua com alegria
Pra festejar Jesus filho de Maria
(...)
Entoando nossos hinos em louvor
Pra festejar Jesus nosso Salvador!*

Assim, o Reisado percorria as ruas de São João da Barra até a casa que foi programada para aquele dia. Segundo Marly, eram os proprietários das residências que entravam em contato com Dona Ucha e pediam para que a performance acontecesse nessas; a visitação não era aleatória, mas fruto de uma combinação prévia. Dessa maneira, o Reisado visitava a casa de uma pessoa da comunidade sanjoanense a cada dia:

E as pessoas recebiam com muita alegria! Fazia bolo, fazia uns salgados, né, naquela época existia o licor de rosa, de jenipapo. Era um banquete para receber, então faziam com muita fartura, porque era muita gente! Além dos personagens, as pessoas que acompanhavam. Eram todos muito bem recebidos com carinho, com muito amor. Tudo muito bonito, muito lindo mesmo. (Marlene Amaral, 2021)

Além do elenco, dos músicos e dos donos das casas, muita gente também seguia e acompanhava o Reisado:

Nós apresentamos em outras residências, mas a residência que mais me marcou foi essa, de Ditinho Campista, até por ser perto da minha casa e porque, eu lembro, que reuniu, assim, um grupo muito grande de espectadores, de plateia, na frente da casa dele. As pessoas, algumas até entraram, conseguiram entrar no quintal da casa deles, mas nem todas as pessoas entraram. Tinha muitos rapazes que não tinha tanto jeito assim. Mas as pessoas gostavam de ficar na rua, na frente da casa da pessoa, ouvindo as músicas, a movimentação. (Nelma Fernandes, 2021)

Algumas famílias sempre pediam para que o Reisado fizesse a visita. Essa era uma forma de abençoar a residência e a família, mas era preciso que essa tivesse uma certa condição de arcar com o banquete oferecido para tantas pessoas, além de outra para promover o evento da chegada da performance.

Nesse sentido, a casa que Nelma Fernandes mencionou para nós, a de Ditinho Campista, era uma dessas. De família numerosa, tratava-se de um político já falecido da cidade. Amiga de Dona Ucha, a família sempre convidava a performance para visitar a residência, mas nem todas eram tão grandes assim e, em muitos casos, a situação se revelava de forma diferente:

E tinha casas que era pequena, não dava para esse povo todo. Aí, a gente ficava na varanda, outros ficava do lado de fora. Quando a casa era pequena, não cabia o Reisado todo e as pessoas que acompanhava. Então tudo isso era dividido direitinho para ninguém ficar com queixa. E tinha os ciumentos: "Ah, fulano entrou, eu não entrei. Maria entrou e João ficou." Então tinha que ser dividido. Tinha gente que ficava até zangada: "Ah, num cantei lá, também não vou não!" E, às vezes, não ia mesmo não. Deixava na mão, minha filha! (Marlene Amaral, 2021)

Era preciso organização para lidar com tantas pessoas e com tanta complexidade envolvida. Marly nos falou que o Reisado não era apresentado todo em cada casa; havia uma divisão. Assim, alguns eram escalados para cantar naquele dia e outros não, mas todos precisavam acompanhar todos os dias. Quando perguntei se todos cantavam o Reisado em todas as casas, Marly respondeu:

Não. Senão, não dava tempo e amanhecia o dia! Dividia assim: hoje, por exemplo, eu ia na sua casa e colocava uns cinco

números, cinco personagens: botava o Velho, a Cigana, o Anjo, a Noite e, aí, no outro dia, pegava alguns da mesma maneira, porque eram muitos. Os principais não podia deixar de cantar, mas já outros... (Marly, 2021)

O Reisado completo é muito extenso; são muitos personagens e muitas canções. Foi por isso que, no trecho acima, Marly indicou que se a performance ocorresse de maneira completa em cada casa, os integrantes amanheceriam o dia cantando o Reis. Adotou-se, por essa razão, esse sistema de alternância para que a apresentação não ficasse cansativa. Apesar disso, as irmãs Amaral nos relataram que alguns personagens não entravam na organização de escala de participantes da história e sempre cantavam, como era o caso do Anjo, dos Reis Magos e do Herodes.

Cada visita era uma celebração com música e comida, mas também havia o fortalecimento das relações sociais, pois a comunidade se integrava em prol da visitação; receber o Reisado era uma alegria e uma bênção para a família, que agradecia a ida do Reis com acolhimento e comida. Isso nos remete à obra de Brantes (2007) quando a autora aborda a performance devocional. Ademais, podemos trazer o pensamento de Eliade (1992), Perez (2010) e Claval (2014),

Figura 08: Atores do Reisado das Pastorinhas numa casa da comunidade. A foto foi publicada no jornal Voz de São João da Barra em janeiro de 1975.



Fonte: Arquivo Fernando Antônio Lobato

que apresentamos no capítulo 1, a respeito da conexão que a festa religiosa proporciona aos indivíduos e à comunidade. Isto é, laços sociais e espirituais são consolidados através da festa.

Apesar da tradição de visitação às casas ser muito forte no Reis de Dona Ucha, ela também costumava realizar a performance em diversos palcos, praças e clubes; até mesmo em municípios vizinhos. No ano em que Nelma participou, entre o Natal de 1974 e o dia de Reis de 1975, além da visitação às casas, o Reisado também foi apresentado na praça de São João nos dias 24 e 25 de dezembro. Essa apresentação não foi em palco, mas entre o chão da praça e a escadaria da igreja matriz de São João Batista. Assim, cadeiras foram colocadas ao redor para que a plateia pudesse se acomodar, mas essas não foram as únicas encenações públicas:

Fizemos, também, apresentação na praça de São Benedito, na quadra, mas da mesma forma, no ano novo. E fizemos apresentações, também, no Grussaí Praia Clube, na quadra do Grussaí Praia Clube, e o palco que eu lembro que a gente se apresentou foi o do Sesc em Campos; foram várias apresentações. (Nelma Fernandes, 2021)

Cabe salientarmos que essas duas apresentações, na praça de São Benedito e no Grussaí Praia Clube, foram em quadras de esportes. No Sesc Campos, a apresentação aconteceu no palco do teatro.

Nesse sentido, o depoimento de Nelma para nós coincide com o relato de Fernando Antônio Lobato, que não participava na época, mas já estava atento ao Reisado. Inclusive, esse foi o momento em que o entrevistado se encantou com a performance pela primeira vez. Nesse dia, nessa apresentação na praça de São Benedito de que Nelma participou, o jovem Fernando teve seu primeiro contato com o Reisado e isso mudou tanto a sua vida quanto a história dessa tradição anos depois. Isto é, ele e sua família moravam justamente em frente a esse local e, durante as comemorações de fim de ano em sua residência, o Reisado passou, de modo que o historiador foi correndo olhar o que estava acontecendo na rua:

E aí, passa pela porta lá de casa, a gente comemorando o Natal, isso devia ser 10h, 11h da noite, aquele cortejo. A praça de São Benedito tinha no meio uma quadra de esportes, era um jardim

ali em frente de casa, com árvores. E lá no final, no outro lado, contrário de mamãe, tinha um redondo com coisa para hastear a bandeira, e no meio da praça tinha aquela quadra. E aí, passa aquele cortejo de figuras folclóricas em direção à praça. E aí, eu fui lá para ver; vovó estava lá em casa e era o Reisado de Dona Ucha. (Fernando Antônio, 2021)

Fernando também nos contou sobre o Sesc Campos e revelou que, nos anos 70, a instituição tinha uma programação muito atenta às performances populares da região. Ele apontou que isso se deu por influência de Anna Augusta Rodrigues, pesquisadora e autora de textos acerca do folclore na cidade; inclusive, ela é uma das referências mais importantes deste trabalho.

Dessa forma, Fernando nos disse que Anna Augusta Rodrigues conhecia Dona Ucha, tendo chegado a levá-la ao Sesc para apresentações em Campos dos Goytacazes.

O Reisado seguiu até não ter mais alguém para representá-lo e coordená-lo como as figuras históricas ressaltadas em capítulos anteriores e foi aí que começou o trabalho de Fernando Antônio Lobato. Depois de Mariquinha Salva e Dona Ucha, Fernando se apaixonou pela performance e decidiu lutar por ela. Sua primeira iniciativa ocorreu quando assumiu a secretaria de cultura do nosso município nos anos 90:

Ranufo Vidigal, ele ganha as eleições no fim de 92 e, em 93, ele me entrega logo a cultura, e uma das primeiras coisas que eu faço é chamar a Dona Ucha para remontar o Reisado. Eu disse a ela que eu bancava a roupa e a música se ela se animasse a montar, a remontar o Reisado. Aí, ela remonta com a família dela, ensaia tudo direitinho e eu vou com ela a Campos, e a gente tinha as lojas em que estávamos autorizados. E aí, compra-se o material e ela mandou fazer, pessoas; cada uma fez a sua roupa. (Fernando Antônio, 2021)

Podemos dizer que, através de Fernando, essa foi a primeira iniciativa de apoio do governo municipal ao Reisado das Pastorinhas. A estrutura de figurinos, de música e de ônibus foi fundamental para a realização destas apresentações em 1993. Graças a essa iniciativa, nossa entrevistada Sílvia conheceu e participou do Reis. Ela nos contou que não houve visitação às casas nesse ano, mas aconteceram duas apresentações: uma na sede do município e outra no 5º distrito de São João da Barra:

Quando a gente começou ensaiando, a gente ensaiou praticamente para um espetáculo. Foi no Ginásio de Esportes daqui de São João da Barra e depois houve um convite para fazer uma apresentação no 5º distrito. Mas nada com focos de luz, como hoje a gente tem apresentações lindíssimas. Na minha época, era mais... Não tinha quase recurso, era tudo muito mais simples. Também, a situação antigamente era bem mais difícil. As roupas, algumas tiveram ajuda da prefeitura. O governante da época era o prefeito Ranulfo Vidigal. Algumas [roupas] tiveram ajuda; alguns figurinos receberam realmente ajuda, outros não. (Sílvia Maria, 2020)

Esse momento foi muito importante para a perpetuação do Reisado, pois marcou o encontro de Dona Ucha com Fernando Antônio Lobato. Além disso, a matriarca já tinha idade avançada nessa época e já sentia dificuldades de liderar a apresentação. Os ensaios e toda a logística de cada uma, nas casas e em diversos palcos, exigiam muito esforço dela.

Dessa forma, o incentivo do professor, que neste momento se encontrava tal qual gestor público, foi fundamental para que as próximas páginas do livro de memórias do Reisado das Pastorinhas continuassem sendo escritas. Podemos afirmar que o interesse de Fernando Antônio inaugurou um novo tempo para esse Reis. Assim, a continuação dessa história se consolidará no próximo subcapítulo.

4.4- O Grupo “Nós na Rua” e a teatralização da cultura popular

Segundo relatos que colhemos, o Reisado de Dona Ucha teve uma história longa e promissora. Em 1995, porém, ele foi apresentado pela última vez em seu formato original pela matriarca. A idade avançada se tornava um empecilho cada vez maior e nenhuma outra pessoa manifestava vontade de continuar realizando a performance.

Assim, anos se passaram desde que Fernando Antônio foi secretário de cultura. O Reisado das Pastorinhas parecia pertencer ao passado cada vez mais. Essa história terminaria aqui, nessas linhas, porém continuou e continua sendo escrita graças à iniciativa de um grupo de artistas de São João da Barra que formaram o grupo teatral “Nós na Rua”, liderado pelo professor em questão, citado inúmeras vezes neste nosso trabalho:

Na verdade, eu usei o "Nós na Rua" para isso. Eu já tinha tentado com a própria Dona Ucha e não deu certo, não tivemos força suficiente com ela e o grupo dela, porque a minha intenção é que ela formasse. (Fernando Antônio, 2021)

Entendemos que o Reisado das Pastorinhas era um projeto antigo e pessoal de Fernando Antônio. Desde que assistiu à performance pela primeira vez na praça de São Benedito, em frente à casa de sua mãe, o professor nunca mais a esqueceu. Assim, ao longo do tempo, sempre lutou como pôde para que essa performance não acabasse. Sua primeira iniciativa, como já foi destacado, ocorreu como gestor público em 1993; a ideia dele era dar suporte financeiro e estrutural para que o Reis se sustentasse tanto com Dona Ucha quanto com seu grupo. Porém, a performance não se sustentou por muito tempo nesse formato, de modo que em 2003, já com o grupo teatral, o historiador retomou seu antigo compromisso:

Sim, aí, quando foi em 2003 com o grupo "Nós Na Rua" novamente, ou seja, este meu compromisso com o Reisado, ele é sempre retomado. O que é um compromisso meu, sabe? Esses meus compromissos, quer dizer... Eu escrevi até no Face um dia antes do meu aniversário... Eu creio que a gente programa a vinda da gente. A gente, espírito, combina com um grupo de espíritos superiores, mestres... [...] Eu não combinei com ninguém, não prometi a ninguém, mas acho que é lá de cima essa missão de cuidar, não deixar São João da Barra tão abandonada... E não tem sido fácil... (Fernando Antônio, 2021)

Assim que teve uma oportunidade, Fernando lançou a ideia ao grupo de artistas que, como ele mesmo disse, era muito animado, então concordou em montar o Reisado. A ideia, contudo, não surgiu desde o início: conforme uma das fundadoras do grupo, a professora Jurema Vieira, primeiro os integrantes buscaram criar uma cultura teatral na rua para que as pessoas da cidade se acostumassem com a ideia de ir ao teatro. Ela nos contou que, na época, o prédio do Cine Teatro São João estava fechado e abandonado, de forma que um dos objetivos deles se baseava em lutar por aquele espaço e ocupá-lo com os artistas e a comunidade local. Porém, para isso, fazia-se necessário que as gentes se acostumassem com o teatro e dessem valor a ele. Pensando na melhor maneira de fazer isso acontecer, começaram esse processo de formação de plateia nas ruas, praças e casas da nossa São João da Barra:

Na verdade, foi uma experiência de Cultura, de trabalhar Cultura; surgiu da necessidade de se ter jovens trabalhando com a cultura, com a arte, de um modo geral. Começou em encontros, em conversas, e depois houve necessidade de se formalizar, até porque a aceitação foi muito grande. E o objetivo imediato era se trabalhar a juventude e o povo, de um modo geral. É fazer arte na rua para que todos visualisassem todas as etapas. [...] Então, inicialmente, o objetivo foi formar público. Educar para o Teatro dentro de um espaço físico fechado. (Jurema Vieira, 2020)

No início do grupo, havia apresentação de alguma peça em todos os domingos após a missa na igreja matriz. As famílias sanjoanenses têm o antigo hábito de passear na praça aos domingos à noite; depois desse evento religioso, sempre se forma um público que sai do local. Assim, os artistas ficavam esperando o término para aproveitar as pessoas que estavam indo embora da celebração.

Nesse sentido, com o passar do tempo, nesse mesmo dia e horário, os artistas do grupo também procuravam outras praças em localidades diferentes do município. A Kombi da centenária Banda União dos Operários levava os atores; através de uma caixa de som acoplada ao teto do veículo, saía o áudio necessário para a encenação. As peças infantis eram feitas em fachadas de casas emprestadas aos integrantes. Soubemos que, muitas vezes, o único público era aquela pequena vizinhança ao redor.

Com o passar do tempo e com a constância do trabalho, a comunidade sanjoanense se acostumou com o teatro nas ruas, casas e praças da cidade; foram as pessoas da região que passaram a exigir a reabertura do Cine Teatro São João. Isto é, uma vez que tinha teatro, tinha público, então por que havia um teatro fechado? Assim, o poder municipal tomou posse do prédio em 2005 e o integrou à municipalidade; em 2006, portanto, houve a reinauguração do Cine Teatro São João.

Com o surgimento do grupo teatral “Nós na Rua”, que foi aproximadamente em dezembro de 2002, mas efetivamente a sua criação acontece em janeiro de 2003. E uma das primeiras propostas que aconteceram na criação do grupo, que o Fernando Antônio Lobato, professor historiador da cidade, trouxe, era proposta de se montar no final do ano o Reisado. É, desde janeiro, então, ele lançou essa ideia: o Reisado das Pastorinhas. E a agente não sabia, não fazia ideia do que era. E para apresentar, explicar o que era o Reisado das Pastorinhas, ele levou como convidada a Dona Ucha, que era uma senhora

quem fazia muitos anos o Reisado na cidade. (Silvano Motta, 2020)

Silvano Motta é agente de cultura, antigo integrante do grupo de teatro e o produtor responsável pela realização do Reisado das Pastorinhas atualmente. Esse foi o primeiro contato do grupo com o Reisado; o encontro foi documentado pelo jornalista Carlos Sá na imagem a seguir:

Figura 09: Publicação do jornal “São João da Barra”



Fonte: Silvano Motta.

Sobre a iniciativa de Fernando Antônio de realizar o Reisado novamente com o grupo “Nós na Rua”, a filha mais velha de Dona Ucha nos contou que:

Figura 10: Dona Ucha ao lado de seu estimado amigo Fernando Lobato



Fonte: Arquivo familiar

Ela ficou muito feliz de passar para ele o Reis, né. Escrito com a... muito feliz. Mamãe gostava muito dele e ele também. Ele sempre exaltou muito a minha mãe até hoje. [...] Mamãe tinha aquele apego com ele, amizade. Eu não presenciei o encontro deles, mas eu ouvi conversas e ela estava muito satisfeita. (Didinha, 2021)

Fernando nos falou de seu respeito e admiração por Dona Ucha, questões que são evidentes. O relato acima de Didinha pode ser comprovado na imagem abaixo: A professora Jurema também nos revelou a satisfação de Dona Ucha ao transferir o Reisado das Pastorinhas para o grupo, tendo em vista a realização da montagem:

Ela ficou maravilhada! Porque ela já queria que alguém tomasse essa iniciativa, só que ela não sabia a quem, até porque o interesse por esse tipo de atividade nunca tinha sido manifestado por ninguém além dela. Então ela guardava a sete chaves e quando houve a manifestação, quando houve o interesse, na expressão do interesse ela ficou encantada e entregou o tesouro que ela tinha para o grupo "Nós na Rua". (Jurema Vieira, 2020)

Foi assim que, com muita satisfação, se deu o primeiro encontro do extinto "Nós na Rua" com Dona Ucha. O grupo teatral levou para ela a esperança de que o Reisado não terminaria com o fim de sua vida, de modo que, a partir de então, teria a chance de continuar sendo perpetuado para as novas gerações de sanjoanenses, como tem acontecido.

Nesse sentido, com o coração aberto, Dona Ucha entregou seus manuscritos e a imagem do Menino Jesus, que era tão especial para ela, ao grupo. Inclusive, como já ressaltado, essa imagem não era só um elemento cênico, mas fazia parte de seu altar de Santos no Centro Espírita São Sebastião.

Ela deu de presente o caderno do Reisado para o grupo, ela deu o Menino Jesus para o grupo e quando o grupo abraçou o Reisado, ele já deixou de ser aquela manifestação de Dona Ucha no período de Natal, no período de Reisado; aquela expressão mais para o nascimento do Menino Jesus. É porque aí se pensou: não pode ser só isso. Nós precisamos enriquecer: enriquecer com figurinos, enriquecer com música, com luxo, luxo em toda expressão. Luxo de artes, luxo de empenho, luxo de oferecimento ao povo. (Jurema Vieira, 2020)

A família da matriarca foi convidada a participar e várias pessoas fizeram parte do elenco. A Didinha foi a Noite, a Ana Neri foi a Cozinheira e Dona Ucha era requisitada, estando sempre presente nos ensaios, mesmo com sua idade

avançada; na época, ela tinha mais de 90 anos de idade. Entretanto, como nos disse Jurema, o “Nós na Rua” passou a assumir o Reisado quando todas essas entregas aconteceram.

Figura 11: Dona Ucha ao centro, de azul, sendo homenageada pelo “Nós na Rua” na primeira apresentação do grupo teatral em 2003.



Fonte: Arquivo Pascoal Berto

Com o objetivo de sua perpetuação, o Reisado deixou de ser a performance religiosa de Dona Ucha, uma representante da cultura popular, para se tornar um espetáculo teatral, uma performance artística feita por atores/cantores, músicos, figurinistas, cenógrafos e produtores culturais. Assim, depois de Mariquinha Salva e Dona Ucha, Fernando Antônio e o grupo “Nós na Rua” iniciaram uma nova etapa na história do Reisado das Pastorinhas de São João da Barra.

4.4.1- Músicas

Assim que o grupo assumiu o Reisado, houve muito trabalho para fazer; remontar um Pastoril inteiro não foi uma tarefa fácil, sobretudo por ser muito musical. Dessa forma, as músicas, os versos e as letras adiantam a ação dramática da performance de um jeito que são extremamente importantes no processo de teatralização do Reisado das Pastorinhas.

Nesse sentido, para cuidar especificamente da parte musical da obra, Fernando, também apelidado como “Feú”, convidou o músico e regente Antônio Carlos com o intuito de liderar a pesquisa desse âmbito junto ao grupo teatral “Nós na Rua”:

Em cima da proposta de Feú, primeiro eu precisei conhecer as músicas, pois eu não conhecia nenhuma música do Reisado. Então teve um projeto de pesquisa que eu pedi que Feú fizesse para convidar pessoas da época, né, para que cantassem essas músicas, para nós colocarmos a letra no papel, eu gravar as melodias. (Antônio Carlos, 2021)

O grupo contou com a ajuda de Dona Ucha, que doou seu caderno de letras. Ninguém imaginava, porém, que esse material não estava completo; algumas canções não estavam ali. Como já tinha idade avançada, ela não conseguiu se lembrar de todas as partes ausentes. Foi assim que Fernando Antônio, Jurema e Antônio Carlos se reuniram com a nossa figura histórica e seu caderno para tentar montar as partes deste quebra-cabeças.

Contudo, essa iniciativa não foi suficiente; mostrou-se necessário recorrer aos antigos participantes e tentar fazer com que conseguissem se recordar tanto dos versos quanto das melodias. Foi dessa maneira que Fernando convidou as gêmeas Amaral para participarem da remontagem, as quais nos contaram que o historiador conversou com elas, tendo dito que estava resgatando o Reisado de Dona Ucha, mas que não sabia muita coisa. Ele pediu ajuda e perguntou se as irmãs poderiam colaborar cantando e lembrando as canções:

E nós fomos cantando os pedacinho que a gente sabia. Então eles iam uma ponte, né? A gente cantava o pedaço que sabia, aí o que a gente não sabia, ele já pegava com outra pessoa. E aí ia caminhando, inteirava a música. É como você tá subindo um degrau: você subiu, ali você parou, vem outro e continuou, e assim foi resgatando aos poucos. Porque já tem muitos anos e a gente vai indo e esquece. (Marlene Amaral, 2021)

A partir desse material colhido com as irmãs Amaral e outros colaboradores, Antônio Carlos nos relatou ter começado o processo de documentação dessas canções:

Para que isso se perpetuasse, eu sugeri que isso fosse gravado de alguma forma, então pega esse pessoal e vamos levar para um estúdio. Pega esse pessoal da época cantando de qualquer jeito, não tem problema; vamos documentar. Documentando, começamos a polir a pedra bruta. E foi o que nós fizemos. Depois que a gente tinha as letras da mão, a linha melódica, eu editei num programa específico de música e pedi a um amigo que é arranjador do quartel, Pedro, e pedi que ele conciliasse a linha melódica com a harmonia. (Antônio Carlos, 2021)

Foi com base nesse processo que eles conseguiram identificar os “erros” e “desafinações” das pessoas que estavam cantando, tendo em vista uma tentativa de se relembrem das músicas. O músico revelou o seguinte para nós: com vistas ao encaixe da melodia e da harmonia dentro da estrutura musical, foi necessário fazer essas “correções”. O material foi enviado para um músico sanjoanense chamado Cristiano Conceição. Assim, foi o Cristiano Papaco quem fez a gravação oficial em estúdio:

Quando preparamos esse material mais técnico, levamos para Cristiano. Ele ouviu a melodia várias vezes para entender que melodia era aquela. Quando ele entendeu todo aquele conteúdo, ele fez toda a base harmônica, botou o pessoal no estúdio como uma pessoa que conhecia a melodia, essa pessoa cantou mesmo desafinado, trouxe para casa, convidamos pessoas que tinham mais afinação, levamos pro estúdio para cantar o máximo de músicas possíveis para criar a guia para dar base para outras pessoas cantarem para nós não ficarmos a mesma pessoa cantando todas as músicas. (Antônio Carlos, 2021)

Essa guia foi gravada por um grupo de pessoas consideradas “afinadas” e serviu para que outros participantes gravassem ouvindo aquela voz, reduzindo o risco de novos “erros”. Além dessa conciliação técnica entre a melodia e a harmonia, o músico e regente, com a ajuda desse amigo que trabalhava com ele na corporação, criou a escrita musical de todas as canções.

Assim, a escrita em questão nasceu de partituras e cifras de forma simultânea à gravação do CD em estúdio. Segundo o que Antônio Carlos nos relatou, qualquer músico poderia vir a acompanhar o Reisado dessa maneira, pois a base musical resgatada por eles contempla diversos tipos de instrumentos. O pensamento era documentar todo o material do melhor jeito possível para o futuro.

Cristiano também colaborou com a criação dos arranjos: além de fazer a base harmônica no violão, ele também fez os dedilhados. A escolha desse músico se deu por uma opção do regente de fazer tudo à moda viola, pois toca violão e cavaquinho.

Ademais, a gravação do CD conta com pandeiro na percussão. Isto é, tanto violão quanto pandeiro estavam presentes nas montagens de Dona Ucha,

porém havia metais, como trompete, que não foram utilizados na nova versão do Reisado também.

Em cima da escrita musical criada por Antônio Carlos e seu amigo Pedro, Cristiano criou arranjos no violão. As introduções surgiram a partir de sua criatividade, inclusive:

E para ficar melhor e mais técnico, e como as Pastoras cantam em coro, para que todas entrassem juntas, as introduções trariam esse conforto musical para que a coisa seja feita. E aí ele criou todas aquelas introduções que existem hoje foram feitas por Cristiano Papaco. Tanto é que, de lá para cá, pessoas que cantavam até na época de Dona Ucha e lembravam de todas as letras questionavam: "Não é assim, é assim!", mas tivemos que estipular uma letra. (Antônio Carlos, 2021)

Essas introduções foram importantes para dar segurança ao coro das Pastorinhas. Vale ressaltarmos que a gravação em estúdio não serviu apenas para documentar as músicas da performance, mas fizeram parte da encenação num primeiro momento também. Segundo Antônio Carlos, a ideia inicial era fazer tudo ao vivo, porém não houve vontade política e o projeto ficou inacabado. Ele ainda nos revelou que surgiu a ideia de fazer o Reisado nas casas, então a alternativa encontrada foi colocar um carro de som tocando o CD produzido durante o acompanhamento do cortejo; nesse caso, tratou-se da Kombi da banda União dos Operários.

Assim, o CD também foi utilizado nas apresentações em palcos. Além disso, nos primeiros anos, os atores dublaram suas vozes ou as de outras pessoas. Se um deles fosse considerado "afinado" pela equipe musical, estaria apto para gravar a música do seu personagem, de modo que dublaria sua voz no momento da encenação.

Porém, se sua voz não fosse aprovada, outra pessoa seria chamada para gravar. Assim, aquele ator dublaria, no momento da performance, a voz de outra pessoa. Como Antônio Carlos relatou na última citação que transcrevemos, apesar do valor documental do CD, a gravação também causou controvérsia entre alguns participantes antigos do Reisado:

Quando eu fui assistir a primeira apresentação de Fernando Antônio que foi gravada, né, eu ficava assistindo e balançando a

cabeça e até chegar o final assim, aí eu fui e pensei: “Não é assim, não é assim, tá errado, não é desse jeito”. (Nelma Fernandes, 2021)

Eu procurei Fernando e falei com ele: "Fernando, tá ótimo, tá maravilhoso, só que tem um detalhe aí: ouvindo, eu descobri muitas coisas, distorções em relação a letras e músicas". Conversamos bastante e combinamos que, para o ano seguinte, seriam feitas novas alterações na gravação e que eu iria participar. Ele perguntou se eu estaria disposta a participar e eu falei que sim, claro. (Nelma Fernandes, 2021)

Assim aconteceu: no ano seguinte, que foi 2004, Nelma, que é cantora e muito atenta à parte musical, encaminhou-se para o estúdio e ajudou a refazer algumas músicas junto tanto com Cristiano Papaco quanto com outras jovens participantes do Reizado que regravaram alguns solos e coros das Pastorinhas. Cabe salientarmos algo importante: isso ocorreu sob a supervisão atenta de Nelma, a qual também cantou várias canções. Além disso, foram concluídas as ainda não finalizadas na gravação de 2003.

Contudo, apesar dos esforços, a professora disse que algumas letras e melodias ainda não melhoraram totalmente; de acordo com ela, certas partes continuam distorcidas:

Fomos eu, você (Ana Carolina), Laís e Sarah, e várias músicas, né. Eu fui falando para o Cristiano como que era a musiquinha. Eu também fiz coro das Pastorinhas e aí é beleza; eu adoro fazer isso! (risos). Isso é como colocar o peixe na água! Aí, houve um reparo bem grande, mas para falar a verdade a você, não foi um reparo de 100%, não: ainda tem várias coisinhas, alguns trechinhos de músicas, tem a fala dos Reis Magos... Ainda tem coisinhas para arrumar. (Nelma Fernandes, 2021)

Relembrar um Pastoril tão grande, com tantos personagens, versos e canções, foi uma tarefa hercúlea para o grupo “Nós na Rua” e para todos aqueles que contribuíram com o projeto. Existe a questão musical em jogo: talvez algumas notas, que foram minuciosamente encaixadas na harmonia e na melodia, como Antônio Carlos narrou para nós, possam ter criado algumas dessas distorções apontadas por Nelma.

Além disso, algumas pessoas não se lembravam de muita coisa, enquanto outras possuíam recordações bastante precisas; mesmo assim, porém, precisaram completar suas recordações com as de outras pessoas.

Como nos disse Marlene Amaral, esse processo se assemelha ao ato de subir uma escada: cada um sobe um pouquinho, como pode, e se recorda.

Esse CD foi produzido a partir das memórias de muitas pessoas que participaram do Reis em anos e momentos diferentes; talvez fosse natural que houvesse algum tipo de estranhamento das mais antigas. Ou, quem sabe, o próprio esquecimento, a interpretação pessoal e até mesmo a falta de domínio técnico de certos integrantes do elenco durante seu canto possam ter criado variações que se perpetuaram ao longo do tempo.

Nesse sentido, supostas “desafinações” repetidas várias vezes podem ter se consolidado como parte da melodia. Ou, quem sabe, algum esquecimento da letra de determinado verso possa ter se cristalizado e se tornado “oficial”. Assim, fica difícil detectarmos uma origem “pura” de como o Reisado era antigamente e se essa pureza realmente existiu, pois são muitas lembranças e narrativas.

Apesar de tudo, a gravação do CD e a confecção tanto das partituras quanto das cifras musicais possibilitaram a documentação das músicas e o refazimento do Reisado. Como Jurema Vieira nos disse: “não mais o Reisado de Dona Ucha, mas um novo Reisado das Pastorinhas”.

4.4.2 – Figurinos

Logo que o grupo teatral já mencionado assumiu o Reisado em 2003, a captação de recursos foi uma das suas primeiras preocupações. Como já salientamos, ele surgiu da iniciativa de artistas locais que desejavam movimentar a arte e a cultura de São João da Barra atraindo jovens para a prática cultural e a formação de plateia na cidade. Posteriormente, o “Nós na Rua” se transformou numa associação, porém ainda não era formalizada e não tinha fontes de ganhos financeiros nessa época.

O figurino foi uma das grandes marcas da teatralização do Reisado das Pastorinhas pelo grupo: haviam mais de 50 e todos muito bem idealizados por Fernando Antônio Lobato. Ele, que já tinha sido carnavalesco, criou croquis ricamente ornamentados e teve uma ideia interessante tanto para obter material quanto para possibilitar a produção das peças imaginadas, contando com a ajuda de todos os integrantes para tal:

O Reisado, ele se tornou presente dentro do grupo a partir de agosto. Porque não tinha um apoio efetivo do poder público; tudo estava sendo negociado. E o grupo não poderia esperar, né, para comprar o material, visto que os figurinos que se utilizava antigamente eram figurinos mais simples e a ideia proposta para o Fernando era de um figurino em pouco mais apoteótico, um pouco mais carnavalesco, mais chamativo. E aí, estrategicamente, ele criou mini figurinos nos bonequinhos e fez um café, onde ele convidou a sociedade, as senhoras que acompanhavam o Reisado para serem mecenas, como antigamente, aquelas pessoas que contribuíam para cultura. (Silvano Motta, 2020)

Esses pequenos bonequinhos foram o cartão de visita para que as pessoas da comunidade contribuíssem com a nova montagem do Reisado, de modo que, pouco a pouco, o grupo foi obtendo recursos para a elaboração do figurino. Assim, muitos ajudaram e fizeram suas doações com grande satisfação. Perguntamos à Jurema como se deu a captação de recursos materiais e financeiros, também indagando como esses “mecenas” atuaram:

Nesse chá foi apresentado o projeto e as pessoas que compareceram, elas adotaram um figurino. Cada uma pessoa, cada uma família gostou de um figurino e resolveu fazer. Não pedimos dinheiro; pedimos o figurino pronto, o material. Porque o nosso objetivo não era ter dinheiro, mas ter o espetáculo pronto. Algumas pessoas até colaboraram com algum dinheiro, tipo R\$ 10,00. (Jurema Vieira, 2020)

Apesar de contar com o apoio das pessoas, a confecção aconteceu pelo grupo: os artistas se juntaram e fizeram um mutirão para produzir os figurinos do Reisado das Pastorinhas. Inclusive, Jurema atuava como costureira. Ela nos contou um pouco do seu trabalho nesse processo:

Eu fiz muita coisa! Eu fiz muitas capas, muitos vestidos... Varamos noites confeccionando os adereços, pregando os galões, enriquecendo o luxo, tornando a expressão bem valorosa e valiosa do nascimento do Menino Jesus entre nós; como artistas e praticantes da cultura. (Jurema Vieira, 2020)

Para Jurema, o luxo dos figurinos serviu para valorizar a performance e chamar a atenção da comunidade para a montagem. Segundo ela, peças assim indicavam que alguma coisa especial estava acontecendo na cidade; toda essa beleza e todo esse brilho instigavam a curiosidade, também convidando as pessoas a irem ver o que estava acontecendo, pois dessa forma poderiam aprender, acompanhar e apreciar o espetáculo.

Depois que os figurinos ficaram prontos, o Reisado foi na casa de cada pessoa que colaborou como forma de agradecimento; isso aconteceu nos anos iniciais, de maneira que a visita se deu pelo grupo tal qual era a estrutura de visitação às casas de família no passado, no tempo de Dona Ucha.

Nesse sentido, também houve distribuição de lanches, de muita festa e de alegria nas casas durante a visitação do “Nós na Rua” nesse primeiro ano. Além desse acontecimento, foram realizadas apresentações em palcos em São João da Barra, em Campos dos Goytacazes e em Quissamã.

No ano seguinte, houve um outro formato: o Reisado saiu em um carro alegórico em forma de cortejo pelas ruas da nossa cidade. Personagens do presépio como José e Maria, o Anjo, os Reis Magos, a Noite, a Lua e a Estrela tanto cantaram quanto se fixaram na alegoria; os outros, por sua vez, subiram para cantar ao som do CD. Depois que fizeram suas apresentações, essas figuras desceram e continuaram o cortejo a pé, sempre com as Pastorinhas à frente.

Nos dois primeiros anos, o cortejo continuou sendo feito com todos os componentes do Reis. Assim, uma das apresentações de 2004 foi no Sesc Mineiro de Grussaí; lá começaram as do Reisado só com o primeiro ato e a dublagem do CD gravado.

Figura 12: Reisado das Pastorinhas em 2003, pela montagem do grupo teatral “Nós na Rua” em palco no Largo Mariquinha Salva



4.5- O Reisado das Pastorinhas na atualidade

A partir de 2009, um novo capítulo desta história começou a ser escrito: esse ano marcou o início da realização do Reisado tanto cantado quanto tocado ao vivo e sem o recurso do CD gravado. O período em questão também marcou a chegada de um outro personagem: Silvano Motta, que é a pessoa responsável pela performance até hoje.



Silvano era um jovem ator do “Nós na Rua” quando conheceu o Reisado; isso aconteceu no momento em que Fernando Antônio levou Dona Ucha para conversar com o grupo. No primeiro instante, o entrevistado disse que não aderiu muito à ideia, mas foi conhecendo e entendendo a obra, encantando-se com ela ao longo do tempo. Para o produtor, as músicas e a pesquisa foram importantes para que se rendesse à magia dessa produção.

Nesse sentido, Silvano Motta nos contou que, entre 2003 e 2009, o Reisado foi realizado de muitas formas diferentes: em casas, em palcos, em carro alegórico e no Cine Teatro São João. Ele ressaltou como todas foram válidas, porém queria mesmo fazer a performance com as músicas ao vivo, algo que o motivou a pedir a produção do Reis para os membros do grupo, tendo em vista a permissão para assumir a liderança da performance e fazer do jeito que sempre sonhou:

A gente experimentou no carro alegórico, que foi engraçado, foi interessante; fizemos de casa em casa e a gente comeu muito, porque as pessoas recebem o Reisado dando um banquete, mas a versão que eu mais gosto é o teatralizado num palco na rua. (Silvano Motta, 2020)

Vale evidenciarmos que, nesse momento em que Silvano assume a produção do Reisado ao vivo, ele não o fez sozinho: existia toda a estrutura do “Nós na Rua”, o qual já era uma associação legalizada nessa época e contava, inclusive, com uma subvenção da prefeitura de São João da Barra. Depois de uma grande luta nas ruas em prol da formação de plateia na cidade, o grupo teatral conseguiu fazer com que o Cine Teatro São João fosse reformado e entregue ao município.

Nesse sentido, o grupo contava com a atuação ativa de veteranos como Jurema e Fernando, além de jovens aprendizes do ofício teatral que se dedicavam a trabalhar, a aprender e a criar. Esse foi um período de realizações de grandes eventos; muitas montagens de teatro foram feitas com alta adesão do público sanjoanense, de modo que as pessoas lotavam o Cine Teatro e as ruas quando o “Nós na Rua” ia se apresentar. Foi um período muito fértil para a arte e, especialmente, para o teatro na nossa cidade e na região.

Assim, a primeira montagem do Reisado ao vivo aproveitou os integrantes do grupo, o CD da gravação com todas as músicas e versos, além dos recursos materiais, como o figurino que já havia sido produzido e cuidadosamente armazenado. Nesse momento, como o objetivo principal era fazer com que as músicas fossem cantadas e tocadas na hora, o musicista e regente Antônio Carlos, um dos responsáveis do projeto nesse âmbito da performance em 2003, foi chamado novamente para colaborar:

Foi aí que veio a ideia de montar a orquestra de violões com 6 ou 7 violões. E aí eu precisava de solos, aí pedi a Vinícius, que é pianista, e eu pedi a ele para usar o sintetizador com cordas. E Vinícius fez as introduções no solo de violão no sintetizador do teclado dele na orquestra de violões. E na orquestra, uns estavam dedilhando, outros faziam a harmonia base e outros fazendo a baixaria no violão, porque nós não tínhamos contrabaixo. Eu trabalhava a orquestra de violões como orquestra, trazendo a parte técnica para minha praia. (Antônio Carlos, 2021)

A orquestra regida por Antônio Carlos também contava com um instrumento percussivo: o pandeiro. O teclado, como ele nos disse, foi acrescentado pela primeira vez desde que temos notícia. O trompete usado na época de Dona Ucha, por sua vez, não foi colocado na situação, mas em alguns anos houve a presença da flauta transversa, que não existia nas montagens da matriarca.

Além disso, o músico disse que a sua regência se fez necessária porque as Pastoras ficavam inseguras na hora da “entrada” do canto. Dessa forma, todas precisavam começar juntas, então sua presença indicando as entradas se mostrava fundamental.

Assim, cabe salientarmos que o canto também era dividido em duas vozes ao vivo, de modo que uma parte das Pastoras fazia a primeira e a outra, a segunda.

Figura 13: Antônio Carlos ao centro, de azul, regendo a orquestra de violões ao vivo em 2009



Fonte: SECOMSJB

Entretanto, essa não foi a única novidade: começou, em 2004, um processo de formação paralela do Reisado completo, de modo que se criou uma versão *pocket* da performance. Essa nova formação se apresentava em algumas ocasiões, especialmente quando o grupo era convidado pelo Sesc de Grussaí e em outras situações.

Com o passar do tempo, essa versão compacta, que contém apenas o primeiro ato, a entrega da Rosa e o cântico da retirada, foi ganhando espaço e acabou substituindo o antigo formato com todos os personagens. Assim, o Reisado ocorreu em 2009 com os seguintes personagens: as Pastoras, José, Maria, o Anjo, a Lua, a Estrela, a Noite, o Rei Herodes e os três Reis Magos.

Outra mudança por Silvano correspondeu ao narrador: desde a época de Dona Ucha, havia um que por muitos anos foi interpretado pelo saudoso Carlos Magno Assis. Ele contava a história, anunciava personagens e descrevia os três

atos; o ator amarrava a trama da performance. Em 2003, esse narrador não era um personagem, mas uma voz em *off* gravada pelo locutor Gerson Lopes no estúdio. Quando o Reisado passou a ser cantado ao vivo, uma nova alteração aconteceu:

E eu acrescentei; antes era um narrador gravado dizendo: “o Reisado é isso e isso...”. Eu passei essa fala para as Pastoras. Agora, as Pastoras que contam a história, e o figurino a gente mantém o mesmo desde 2003; alguns poucos foram repaginados, mas a estrutura é mesma: bastante brilho, bastante glamour para chamar atenção. (Silvano Motta, 2020)

De 2009 para cá, algumas transformações aconteceram, porém poucas. Assim, Silvano buscou acrescentar, nos últimos anos, alguns personagens do segundo e terceiro ato que foram tirados do Reisado para cantarem também. Apesar disso, a estrutura do espetáculo teatralizado com luz, som, orquestra, atores/cantores, palco e cadeiras em praça pública na época de Natal ainda se mantém até a atualidade.

4.5.1- Profissionalização e perpetuação do Reisado

Apesar de tantos esforços, a perpetuação do Reisado ainda causa preocupação: ele não aconteceu em todos os anos e Silvano, com o passar do tempo, vem se questionando sobre como desenvolver a tradição. Desde que o produtor assumiu a performance, essa é feita com o apoio do poder público, que não é constante. O entrevistado nos fez uma retrospectiva desse processo a partir do início da teatralização da performance:

No último ano do governo Betinho Dauaire, ele deu um suporte estrutural e a secretária Katarine foi mecenas. Depois, com a mudança de governo já no primeiro mandato de Carla, ela já inclusive comprou o espetáculo, então o grupo ofereceu e em 5 dias ela tinha comprado o espetáculo. E aí, ao longo do tempo, o grupo recebeu a subvenção a partir de 2005 até 2009, 2010. Nessa faixa de atividade do grupo, além de oficinas e várias outras atividades, existia o Reisado. Então ele estava amparado, né, por meio de um convênio com o poder público a ser realizado. Atualmente, hoje eu divido a responsabilidade com um colega, que é o Antônio Carlos, então eu não me preocupo com a parte musical. Eu apresento o poder público municipal a possibilidade da compra do espetáculo. (Silvano Motta, 2021)

Depois que o grupo “Nós na Rua” encerrou suas atividades, o Reisado não teve mais estrutura para ser realizado, de modo que não aconteceu por um tempo. Assim, grande parte do acervo de figurinos ficou com Silvano; desde então, ele tentou realizar a performance de forma independente, como nos contou:

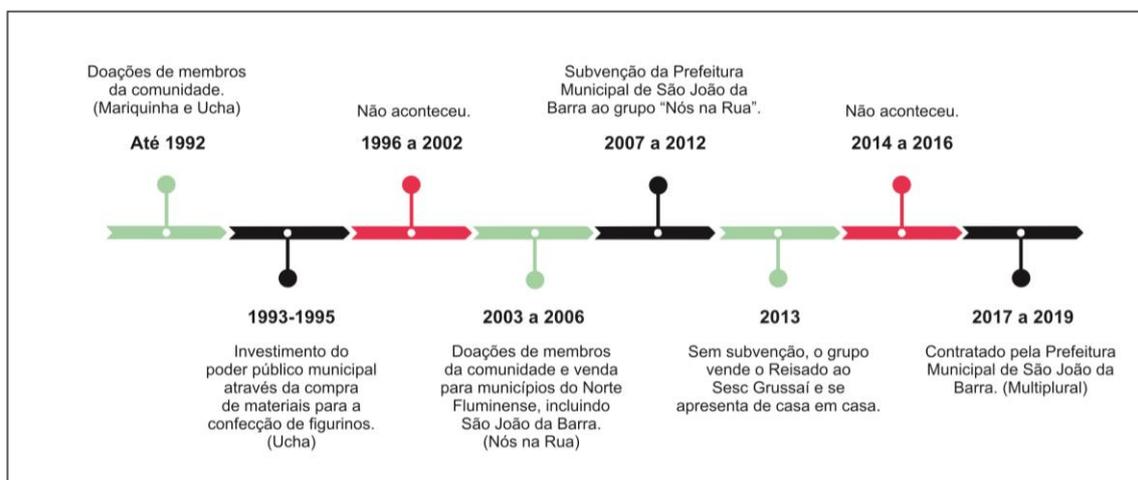
No governo Neco não teve Reisado. Foram 4 anos, houve iniciativa, eu apresentei propostas sim. De 2016, conta 4 anos para trás, não teve. Foi o período que parou, acabou mesmo. O grupo já tinha acabado, o grupo acaba em... Exatamente o grupo acaba em 2012/2013, que foi o primeiro governo de Neco. Fizemos até um enterro simbólico na Praça São João que não surtiu efeito nenhum. E o grupo ainda persistia... Até que um dia a gente ficou assim: “Já acabou! Vamos sair com dignidade, reparte o que tem que repartir”. Foi aí que eu tomei iniciativa e disse: “Eu quero ficar com o Reisado!”. E aí eu passo a gestão pública do governo Neco só apresentando a proposta, mas nada era conversado. Eu não consegui me aproximar dele e eu trabalhava dentro do governo. Eu cheguei para ele uma vez para conversar e simplesmente eu não consigo conversar. Então eu também perdi o interesse em fazer porque eu vi muitas dificuldades, muitos problemas. Mas quando a Carla voltou, logo no primeiro ano a gente conseguiu esse incentivo. Eu apresentei uma proposta. O espetáculo hoje gira em torno, do jeito que a gente monta, que é com músicos, com cenário, com figurino que você tem que fazer manutenção, comprar material e é caro, cachê de todo mundo, né, das Pastoras, dos personagens... Ele beira em torno de R\$ 6.000 uma apresentação. (Silvano Motta, 2020)

Hoje, através de sua produtora “Multiplural”, Silvano envia uma proposta negociável ao poder público municipal. De acordo com o valor que a prefeitura tem a oferecer, ele e Antônio Carlos se adaptam: colocam mais ou menos músicos na orquestra e mais ou menos Pastoras no elenco. Dependendo da quantia, os figurinos são incrementados ou não, e mais profissionais podem ser acrescentados ou excluídos da produção.

Como pudemos perceber, o apoio municipal é inconstante: em alguns governos, o Reisado foi realizado com mais ou menos recursos; em outros, sequer houve alguma possibilidade de conversa ou negociação. No último ano, 2020, o Reis não aconteceu por conta da pandemia do novo coronavírus, assim como diversas atividades importantes da arte e da cultura do nosso município. Contudo, independentemente dessa situação sanitária atípica, a ocorrência do Reisado é uma realidade incerta por vários motivos, pois depende da boa

vontade política e do interesse dos gestores públicos para o custeio da apresentação.

Figura 14: Fontes de financiamento ao longo dos anos.



Fonte: elaboração nossa

O financiamento de uma apresentação paga os profissionais que trabalham no Reisado, como Silvano enumerou a nós. Para o produtor, a intenção é perpetuar a tradição; ele acredita que o cachê é importante para incentivar as pessoas a participarem. Além disso, o entrevistado se questiona se toda essa cadeia profissional aceitaria colaborar sem o incentivo financeiro como era feito na época de Dona Ucha. O produtor se disponibiliza para fazer de casa em casa, gratuitamente, como era antigamente; esse é um formato que deseja colocar em prática.

Porém, Silvano reflete se as pessoas aceitariam participar de graça como no passado; para ele, todos tinham mais disponibilidade para se dedicarem por amor e diversão aos trabalhos artísticos e comunitários de forma voluntária. Assim, Dona Ucha se doou por toda a vida e o seu elenco participava sem ganhar nenhuma recompensa financeira.

Contudo, na visão de Silvano, a realidade atual é diferente: hoje, as pessoas possuem outras distrações, como as redes sociais. Muitos preferem ficar imóveis e sozinhos no conforto de suas casas enquanto mexem em seus aparelhos celulares ao invés de terem o compromisso da realização de uma

performance teatral. Além disso, o processo de ensaios e apresentações é laborioso, de modo que exige dedicação.

Assim, para o produtor, o cachê é uma forma de cativar e valorizar o trabalho daqueles que lutam pelo Reisado e perpetuam a tradição:

Eu tenho noção de que trabalho artístico não pode ser de graça! É uma profissão como qualquer outra. Por que que o artista pode trabalhar só por aplauso? Não! O artista é um profissional como qualquer outro, por mais que a gente queira fazer muito, não podemos fazer sempre de graça. (Silvano Motta, 2020)

É um patrimônio? É! É importante manter? É! Mas a gente tem que dignificar a pessoa que tá por trás disso; independente, todo mundo que está envolvido, dá trabalho. Já que a gente exige uma perfeição, a gente tem que ter essa contrapartida. (Silvano Motta, 2020)

Sobre a necessidade do incentivo financeiro e da profissionalização do espetáculo, em oposição ao passado em que as pessoas faziam gratuitamente e por amor, o companheiro de trabalho de Silvano, Antônio Carlos, responsável pela parte musical, traz a seguinte reflexão para nós:

Eu acho que nós não devemos deixar as origens, mas também não podemos deixar as valorizações. Mesmo porque, se Silvano convence todo mundo a fazer de graça, a prefeitura ganha mídia nas nossas costas. Ganhar publicidade nas costas dos atores? Não [pode]! Vamos valorizar! É porque hoje, atualmente, na época de Dona Ucha nem tanto, não existia esse incentivo do poder público às manifestações culturais; as pessoas faziam por amor mesmo. (Antônio Carlos, 2021)

Antiga participante do grupo “Nós na Rua”, perguntamos a Jurema, que também continua colaborando com o Reisado das Pastorinhas na atualidade, qual é a sua visão a respeito do profissionalismo e dos pagamentos de remunerações aos integrantes da performance:

É positivo! Não é único objetivo, mas ele acaba agregando valor para a economia e é positivo; que no fundo, no fundo como que nós crescemos? Como que há evolução? O ser humano acaba precisando se desenvolver em todos os sentidos. Como produzir uma expressão para um público, como passar a noção do nascimento do Menino Jesus de toda sua história, de todos os personagens, de todo mundo que contribuiu para o nascimento do Menino Jesus, sem profissionalismo? E se precisamos de profissionalismo, precisamos envolver a economia, o dinheiro, a venda. (Jurema Vieira, 2020)

O cachê seria, então, uma recompensa pelo trabalho realizado, não um meio de vida ou o objetivo final; seria uma gratificação vista como necessária para os profissionais da arte e da cultura. Apesar de ser importante a venda do espetáculo, os entrevistados acreditam que essa não é a única forma de se manter viva a tradição. Isto é, tendo em vista se tratar de um ponto em comum que valoriza os trabalhadores da área e os demais da cidade, os quais trabalham com o aluguel de equipamentos de som, e os técnicos, responsáveis por viabilizar a maior qualidade possível para a realização da performance ao povo.

Nesse sentido, Antônio Carlos nos afirmou que é preciso pensar além dessa única apresentação e se aprofundar. Assim, faz-se necessário refletir sobre esse aprofundamento, que pode ser entendido como uma forma de estudar, conhecer o Reisado, suas origens e o que a performance representa para a comunidade, bem como contemplar tudo que a constitui: a dança, a música, a dramaturgia e as letras, por exemplo.

Silvano Motta também nos disse acreditar que, se os sanjoanenses conhecessem mais sobre o Reisado, a comunidade poderia colaborar para a sua perpetuação. Através das apresentações, pode-se mostrar a ela que é possível fazer trabalhos artísticos de qualidade com a participação de trabalhadores locais da cultura. Isto é, considerando que praticamente todos os integrantes e viabilizadores da performance são e vivem na nossa cidade.

Dessa forma, isso pode ser motivo de orgulho para a comunidade. Entretanto, assim como Antônio Carlos, Silvano nos disse acreditar que esse não é nem deve ser o único meio de se pensar a perpetuação da performance. O produtor afirmou também crer no poder de oficinas que possam preparar novos talentos com vistas a desejarem conhecer e participar do Reisado.

Tem uma frase que diz: "Só se faz sentido quando se é sentido". Então, vai montar o Reisado para que se não tem sentido nenhum? Tudo na vida, principalmente na área da arte e da cultura, só faz sentido aquilo que se é sentido. As pessoas precisam sentir, e aí cabe ao Reisado de hoje propagar essa informação. Antes do espetáculo, eu costumo falar brevemente o que é o Reisado, a importância, mas é superficial. E faltam esses registros, falta uma história, falta a educação nas escolas e eu vejo que você trabalhar os alunos por patrimônio material e imaterial da cidade é

importantíssimo para perpetuação da memória nossa. É necessário uma educação cultural. A gente fala muito de educação formal, educação financeira... e educação cultural? A gente precisa falar de cultura local. Aquele que não conhece a si próprio, não conhece o próximo, não conhece o seu entorno. (Silvano Motta, 2020)

Ensinar sobre o Reisado das Pastorinhas nas escolas e em espaços de educação não formais do município é uma necessidade que Jurema Vieira também nos apontou como fundamental. Com o entendimento do que é o Reisado, quais são as suas origens e qual é a sua importância para a cidade, as futuras gerações podem ter a oportunidade de conhecer e perpetuar essa antiga tradição; acreditamos que a educação é uma dessas maneiras.

Assim, essa renovação do elenco também nos foi apontada como uma maneira de se pensar o futuro da tradição. Entendemos, portanto, a necessidade de novas pessoas se encantarem com o Reisado:

Desejo que continue para as próximas gerações, para os adolescentes de hoje, para essas meninas, esses meninos que estão na faixa de 13 anos, 14 anos, que não conhecem, que eles também tenham o desejo de participar, de fazer um personagem, de fazer Pastorinha, o Marujo, o São José, o Herodes, o Caçador, o Velho. E passar, para os mais jovens, esse aprendizado; precisa passar para as gerações mais novas. (Nelma Fernandes, 2021)

Assim, acreditamos que a educação poderia ser uma forma de despertar esse interesse nos jovens e nas crianças do município. Isto é, para que eles possam participar e valorizar o que vários entrevistados chamaram de “tesouro sanjoanense”.

Contudo, outras alternativas de preservação também foram apontadas. Quando perguntei ao Antônio Carlos se seria possível pensar numa salvaguarda para o Reisado, ele respondeu da seguinte forma:

Ana Carolina, eu te dou a certeza que isso é possível. Eu acho que agora, a partir desse nosso momento, a coisa se reinicia. E esse trabalho seu vai somar muito com a resposta da sua pergunta. Eu acho que a resposta para a sua pergunta está no seu trabalho. E eu me emociono com isso... Porque a gente tá carecendo muito de pessoas como você, que entendem a essência e está faltando isso no ser humano, estamos perdendo essa sensibilidade. Se nós e pessoas como você... Através desse trabalho, eu te peço encarecidamente que

tente fazer com que esse trabalho seja levado de alguma forma para ser reconhecido como bem imaterial do município; bem tombado imaterial, com isso nós temos uma certificação. Eu vejo que se você conseguir fazer do seu trabalho como bem tombado imaterial, a gente procura de alguma forma colher assinaturas e fazer com que a Câmara reconheça e a própria prefeitura. Se nós conseguirmos fazer com que o Reisado das Pastoras seja um bem tombado, que façamos com que ele entre no calendário cultural do município, do estado e do Governo Federal, e alguém para tomar conta disso e fazer com que a prefeitura encampe ou, se não quiser depender do poder público, se o poder público ou uma ONG não encampar o Reisado, as próprias pessoas podem fazer. Se o Reisado fosse um bem tombado municipal, já é um avanço de reservar uma verba, de entrar no calendário municipal, está fechado o ciclo. (Antônio Carlos, 2021)

Até para que possamos pensar a nível de educação formal, como ressaltado antes, o processo de tombamento é importante. Segundo o músico e produtor Antônio Carlos, esse é um passo inicial para que os artistas consigam lutar por recursos com vistas à manutenção do Reisado.

Nesse sentido, de acordo com Antônio Carlos, os recursos financeiros poderiam ser captados com mais facilidade depois do tombamento, e isso poderia ser feito de várias formas: através do poder público municipal, estadual ou federal. Com essa certificação, seria mais fácil conseguir verbas também por meio das iniciativas privadas, das leis de incentivo de ISS ou da lei Rouanet.

Antônio Carlos também nos relatou que existe um grande potencial, atualmente desperdiçado, em São João da Barra pelo Porto do Açú. Assim, a cultura local vem sendo apagada; um pouco disso tem a ver com a implementação do porto. É por essa razão que o empreendimento tem um compromisso de compensação social, ambiental e cultural, o qual pode ser utilizado pelos artistas e produtores culturais da nossa cidade.

Silvano Motta também nos relatou estar de acordo que essa luta por incentivos financeiros através de editais públicos. O produtor acredita que se trata de uma solução viável e interessante para a perpetuação do Reisado das Pastorinhas no município de São João da Barra:

Uma questão que eu vejo, como a gente perpetuar o Reisado, eu acredito que é por meio das leis de incentivo. Principalmente do poder público. Um edital que se abra anualmente, mas com menos burocracia... É necessária a

desburocratização da Cultura. A burocratização, ela atrapalha. Por quê? Eu tenho que ver o figurino, o ator, os ensaios, o cenário; eu tenho que fazer a proposta, eu tenho que intermediar com prefeitura, com a empresa. Então você fica muito desgastado. (Silvano Motta, 2020)

Conforme pudemos perceber, para Silvano, esses editais são muito importantes, porém toda a burocracia atrapalha o desenvolvimento do trabalho artístico. No caso, ele argumenta que, numa cidade tão pequena, de cerca de 45 mil habitantes, os artistas são produtores também. Assim, é difícil separar uma pessoa só para agilizar o trâmite burocrático e outras para que fiquem encarregadas apenas de cuidar do aspecto artístico do processo, pois todas as etapas do trabalho acabam se misturando.

Assim, toda essa burocracia faz com que o entrevistado em questão desanime. Ele chegou a citar o edital “Cultura presente nas redes” como um modelo de documento de sucesso que incentivou os artistas do Estado do Rio de Janeiro e teve um processo burocrático bastante simplificado. O produtor nos relatou acreditar que essas verbas conquistadas através de editais podem ser revertidas para a preservação da performance, que é importante, assim como, de acordo com seu ponto de vista, para o fomento da cultura local, e para investir em projetos ligados à educação tanto em escolas quanto em outros espaços. Esses são capazes de revelar novos talentos, que podem se interessar e participar do Reisado no futuro, estando artisticamente e profissionalmente prontos para integrar o elenco.

4.5.2- Cultura popular X Teatralização

Como cultura popular, a teatróloga brasileira Ingrid Koudela, em seu livro *Léxico da pedagogia teatral*, no qual enumera os mais variados conceitos do teatro, entende:

Percebe-se que, no decorrer da história e do desenvolvimento da arte teatral, a ideia de teatro popular sempre esteve em franca contraposição àquelas associadas ao teatro literário, ao teatro destinado às classes dominantes, ao teatro burguês e, mesmo, à arquitetura do espaço teatral. (KOUDELA, 2015, p. 189).

Sendo assim, a teatralização parece um movimento oposto e contraditório à arte feita pelas pessoas “do povo”, como Dona Ucha. Neste momento, então,

traremos a obra de Pedro Simonad ao trabalho, chamada *A construção da Tradição no Jongo da Serrinha: Uma etnografia Visual do seu Processo de Espetacularização*.

Apesar de o Jongo ser uma manifestação completamente distinta do Pastoril, a pesquisa feita por Simonad (2013) clarifica ponderações que podem nos ajudar a nortear esta dissertação. Assim, uma ideia relevante que o autor aponta é o cuidado ao tratarmos da concepção de tradição/tradicional, pois essas categorias podem adquirir um caráter cristalizador.

Sobre esse ponto, Cavalcanti (2004) também denuncia a visão romântica que envolve os estudos sobre o folclore nacional em busca de uma “pureza” de práticas e costumes. A autora observa que é comum, na obra de Mário de Andrade, a presença de dolorosa nostalgia e do sentimento de que as tradições populares estão se perdendo gradativamente e de forma irremediável no mundo moderno.

Voltando ao trabalho de Simonard (2013), o pesquisador descreve diversos momentos do Jongo no morro da Serrinha em Madureira, subúrbio do Rio de Janeiro. Ele conta que a força do samba na região no começo do século XX, entre outros fatores, enfraqueceu a tradição do Jongo. Além disso, quase não havia mais notícias dele no local durante a primeira metade do século passado.

Sendo assim, quando a manifestação já era considerada morta no morro, o Mestre Darcy iniciou um processo de profissionalização e espetacularização da cultura popular de sua terra:

A profissionalização do jongo é uma importante estratégia de preservação e de transmissão desta manifestação cultural, uma forma de atrair os jovens que já não o dançavam mais. (SIMONARD, 2013, p. 75).

Dessa forma, o Jongo foi modificado pelo mestre e ganhou novas configurações musicais: arranjos e instrumentos melódicos, como violão e cavaquinho. Substituiu-se a roda por um semicírculo e os improvisos, que são característicos dessa dança, foram comutados por estruturas mais bem definidas e previamente combinadas. Os participantes passaram a ser músicos e dançarinos profissionais.

Além disso, os figurinos passaram a apresentar uma configuração estereotipada do que o senso comum entende como africano. Tudo isto com o

objetivo de atrair o público leigo num espetáculo “africanizado”, que acontecia em casas de shows e teatros em troca de cachês.

Ao sair de seu espaço, de seu território de origem e se tornar espetáculo, uma manifestação cultural popular sofre um processo de homogeneização e padronização, perdendo parte de sua autonomia por enquadrar-se aos limites espaciotemporais onde agora se desenvolve. (SIMONARD, 2013 *apud* COUTINHO, 2002, p. 145)

O jongo da Serrinha discutido por Simonard (2013) apresenta trajetórias muito diferentes do processo de teatralização do nosso Reisado das Pastorinhas. Contudo, julgamos essa como uma referência importante, pois o autor coloca reflexões interessantes em sua obra que podem nos nortear.

O estudo e a “preservação” das performances artísticas na atualidade demandam cuidado e atenção. Além disso, vêm chamando a atenção de diversos pesquisadores nos últimos anos, de modo que observarmos as transformações de danças e performances para se manterem vivas é uma questão intrigante. A profissionalização e a transformação da cultura popular em espetáculos de dança, de música e de teatro, mesmo com seus pontos desfavoráveis, é uma alternativa para que continuem acontecendo na presente configuração social.

Como já pudemos observar, o Reisado das Pastorinhas deixou de acontecer por um período ainda que vários esforços tenham sido empregados para que isso não acontecesse. Porém, a teatralização se mostrou uma alternativa eficaz que possibilitou ao Reisado a sua existência e resistência até a atualidade no município de São João da Barra.

Nesse sentido, é notório que perdas aconteceram; a maior delas se deu no ritual de visitação às casas, o que a pesquisadora Brantes (2007) chama de performance devocional. As trocas religiosas e comunitárias realizadas na visita, a bênção do Menino Jesus e das figuras bíblicas ali performadas, o lanche oferecido aos integrantes, o clima tanto de festa quanto de recepção no período do ciclo natalino nas ruas e residências deixaram de existir. Essa vivência religiosa e comunitária foi substituída por apresentações teatrais de uma parte do Reisado (o primeiro ato) em palcos com músicos, atores, técnicos de luz e

som profissionais em praça pública dentro da celebração de Natal da prefeitura da nossa São João da Barra.

Assim, sobre essas mudanças, Sílvia Maria, que participou do Reisado com Dona Ucha e participa na atualidade, avaliou como foi participar no passado e como é continuar atuando nos dias de hoje:

Com Dona Ucha era assim: "Ah, você gosta de cantar? Vamos lá, vamos ensaiar!" Com Silvano, ele elaborou melhor, chamou uma orquestra. Tem uma parte instrumental muito mais elaborada. A gente era um violão, se eu não me engano, um pandeiro. Não tinha banda, uma orquestra; eram alguns músicos que também gostavam de tocar e estavam ali, como também os personagens que gostava de cantar ou interpretar, estavam ali. Então, é bem diferente hoje... Roupas mais elaboradas. Hoje a gente tem como Silvano que tá frente, pessoas à frente que têm um olhar diferenciado: "Oh, a postura é assim. Vamos tentar ver essa nota aí, não tá legal, não; vamos mudar." Então é uma coisa mais, digamos, técnica, do que o de Dona Ucha. De Dona Ucha era mais: "Vamo lá!", era uma coisa assim... Popular. Hoje eu vejo que é uma coisa mais técnica e muito mais bonito e muito mais organizado. (Sílvia Maria, 2020)

Já salientamos muitas questões sobre as escolhas e as mudanças ocorridas no Reisado das Pastorinhas ao longo dos anos. Agora que estamos nos encaminhando para o final do presente trabalho, contudo, traremos um pouco da percepção dos antigos participantes sobre a performance de ontem e a de hoje, além de quais são suas observações como espectadores de cada uma.

Assim, Didinha, filha de Dona Ucha, disse para nós que não assistiu à apresentação nos últimos anos. Além disso, sua última participação foi em 2003, com Fernando Antônio. Hoje, ela mora na cidade de Cabo Frio e nos contou ter ficado doente por alguns anos, de modo que foram esses fatores os responsáveis por impossibilitá-la de contemplar a encenação realizada por Silvano e Antônio Carlos. Sobre o ato de se fazer o Reisado no palco, porém, ela emitiu sua opinião:

Eu não sei... Os valores mudam... Na época da minha mãe, saía na rua cantando e era muito bonito; as pessoas iam para a porta porque, na verdade, o Reisado, em si, é na rua. Porque eu acho que a tradição de antigamente do Reis era assim. (Didinha, 2021)

Silvia Maria fez uma observação parecida com a de Didinha para nós, além de um apelo para que o Reisado volte a ser apresentado de casa em casa como no passado:

O Reisado, como ele começou nas ruas, nas casas, eu acho que é mais gratificante fazer assim, ao modo antigo e, assim, as famílias ficam aguardando; os vizinhos fica aguardando. É bacana fazer em palco? É. Mas se a gente voltasse como era, eu acho que as pessoas vão gostar muito mais, não é? Eles não tinham nada. Simplesmente se arrumaram e no dia combinado iam para as casas fazer a apresentação, reunir a família, amigos, todos. Um momento em que todos estavam agradecendo a importância que é o nascimento do Menino Jesus na vida de todos nós. (Silvia Maria, 2020)

O fato de o Reisado não ser mais encenado na sua formação completa incomodou alguns participantes, como Ana Neri e Marly Amaral, que sentiram falta dos outros personagens quando foram assistir à nova versão, a qual foi produzida nos últimos anos.

Entretanto, nem todos os antigos participantes pensam assim: Nelma possui uma percepção bastante distinta da opinião de Ana Neri e Marly Amaral, de modo que nos disse ter ficado maravilhada quando viu o Reisado completo pelo grupo “Nós na Rua” em 2003. Contudo, a entrevistada nos contou que, apesar de belo, achou o espetáculo muito grande.

Assim, sobre o Reisado no formato atual, a professora nos confessou:

Eu gosto de ver desse jeito e eu fiquei feliz da vida quando vi. Fernando pode nem lembrar, mas eu cheguei a falar com ele, porque ele não tirava uma parte do Reisado e fazia parecido com que eu fiz e tal, que eu falei para ele que eu já tinha feito isso quando eu montei com os alunos. Eu acho que o Reisado com todos os personagens durou uns dois anos e depois cortou. Quando eu vi aquele corte, eu fiquei feliz da vida, porque eu pensei que ninguém mais ia ficar cansando. Era cansativo, essa é uma opinião minha: um espetáculo pode ser muito bom, mas se demorar muito tempo, aquilo acaba cansando, deixando as pessoas cansadas, se torna enjoativo, as pessoas ficam com sono e os próprios integrantes se cansam muito. (Nelma Fernandes, 2021)

A professora nos disse ter chegado a realizar o Reisado numa versão simplificada e com alguns personagens na escola Dr. Newton Alves em Atafona. Isso aconteceu nos anos 1990 e ela, sozinha, tomou a iniciativa de fazer uma pequena montagem com os alunos.

Sobre essa questão dos cortes de personagens, perguntei se esse era o formato ideal ou o que ela mais gostava, de modo que respondeu que sim, inclusive comentando acerca da estrutura de luz, som e cadeiras que a prefeitura oferece. Assim, a versão atual é a preferida de Nelma.

Ela acrescentou que o espetáculo completo dura mais de 2 horas, por isso é mais confortável apreciar o compacto; assim, a duração fica na medida certa. Além disso, a estrutura dele também convida as pessoas para assistirem e conhecerem a performance.

Nesse sentido, Marlene também gosta do formato atual e nos revelou que ficou muito feliz ao assistir ao espetáculo, pois sua sobrinha Milena Amaral participa como a Noite. Além disso, para ela, essas apresentações são uma forma de mostrar aos jovens como eram as coisas no passado:

Cantar ao vivo... eu gostei. Pelo menos assim nós ficamos satisfeitas de ver que aquilo de anos atrás, né, voltou ao público, para as pessoas, os jovens que não viram, muitos tiveram lá, né. Foi renovando o repertório de antigamente. Eu acho muito bonito resgatar as coisas de antigamente. Tem que resgatar. (Marlene Amaral, 2021)

Dessa forma, perguntei qual é a percepção de Jurema sobre todos os processos pelos quais o Reisado passou: desde o lirismo de Mariquinha Salva, o amor e a religiosidade de Dona Ucha, a teatralização do "Nós na Rua" com os luxuosos figurinos de Fernando Antônio, até chegar ao Reisado atual, de Silvano e Antônio Carlos, com músicas ao vivo e profissionais trabalhando em troca de cachês. Sobre essas questões, a professora nos expôs que:

Toda transformação, e eu vou até arriscar aqui para mim, tem o dedo de Mariquinha Salva, porque, na verdade, o Reisado dela não era só religioso; era também artístico. Pela pessoa que nós conhecemos pelos relatos históricos, ela fazia com arte. Dona Ucha já levou mais pelo lado religioso, o "Nós na Rua" pegou o religioso e artístico e, hoje, Silvano, um pouco do religioso, um pouco do artístico, mas também um pouco do produto que é vendido que acaba contribuindo com a economia. Ou seja, são três itens de importância que deveriam, devem ser levados em consideração pra mais uma vez ter o Reisado no baú. O Reisado não é só uma expressão religiosa do nascimento do Menino Jesus; o Reisado não é só uma expressão de teatro, de representações, de figurino, de luz, de cenário, de som. O Reisado das Pastorinhas é também uma oportunidade trabalho; trabalho artístico remunerado. Então, se ele é apresentado em

praça pública, não ganha somente quem está apresentando: ganha o poder público, ganha a cidade, ganha o pipoqueiro, ganha o quiosque, ganha aquele que faz a maquiagem, ganha aquele que trabalha com som. É uma cadeia cultural e tudo no final acaba fazendo parte da cultura. (Jurema Vieira, 2020)

Dessa forma, a entrevistada nos afirmou crer que esse processo de teatralização do Reisado começou com a própria Mariquinha Salva, que era uma pessoa das artes, contrapondo-se à Dona Ucha, que era uma religiosa. Assim, a teatralização seria uma maneira de “voltar às origens” de Mariquinha Salva.

Figura 15: Reisado das Pastorinhas em 2018. Ao fundo, a Antiga Casa de Câmara e Cadeia.



Fonte: SECOMSJB

Outra questão levantada por Jurema é a possibilidade de pensarmos numa movimentação econômica local a partir do Reisado das Pastorinhas. O evento público destinado à comunidade e aos turistas gera oportunidade de trabalho tanto direto quanto indireto na cidade. Assim, vale lembrarmos que todo o espetáculo custa aos cofres públicos entre R\$ 6.000 e R\$ 9.000, valores baixos se comparados a outros investimentos em shows de artistas nacionais, por exemplo.

Para finalizarmos, muitas transformações aconteceram ao longo do tempo, a exemplo da duração do Reisado, que foi compactada, de forma que só o 1º ato é apresentado, e músicos, partituras, atores, cantores, técnicos e

produtores passaram a interferir na performance. Além disso, o que antes era feito com amor e caridade, passou a ser com profissionalismo e planejamento.

Para auxiliarmos na reflexão sobre essas questões, voltaremos ao pensamento do autor Richard Schechner e ao seu conceito de performance, que é uma das ideias-chave para a compreensão deste trabalho. O antropólogo crê que a dança, a música e o teatro fazem parte da vida humana em todos os momentos da história e em todos os locais do mundo. Assim, essas performances tiveram as mais variadas funções ao longo do tempo: de ritual, de entretenimento, de eficácia e de socialização. Cabe salientarmos que todos esses processos podem mudar: até xamãs e sacerdotes podem adequar as suas apresentações às novas necessidades e circunstâncias sociais.

Desse modo, os rituais das performances estão sempre em transformação e dão a entender, segundo Schechner (2012), que sempre existiram do mesmo modo, mas uma simples investigação nos revela que sempre há transformação. Inclusive, a agregação da tecnologia de luz, som, e microfones em rituais até religiosos.

Sendo assim, a partir dessas ideias do autor, podemos pensar que esse tempo primordial de todas as coisas se revela intangível. Os rituais parecem ser os mesmos, intocáveis e imutáveis, mas enquanto há vida, há transformação:

Mas se a cultura é um processo vivo, as próprias tradições, em que pese sua permanência, estão sujeitas àquela mudança que faz do homem um ser histórico e deixa nele permanentemente a marca, pesada e promissora do Tempo: assim como nós, pessoas, somos sempre não só aquilo que fomos mas também o que podemos vir a ser e que hoje se expressa em nós como carência que impulsiona e ativa nossos passos, também as criações coletivas, ao serem transmitidas de uma época para outra ou transportadas pelas migrações de classes e populações – do Norte para o Sul, do trabalho no campo para a fábrica na cidade – sofrem a pressão de novos estímulos que atuam como transformadores e renovadores. (KUHNER, 1975, p.73)

Sendo assim, é possível afirmarmos que as transformações sofridas pelo Reisado das Pastorinhas ao longo do tempo são a chave central que possibilita à performance se manter viva até a atualidade.

Figura 16: Pastorinhas em cena em 2017. Ao fundo, a Igreja Matriz de São João Batista



Fonte: SECOMSJB

5- CONCLUSÕES

O Reisado das Pastorinhas é uma performance Pastoril muito importante para a arte, a cultura e a religiosidade do município de São João da Barra, além de ser a única deste tipo que ainda resiste até os dias atuais. Com uma história vasta e muitas influências de numerosos povos ao redor do mundo, assim como origens bastante distintas, esse Pastoril se perpetua na nossa cidade graças ao amor e à luta de muitas pessoas que, ao longo dos anos, acreditaram na performance.

Porém, não há nenhum trabalho acadêmico ou publicação científica sobre esse Pastoril até o presente momento, de modo que essa é uma das justificativas que guiaram o nosso trabalho. Com a ajuda dos entrevistados e com a contribuição dos autores do referencial teórico adotado, conseguimos registrar a longa história do Reisado das Pastorinhas aqui.

Diante de um incontestável desaparecimento dos Reisados e Pastoris da cidade de São João da Barra, o problema central desta dissertação foi perceber se a teatralização do Reisado das Pastorinhas se tornou uma alternativa eficaz para a manutenção dessa performance artística e religiosa. Assim, nós nos perguntamos se a profissionalização da cultura popular contribui para a perpetuação de antigas tradições com o apoio do poder público.

Sobre esse problema, concluímos que sim. A pesquisa conseguiu detectar 26 performances Pastoris, Reis e Reisados do município de São João da Barra, contudo, apenas o Reisado das Pastorinhas ainda resiste. Concluímos que o processo de teatralização e os artistas locais, principalmente músicos e atores, foram os responsáveis pelo fato dessa apresentação ser a única das festividades do ciclo natalino na cidade atualmente.

Vale lembrarmos que, assim como as outras 25 performances, este Pastoril também deixou de existir; o professor Fernando Antônio Lobato buscou retomá-lo quando fez parte da secretaria municipal de cultura com o próprio grupo de Dona Ucha, mas ela não teve força para perpetuar sozinha a tradição, e sua idade avançada se tornou um empecilho. Assim, o “resgate” feito pelo “Nós na Rua” garantiu a sobrevivência do Reisado das Pastorinhas que existe até os dias de hoje.

Inicialmente acreditamos que existia uma diferença muito grande entre o Reisado religioso de Dona Ucha e o Reisado teatral de hoje. É fato que há muitas diferenças, as quais já relatamos nesta pesquisa; contudo, essas se revelaram mais amplas e complexas do que poderíamos imaginar. Após o período de estudo de campo, é possível afirmarmos que essa linha entre o artístico e o religioso se mostrou bastante tênue, assim como sempre esteve presente no Reisado desde que temos notícia.

Para começarmos, as duas mulheres sanjoanenses que iniciaram esse processo transitaram por festas religiosas e eventos de arte da cidade. Dona Ucha se dedicou ao Centro Espírita São Sebastião, aos seus trabalhos espirituais e de caridade, mas Mariquinha Salva também se dedicou a ensaiar as Verônicas da procissão da Paixão de Cristo e o coro da Igreja Matriz de São João Batista. Mariquinha realizava saraus com música e poesia, enquanto Dona Ucha participou como atriz das festas de Dona Milva. Mariquinha colaborou com

cordões de carnaval e Dona Ucha foi bordadeira dos Congos. Ambas gostavam dos eventos da cidade e nutriam, dentro de si, amor à arte e à espiritualidade.

Também vale ressaltarmos que a própria Dona Ucha realizou o Reisado em palcos, praças, quadras esportivas e teatros em São João da Barra, assim como em outras cidades da região, além das tradicionais casas de família. Apesar de não ter um conhecimento acadêmico das artes nem muitos recursos materiais, ela prezava por belos figurinos e exigia tanto responsabilidade quanto comprometimento de todos os participantes. Desse modo, podemos acreditar que o processo de teatralização começou muito antes do grupo teatral “Nós na Rua” entrar em cena, porém se fortaleceu e se intensificou a partir dele.

Nosso objetivo geral foi investigar o Reisado das Pastorinhas e a história do Pastoril na cidade, algo que ocorreu: descrevemos a história da performance, seus processos e transformações, desde que temos notícia. Além disso, abordamos um pouco a vida de Mariquinha Salva, católica, mulher de posses, pertencente à elite sanjoanense, que realizou o Reisado no início do século XX. Ela não teve filhos e passou o Pastoril para sua jovem vizinha Maria Elza, a qual realizou a performance por muitos anos.

Por sua vez, Dona Ucha, assim apelidada, era uma mulher simples e matriarca de uma família grande. Ela fundou o Centro Espírita São Sebastião e era apaixonada tanto por festas quanto por encontros. Essa figura histórica de São João da Barra esteve à frente do Reisado dos anos 1960 até 1995.

Assim, em 1993 entrou em cena, pela primeira vez, a interferência de Fernando Antônio Lobato como secretário de cultura da prefeitura da cidade, momento em que a incentivou a voltar com a performance, colaborando com materiais para os figurinos e com infraestrutura para as apresentações, de modo que ela realizou o Reisado por mais alguns anos, porém já não teve forças para levá-lo à frente.

O trabalho do Reisado das Pastorinhas com Fernando Antônio Lobato começou em 2003, agora com ele na posição de líder do grupo teatral “Nós na Rua”. Nesse momento, aconteceu um mutirão com ex-participantes para que se lembrassem das letras, músicas e versos, tendo em vista uma nova montagem e a confecção de figurinos luxuosos.

Surgiu um novo marco em 2009: Antônio Carlos Dias e Silvano Motta passaram a liderar o Reisado com atores/cantores e orquestra ao vivo. Em 2013,

o grupo “Nós na Rua” encerrou suas atividades. Em 2017, a performance continuou com a liderança anterior, porém de forma autônoma; além disso, a peça passou a ser vendida à prefeitura de São João da Barra como um espetáculo teatral, com estrutura de palco, luz, som e cachê para os participantes.

Buscamos especificamente investigar as origens do Reisado das Pastorinhas, considerando a contribuição portuguesa nesta performance, a sua chegada a São João da Barra e quais são suas influências tanto artísticas quanto religiosas. Assim, nós concluímos, a partir das entrevistas, que a performance possui três elementos principais: a música, os figurinos e a dramaturgia. Os processos musicais, a confecção de figurinos, as diferentes formações em cortejo nas casas e em palcos foram aspectos detalhados neste trabalho.

Sobre os elementos religiosos, gostaríamos de fazer algumas observações: num primeiro momento, acreditamos que encontraríamos evidências de ligações entre o trabalho espiritual relacionado à Umbanda de Dona Ucha e o Reisado, mas isso não foi constatado; apesar da nossa insistência, nenhum entrevistado fez qualquer relação entre esses pontos. Dessa forma, com base nas entrevistas e no referencial teórico adotado, percebemos que o Reisado das Pastorinhas se mantém predominantemente religioso/cristão, tendo o nascimento do Menino Jesus como assunto central.

As entrevistas descreveram elementos cênicos, musicais e religiosos que se relacionam perfeitamente com os escritos de autores como Andrade (1982), Cascudo (2001) e Passarelli (2003). Assim, constatamos que, de fato, esse Pastoril preserva muitas características lusitanas fortes, porém ganhou novos personagens aqui. Podemos afirmar, ainda, a possibilidade de duas serem sanjoanenses: a Enfermeira e a Preta Velha. A segunda nos evidencia que houve uma contribuição importante da cultura afro-brasileira na performance, da mesma maneira que possivelmente esse processo ocorreu em São João da Barra.

Também buscamos analisar como se deu o desenvolvimento do Reisado com o passar dos anos. Mostramos como uma performance devocional se transformou, pouco a pouco, num espetáculo teatral musical, ou como os produtores atuais chamam: numa “Opereta Popular”. Narramos como uma performance feita nas ruas e nas casas de família, com comida, bebida e

doações das pessoas simples da comunidade, transformou-se num produto de venda e apreciação da população em praça pública. Percebemos que essas transformações possibilitaram a sobrevivência do Reisado.

Ao longo dos anos, as diferentes lideranças trouxeram transformações e inovações à performance. Independentemente se foram personagens como Pastorinha, Anjo, Jardineira ou Lua, ou na posição de costureira, na produção, no figurino, ou como músico, regente ou cenógrafo, cada um doou um pouco de si, tirou e acrescentou elementos; cada pessoa que passou pela performance deixou sua marca, sua identidade e seu amor.

Analisamos o processo de teatralização da cultura popular, quais elementos foram perdidos e/ou acrescentados, além de como os antigos participantes percebem esse processo. Assim, constatamos que algumas pessoas sentem falta do antigo Reisado das Pastorinhas que acontecia de casa em casa. Para alguns, inclusive, essa é a verdadeira essência da performance; as trocas comunitárias, o lanche oferecido, a confraternização e a celebração religiosa do nascimento do Menino Jesus e sua bênção às residências dos sanjoanenses criaram uma atmosfera de saudosismo e boas lembranças. Alguns desejam que a performance volte a ocorrer nessa estrutura, como era na época de Dona Ucha, por diversão e caridade.

Entretanto, uma vez que nenhum grupo se prontificou para assumir o Reisado voluntariamente até o momento, alguns acreditam que a teatralização e a profissionalização são caminhos eficazes para manter a tradição viva.

Fazer a performance nas casas desafia a própria estrutura de vida e trabalho da atualidade. Há o argumento de que os artistas são trabalhadores e precisam ter seus trabalhos valorizados, de forma que o cachê é uma alternativa para isso. Assim, o Reisado das Pastorinhas alcança três dimensões: artística, religiosa e econômica. Desse modo, foi percebido que a apresentação é importante para movimentar a cultura e a economia local.

Podemos afirmar que a arte e a cultura são estimuladas pelo Reisado das Pastorinhas, pois são os próprios artistas e profissionais do município que realizam todas as etapas do projeto. Há um envolvimento identitário e um sentimento de orgulho que atravessa os integrantes da performance, o público e a comunidade em geral. No âmbito da economia, alguns entrevistados apontaram que o movimento se dá através das remunerações pagas aos

envolvidos na produção e no estímulo aos lojistas, aos profissionais autônomos prestadores de serviços, bem como aos ambulantes que lucram com o evento. Contudo, a nível de perpetuação, é preciso pensarmos em alternativas para além dessa única apresentação anual.

Como já destacado ao longo da pesquisa, atualmente o espetáculo é financiado pela prefeitura através de uma proposta enviada todo ano pela produção ao poder público municipal. Assim, buscamos reflexões sobre a relação entre esse e as políticas culturais adotadas para atenderem à manutenção deste Pastoril. Percebemos que essa contratação tem acontecido nos últimos anos, contudo, é inconstante. Isto é, o Reisado das Pastorinhas recebeu recursos municipais de forma bastante variada ao longo do tempo e em alguns momentos não recebeu nada. Há, então, uma preocupação em relação à conservação desses recursos, pois não existe nenhum tipo de garantia ou salvaguarda de que a performance continue sendo contratada futuramente.

Nesse sentido, surgiram propostas em relação às outras formas de financiamento: é possível pensarmos em políticas públicas culturais para além da contratação anual da prefeitura, tendo em vista as leis de incentivo e fomento à cultura, os editais públicos e a desburocratização de cada um. Essas fontes de recursos podem ajudar não só na realização do espetáculo, como na manutenção dos figurinos, cenários e adereços de cena. Assim, seria possível até mesmo pensar num trabalho continuado ao longo do ano, de forma que o tombamento do Reisado das Pastorinhas como patrimônio imaterial pode ser um passo inicial para a obtenção de mais recursos com vistas à sua perpetuação.

Outra questão bastante importante levantada sobre a perpetuação é a educação: muitos nos afirmaram ser significativo que a história e as origens do Reisado sejam passadas para as novas gerações. Através do entendimento do que é a performance e qual é o seu valor para o município, os jovens e as crianças poderiam se interessar em participar e, quem sabe, futuramente liderar o Reisado.

Pensar o futuro é uma preocupação de todos e, para que esse conhecimento chegue aos mais novos, é preciso que haja material histórico e documental sobre o Pastoril. Sobre esse ponto, nosso trabalho também buscou contribuir para a construção dessa documentação. Vários entrevistados relataram acreditar que, se as crianças e os adolescentes tiverem contato com

a história, as músicas e a dramaturgia do Reisado na escola ou em outros espaços de educação, o futuro da performance pode estar garantido.

Para finalizar esta pesquisa, afirmamos que, além das diferenciações, discordâncias e observações feitas, o único desejo dos entrevistados, sem exceção, é de que o Reisado continue acontecendo e de que cative as novas gerações. Para tanto, todos os esforços são válidos se o objetivo final for a perpetuação dessa tradição sanjoanense.

Todos entendem a importância da performance para a arte e a cultura do município, assim como todos acreditam que ela deve continuar. O amor de todos e de todas pelo Reisado é notório, é evidente e é uma grande emoção poder registrar tantas falas potentes e cheias de sentimento, saudade, fé e esperança.

Agora vou deixar, a seguir, três falas que representam o que Jurema, Nelma e Sílvia sentem quando assistem ao Reisado das Pastorinhas em cena. Eu poderia finalizar esta pesquisa com uma fala minha, mas meu papel aqui foi de uma simples costureira: amarrei cuidadosamente os muitos retalhos que constituíram essa história. Eu não sou a protagonista deste trabalho, mas todos os sanjoanenses que participaram, lutaram e tanto acreditaram quanto acreditam no Reisado das Pastorinhas:

Ai, Ana... Quando eu assisto o Reisado, eu fico maravilhada! Eu fico em êxtase! Porque é a certeza que nós podemos ter esperança e fé de que o Menino Jesus nasce a cada ano em nós. O Reisado é a expressão maior, a expressão probatória da prática da Cultura. (Jurema Vieira, 2020)

Eu gosto muito mesmo do Reisado; eu fico emocionada! Para mim é tão bonito... Eu acho assim: o Natal, na nossa cidade, em São João da Barra, sem o Reisado está faltando alguma coisa, porque o Reisado resume tudo que a gente gostaria de falar no Natal! (Nelma Fernandes, 2021)

Espero que a população entenda que realmente é nosso; faz parte da cultura sanjoanense. E que pessoas da própria sociedade busquem manter esse tesouro sanjoanense, porque é riquíssimo, é lindíssimo. Tem frases, tem músicas que tem algo do passado da nossa cidade e é muito, é muito rico, é muito interessante, e acredito que a nossa sociedade, ela não pode deixar isso se perder. (Sílvia Maria, 2020)

6. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. **Danças Dramáticas do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. 2ª. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- BERTO, Ana Carolina Fernandes; NASCIMENTO, Giovane do. MEMÓRIAS MUSICAIS ACERCA DA GRAVAÇÃO DO CD DO REISADO DAS PASTORINHAS. In: Anais do VIII CONINTER. Anais...Maceió(AL) Unit/AL, 2019. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/coninter2019/177391-MEMORIAS-MUSICAIS-ACERCA-DA-GRAVACAO-DO-CD-DO-REISADO-DAS-PASTORINHAS>>. Acesso em: 01/03/2020 23:46
- BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BEZERRA DE MENEZES, Ulpiano T. “A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais” Ver. **Instituto de Estudos Brasileiros**, SP: 34; 9-24, 1992.
- BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Ave-Maria, 2009.
- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Editora 34, 2019 (1ª Edição). 232p.
- BRANDÃO, Théo. **O reisado alagoano**. Maceió, AL: EDUFAL, 2007. 230 p.
- BRANTES, Eloísa. A Espetacularidade da Performance Ritual no Reisado do Mulungu. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 24-47, jan. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rs/v27n1/a02v27n1.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2018.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11 ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2001.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Cultura popular e sensibilidade romântica: as danças dramáticas de Mário de Andrade. **Revista brasileira de ciências sociais**, [s. l.], v. 19, ed. 54, p. 57-79, Fevereiro 2004.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Os sentidos no espetáculo. **Revista de Antropologia**, SÃO PAULO-USP, v. 45, ed. 1, 2002.
- CLAVAL, Paul. **A festa religiosa**. Ateliê Geográfico, [S. l.], 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/29952/16526>. Acesso em: 12 abr. 2019.

COLARES, Edite. **As Festas Populares e o Ensino de Arte**. Fortaleza, CE: Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE, 2019.

CARVALHO, de Augusto. **Apontamentos para a História da Capitania de S. Thomé**. Campos dos Goytacazes: Typ. E Lith. De Silva Carneiro & Comp., 1888.

DE BRITO, Diego. Cristianismo Primitivo: a Circularidade entre a Ortodoxia e o Paganismo. **Revista eletrônica de monografias do curso de história**, [S. l.], 2015. Disponível em:

http://universidadetuiuti.utp.br/historia/Tcc/rev_hist_11/pdf_hist_11/mono_3.pdf.

Acesso em: 12 abr. 2019.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano** / Mircea Eliade; [tradução Rogério Fernandes]. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRADE, Cássia. **Cantos do folclore fluminense**. Rio de Janeiro: Presença Edições: Secretaria de Estado de Ciência e Cultura, Departamento de Cultura, 1986.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação Das Culturas**. Rio de Janeiro. Ed. LTC, 2008.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de Presença** - o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio, 2004.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo. Vértice. 1990.

HORTA, Carlos Felipe de Melo Marques; MANZO, Maurizio (Coord). **O Grande Livro do Folclore**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2000.

IBGE. Censo de 2010. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/sao-joao-da-barra> > Acesso em: 20 fev. 2020

JORGE, Ana Maria C. M. *et al.* **História Religiosa De Portugal**. Rio de Mouro, Portugal: Círculo de Leitores SA e Autores, 2000.

KACHNÁČOVÁ, Eva. **Algumas Das Festas Religiosas Em Portugal**. 2016. Bakalářská diplomová práce (Portugalský jazyk a literatura) - Masarykova Univerzita, Brno, 2016.

KODAMA, Kátia Maria Roberto de Oliveira. Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas - São Paulo: K.M.R.O, 2009.

KOUDELA, Ingrid Dormien ; JÚNIOR, José Simões de Almeida. Léxico de pedagogia do teatro. São Paulo: Perspectiva : SP Escola de Teatro, 2015.

KUHNER, Maria Helena. **Teatro popular: uma experiência**. Rio de Janeiro, F. Alves, 1975.

LAMAS, Dulce Martins. **Pastorinhas, Pastoris, Presépios e Lapinhas**. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora LTDA., 1978.

LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a corpo**: estudo das performances brasileiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

LIMA, Rossini Tavares de. **A ciência do folclore**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MACHADO, Irley. A farsa: um gênero medieval. **Ouvirouver**, [s. l.], ed. 5, p. 122-137, 2009.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. PRATT, Mary Louise. Os Olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 20, n. 39, p. 281-289, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbh/v20n39/2990.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020

MAGALDI, Sábato. **Panorama do Teatro Brasileiro**. São Paulo: Global, 1997.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *In*: TASCHETTO, Tânia Regina (org.). **Língua e Literatura: Limites e Fronteiras**. 26. ed. Santa Maria, RS: Palloti, Janeiro - Junho 2003. p. 63-81. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>. Acesso em: 11 set. 2020.

MARTINS, Fernando José. **História sobre a povoação e fundação da cidade de São João da Barra e dos Campos dos Goytacazes**. Da antiga Capitania da Paraíba do Sul / Fernando José Martins – 2ª ed. Rev, e ampl. Por Carlor AA de Sá – São João da Barra: Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de São João da Barra, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NEVES, Larissa de Oliveira. Os folguedos brasileiros e a formação da nacionalidade. **Cadernos Letra e Ato, Campinas**, SP, Julho 2013. Disponível em: <https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/letraeato/article/view/226/216>. Acesso em: 17 jul. 2019.

O REISADO das Pastorinhas por Fernando Antônio Lobato. São João da Barra: [s. n.], 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gINAlxjB7I&t=2s>. Acesso em: 2 jul. 2019.

OSCAR, João. **Apontamentos para a história de São João da Barra**. Teresópolis, RJ: Mini Gráfica, 1977

PASSARELLI, Ulisses. Reisados Brasileiros: tipologia. 2003. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1tai6pH4BS_aTDk0zkMugrjNiVeZUqx34URp177fWBSQ/edit?pli=1. Acesso em: 25.10.2018.

PEREZ, L. F. Passos de uma pesquisa nos passos das procissões lisboetas. **CIES e-WORKING PAPER**, Lisboa, Portugal, 2010. *E-book*. <https://drive.google.com/drive/folders/1Acp389sAerbeyBmKRflqNKMgtVKYda3r>

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, José. **Brasil no Folclore**. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1972.

RODRIGUES, Anna Augusta. **Cantigas de Reis: e outros Cantares**. Rio de Janeiro: INELIVRO, 1979.

ROQUE, Maria Isabel. O Menino de Belém: Da Festa do Natal à Iconografia da Natividade e da Adoração. **Gaudium Sciendi**. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, n. 5, p. 104-126, 31 dez. 2013. Disponível em: http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/12499/1/12%20%20MIR_natal-iconografia-natividade%2019%20DEZ.pdf. Acesso em: 1 jun. 2019.

SANTOS, Candido Dos. **Vida Religiosa Do Clero E Das Massas Populares Em Portugal Nos Finais Da Idade Média**. Porto, Portugal: Ministério Da Cultura / Delegação R. Do Norte, 1984.

SCHECHNER, Richard. **Performance e antropologia de Richard Schechner**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012

SÁ, Carlos A.A. **Zériques: um jornalista político na província fluminense**. Rio de Janeiro: Cultura Goytacá, 1995.

SANTAFÉ, Hélvio. **Atafona Vento Nordeste**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1999.

SILVA, René Marc da Costa (org.). **Cultura Popular e Educação**: Salto para o Futuro. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

SIMONARD, Pedro. **A construção da Tradição no Jongo da Serrinha**: Uma etnografia Visual do seu Processo de Espetacularização. Fortaleza: Edições UFC, 2013. 225 p.

SOUZA, Rosi; ZIMERER, Fabiane; ZORDAN, Ana Rita. Reis De Boi: Influência Portuguesa Na Cultura Popular Brasileira. **European Review Of Artistic Studies**, [S.l.], v. 6, n. 3, p. 45-66, set. 2015.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória [recurso eletrônico]: temporalidade, experiência e narração**. 2. Ed. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2014

7. APÊNDICES

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____, autorizo a **Ana Carolina Fernandes Berto**, aluna do programa de Pós Graduação em Políticas Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense a utilizar as imagens registradas em entrevista audiovisual para utilização em documentário e outros conteúdos audiovisuais referentes a sua pesquisa de mestrado, tendo sido acordado que:

- nenhum valor me será pago a título de cachê ou remuneração.
- a aluna se reserva ao direito de não utilizar as imagens produzidas, de utilizar todas as imagens ou apenas algumas delas, parcial ou totalmente.
- a aluna será a única responsável pela escolha das imagens que deverão ser publicadas. Eu poderei pedir exclusão das imagens que não me agradarem no momento da captação. Concordo que as imagens que não forem excluídas neste momento poderão ser utilizadas no vídeo e/ou poderão ser incluídas para uso futuro no Banco de Imagens da aluna.
- tenho conhecimento de que a assinatura desse Termo é indispensável para que as imagens possam ser utilizadas, e declaro que a assinatura está sendo feita antes da tomada das imagens.

Estou de acordo com os termos acima.

_____, ____ de _____ de 2020.

Assinatura

Nome completo legível

Endereço

Telefone

Carteira de identidade

CPF

Assinatura:

ROTEIRO DE ENTREVISTA 1

Antigos participantes

Entrevistados: Pessoas que participaram e/ou lideraram o “Reisado das Pastorinhas” no passado.

Localidade: São João da Barra- RJ

I. Identificação

1. Nome: _____

2. Idade: _____ anos.

3. Participou do Reisado em qual ano? _____

4. Sexo: 3.1 () F 3.2 () M

5. Como foi a atuação?

() Produção () Orquestra () Personagem

6. Se atuou na produção, qual setor? Se atuou na orquestra, qual instrumento ? Se foi personagem, qual personagem?

II. Questões

1. Como você conheceu o Reisado das Pastorinhas?
2. Tem notícia de outros Reisados em São João da Barra? Se sim, quais?
3. Como e onde eram os ensaios?
4. Quem eram os participantes da atualidade?
5. Como aconteceram as apresentações nas quais participou?
6. De acordo com as suas lembranças, quais eram as relações entre o religiosidade e a encenação do Reisado?
7. Como a comunidade recebia o Reisado na sua época?

8. Você já assistiu a encenação do “Reisado das Pastorinhas” na contemporaneidade?
9. Se sim, qual sua percepção? O que você acredita que o Reisado perdeu hoje em dia? E o que ganhou?
10. Você considera a preservação do Reisado importante para a arte e cultura de São João da Barra?
11. De que forma você acha que o poder público pode contribuir para a perpetuação do “Reisado das Pastorinhas”?

ROTEIRO DE ENTREVISTA 2

Antigos da atualidade

Entrevistados: Pessoas que participam ou participaram nos dias atuais, tal qual pessoas que lideram o “Reisado das Pastorinhas” nos últimos anos.

Localidade: São João da Barra- RJ

I. Identificação

1. Nome: _____

2. Idade: _____ anos.

3. Participou do Reisado em qual ano? _____

4. Sexo: 3.1 () F 3.2 () M

5. Como foi a atuação?

() Produção () Orquestra () Personagem

6. Se atuou na produção, qual setor? Se atuou na orquestra, qual instrumento? Se foi personagem, qual personagem?

I. Questões

1. Como você conheceu o Reisado das Pastorinhas?
2. Tem notícia de outros Reisados em São João da Barra? Se sim, quais?
3. Como são feitos os ensaios?
4. Como aconteceram as apresentações nas quais participou?
5. Você acredita que o Reisado hoje é mais religioso ou mais teatral?
6. Como a comunidade recebe o Reisado na atualidade, na sua opinião?
7. O que você acha da produção técnica que foi feita nos últimos anos?
8. Você considera a preservação do Reisado importante para a arte e cultura de São João da Barra?
9. De que forma você acha que o poder público pode contribuir para a perpetuação do “Reisado das Pastorinhas”?

8. ANEXOS

a. Fotos



b. Publicações

[Sexta/Sábado, 24 e 25 de dezembro de 2010] O Diário | Página 6

Reisado das Pastorinhas em SJB

Opereta popular encenada no Dia de Natal em duas sessões especiais

A noite de Natal promete ser especial em São João da Barra (SJB). Quem alegria os moradores e visitantes que escolheram passar as festas de fim de ano nas praias do município terão a oportunidade de assistir o tradicional "Reisado das Pastorinhas", que será montado no Dia de Natal, 25, em duas ocasiões: às 19h, no Sesc Mineiro de Grussaí, e às 20h30 na Praça São João Batista, na área central de SJB. A montagem é realizada todos os anos pela Associação Cultural Teatral Nós na Rua, que busca preservar e valorizar as raízes culturais e artísticas locais.

O Reisado é uma manifestação cultural muito antiga, e o grupo Nós na Rua busca mostrar essa riqueza à atual geração. Com aproximadamente 40 minutos de duração, a opereta popular traz a dupla Antônio Carlos e Silvano Motta na direção musical e geral.

"Essa antiga tradição era passada de pai para filho, quando o Reisado saía pelas ruas da cidade entrando nas casas das pessoas, com músicas e danças. Este trabalho é um resgate que evoca ao presépio, ao nascimento do menino Jesus. Mostra a santificação do Messias e o ofertório de cada personagem, nos chamando à atenção para o dom da caridade", explica Silvano Motta.

O espetáculo traz arranjos do músico Cristiano Papaco, a montagem apresenta o seguinte repertório: Prólogo, Hino da Caminha pelas ruas, Cântico de Entrada, Piedade Majestade (Cântico de Herodes), Noite Feliz, Saudemos à Noite (Cântico da Noite), Deusa Diana (Cântico da Lua), Luz Divina (Cântico da Estrela), Chegada dos Reis Magos, A Rosa oferecida, e, por fim, Cântico de retirada.

O Reisado das Pastorinhas, adaptação do Auto de Natal herdado de antepassados portugueses, foi por muitos anos encenado nas ruas da cidade, por Mariquinhas Salva e posteriormente por Ucha

Moreira, nomes marcantes na história cultural do município. A ideia da retomada da montagem teve início em 2003, após uma pesquisa realizada por Fernando Antônio Lobato e Jurema Vieira, integrantes fundadores do grupo.

A montagem reúne um número considerável de participantes. No elenco estão: Carol Berto, Carolina Carvalho, Fabiana Magalhães, Kathleen Nascimento, Leticia Mello, Natascha Rocha, Samiê Komatu e Thayná Freitas (pastoras); Pablo Souza (pastor), Geverson Nascimento (Herodes), Carlatriz Lopes (Maria), Eduardo Lopes (José), Sílvia Pinto (anjo), Adriany Vieira (noite), Ana Carolina Berto (lua), Raquel Cunha (estrela), Miller Andrade (Rei Balthazar), Felipe Monda (Rei Gaspar), Eric Meirelles (Rei Belchior) e Edelson (soldado).

Na orquestra estão: Antônio Carlos Dias (freigência), Vinicius Martins (piano), Adilson França (violão), Chicão de Assis (violão), Cleberon Dias (violão), Everton Dias (violão), JG (violão), Lucas Lirio (violão) e Fagner Souza (pandeiro).

Manifestação cultural: de volta, o Reisado das Pastorinhas, montagem da Associação Cultural Teatral Nós na Rua, promete emocionar

B.2 QUOTIDIANO

CULTURA

*São João da Barra
causos duma cidade*

**O FOLHETO
E O PÉ DE
VENTO**

por Felício Valiengo

Rapaz, eu sou piloto de ultraleve. Eu e Careca, que também é bombeiro, sempre voávamos. Zé Luiz da Set Informática é meu amigo de longa data. Somos amigos de infância. Eu, ele e Joãozinho - que hoje é PM, filho de Dona Maria que tinha uma barraquinha ali na praça da Boa Morte, andávamos juntos. Um chamava o outro de sócio do cinema. São João da Barra não tinha nada pra fazer e a gente ia a todas as sessões de quarta, sábado e domingo assistir aos filmes no cinema. Erámos praticamente sócios de Amaro Coelho. Eu fui para o Rio de Janeiro, para o Bombeiro e Zé Luiz foi para Niterói, trabalhar numa empresa do setor elétrico. O mais interessante foi que ele se especializou na área de In-



O Reisado das Pastorinhas é uma tradição sanjoanense que foi resgatada e tem a história de Jesus contada de maneira festiva

Reisado das Pastorinhas no palco do Cine Teatro São João

“O Reisado das Pastorinhas - Uma opereta popular” vai ser reapresentado pelo Grupo Teatral Nós na Rua, no Cine Teatro São João, em São João da Barra, no dia seis de janeiro, a partir das 20h30. O Auto musical vai cumprir uma mini-temporada até o dia 10, sempre no mesmo horário.

A milenar história de Jesus Cristo é contada de maneira alegre e festiva pelo Reisado por meio dos personagens bíblicos como Herodes, Maria e José e os Reis Magos se juntam a figuras como o Anjo, a Noite, a Lua e a Estrela guia, e até mesmo a personagens característicos regionais como a

Cozinheira, a Peixeira, o Preto Velho e a Cigana. Juntos eles cantam e vão recepcionar o Messias na noite de seu nascimento.

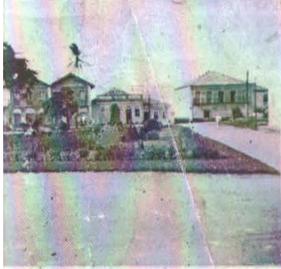
O figurino caprichado e as músicas típicas são pontos à parte nessa bela história. “O Reisado das Pastorinhas - Uma opereta popular” é um Auto de Natal herdado dos portugueses. Em São João da Barra, a encenação foi, por muitos anos, encenada nas ruas da cidade, por Mariquinhas Salva e posteriormente por Ucha Moreira, nomes marcantes na história cultural do município.

A ideia da retomada da

montagem teve início em 2003, após uma pesquisa realizada por Fernando Antônio Lobato e Jurema Vieira. Com 50 minutos de duração, esta opereta popular marca a estreia da dupla Antônio Carlos e Silvano Motta como diretores de espetáculos musicais promovidos pelo Grupo Teatral Nós na Rua. Os atores cantores fazem participações ao vivo.

O Reisado é uma manifestação cultural sanjoanense muito antiga, e o grupo Nós na Rua buscou mostrar essa riqueza para a atual geração. Essa antiga tradição era passada de pai para filho.

Jornal “Quotidiano” de São João da Barra.



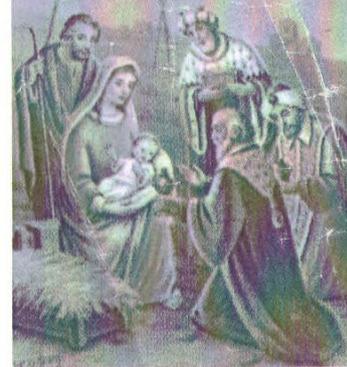
PRAÇA DE SÃO JOÃO BATISTA
CASA DE MARIQUINHA SALVA AO FUNDO

APOIO:



GRUPO TEATRAL "Nós na Rua"

APRESENTA
"O Reisado das Pastorinhas"



MARIQUINHASALVA - Maria Umbelina dos Santos Salva, nascida em São João da Barra, e aqui falecida em 01/12/1942, foi ao seu tempo uma verdadeira locomotiva social. Sua casa na praça São João Batista, espremida entre a Companhia de Navegação e a Casa da Câmara e Cadeia Pública, era o ponto de encontro da intelectualidade sanjoanense, na virada do século.

Musicista, bordadeira, cozinheira, verdadeiramente prendada como toda "boa moça de família" da virada do século XIX, Mariquinha reunia em sua residência o "creme de lá creme" da sociedade sanjoanense para os ensaios do coro da igreja, os mutirões de bordados das roupas do Divino Espírito Santo; os ensaios das Verônicas da procissão do Santíssimo Sacramento; os blocos e cordões carnavalescos, as quadrilhas juninas; a devoção a N. Senhora das Dores e Santa Maria e o Reisado das Pastorinhas.

Responsável por todo este acervo cultural, antes de morrer, Mariquinha legou cada umas dessas funções às pessoas que a acompanhavam. Coube a D. Ucha Moreira o Reisado das Pastorinhas, para que não morresse a tradição...

D. UCHA MOREIRA - Elza Moreira de Castro nasceu em São João da Barra em 09 de outubro de 1913, casou-se em 03 de julho de 1935 com Domingos Carvalho de Castro e tiveram 11 filhos; 47 netas, 67 bisnetos e 4 tataranetos já vindo outro por aí. Uma bonita prole que ela comanda com sabedoria, doçura e amor.

Além dessa numerosa prole, de quem cuidou, D. Ucha ainda encontrou tempo em sua vida para se dedicar à doutrina espírita, estando por longos anos à frente do Centro Espírita São Sebastião que fundado em 1926, presta-se não só a pregação mas também a trabalhos caritativos, filantrópicos e sociais.

Dentro de seu dinamismo D. Ucha dedicou-se a encenações teatrais, aos bordados para as fantasias do bloco Congos, a memoráveis e festivas tardes de 27 de setembro quando todas as crianças da cidade acorriam a sua porta para receber os saquinhos de São Cosme e São Damião; a festas infantis e principalmente à encenação anual do Reisado das Pastorinhas, que ela havia recebido de sua predecessora Mariquinha Salva.

Hoje nonagenária, mas com uma atividade que faz dela uma das mais atuantes integrantes do grupo da Terceira Idade Maria Júlia Aquino, D. Ucha sonha com as obras em seu Centro Espírita para continuar com a caridade e... A remontagem do Reisado das Pastorinhas que ela deseja ver preservada junto com sua numerosa prole, como dote que tem para deixar de herança para tantos e tantos descendentes.

Cabe-nos satisfazer a esse desejo de pessoa tão ilustre em nossa sociedade, recebendo com carinho essa jóia tão formosa.

O REISADO DAS PASTORINHAS

Oriundo das antigas cantigas pastoris portuguesas, tradição avoenga que nossos antepassados trouxeram em malões caixotes nos porões dos navios que atravessavam o Atlântico, levando daqui o rico açúcar e trazendo de lá gente e cultura, o Reisado das Pastorinhas é uma das mais ricas páginas do nosso folclore.

São João da Barra, movimentado porto marítimo-fluvial, recebeu pelo Cais do Imperador, toda uma gama de ingredientes culturais, oriunda dos mais diversos pontos do mundo: africanos do norte e do sul, árabes, libaneses, franceses, holandeses, suíços, irlandeses, norte americanos e ingleses, portugueses em todos os matizes e mais belgas, italianos, espanhóis e etc. Com eles foi-se modelando como uma pequena cidade cosmopolita na foz de um rio caudaloso.

Dessa riqueza cultural emergiu o Reisado das Pastorinhas que tomou entre nós diferentes formatos.

O presente Reisado das Pastorinhas nos foi apresentado pela eminente D. Ucha (Elza Moreira) que por longos anos apresentou-os pelas ruas de nossa cidade. Por sua vez, foi este Reisado apresentado a D. Ucha pela saudosa Mariquinha Salva (Maria Umbelina dos Santos Salva) que em tempos idos foi a responsável pela encenação desse lindo canto natalino.

Nossa intenção hoje, é não deixar morrer esta herança que as duas zelaram por tantos anos para um dia nos apresentar. Cabe as atuais gerações a preservação desse nosso relicário.



COMPOSIÇÃO DO REISADO DAS PASTORINHAS

(Dança dramática com que se comemora o dia)

12 pastorinhas
Maria
José
O Anjo
O Rei Gaspar
O Rei Baltazar
O Rei Belquior
O Rei Herodes, o tirano
02 Soldados
A Noite
A Lua
A Estrela
A Borboleta
A Jardineira
A Profeteira
A Fruteira
A Padeira
A Cozinheira
A Carpideira
A Saloia
A Judia
A Moleira
A Tecaio
A Enfermeira
O Caçador
A Peixeira
A Preta Velha
O Marinheiro
O Velho
A Cigana com dois filhos

Contatos para Patrocínio:

2741-1783 / 2741-1663 - Fernando
2741-4525 - Maria Eny
2741-1615 - Jurema

12.c. Partituras

PRÓLOGO

TECLADO HINO DA RUA D7 G D7 G C G

G7 C D7 G G7

C D7 G C G Em Am D7 G G7

C G Em Am D7 G G7 C D7 G Em Am D7

G G7 C D7 G Em Am D7 ANJO G G7 C D7

G Em Am D7 G G7 C G D7 G G7

C G D7 G Am D7 G Am

CANT. DA LUA

CANT. DA ESTRELA

D7 G Am D7 G
 Am D7 R. MAGOS G D7 G D7
 G G7 C D7 G G7 C D7 G Am
 HINO DA ROSA
 D7 G G7 C Am D7
 G Am D7 G
 Am D7 G G7 HINO RETIRADA
 C Cm G D7 G G
 1. 2.

Detailed description: This is a musical score for guitar, consisting of eight staves of music. The key signature is one sharp (F#), and the time signature is 3/4. The score includes various guitar chords such as D7, G, Am, C, G7, and Cm. The lyrics are interspersed with the musical notation. The first staff has chords D7, G, Am, D7, G. The second staff has Am, D7, R. MAGOS, G, D7, G, D7. The third staff has G, G7, C, D7, G, G7, C, D7, G, Am, with the lyrics HINO DA ROSA. The fourth staff has D7, G, G7, C, Am, D7. The fifth staff has G, Am, D7, G. The sixth staff has Am, D7, G, G7, with the lyrics HINO RETIRADA. The seventh staff has C, Cm, G, D7, G, G. The eighth staff shows a first ending (1.) and a second ending (2.).

CÂNTICO DA LUA

VIOLÃO E^b Fm B^b7 E^b Fm B^b7 E^b CANTO Fm

The musical score consists of 12 staves. The first staff is the guitar introduction, and the second staff begins the vocal melody. The guitar part is written in a single system with 11 staves, and the vocal part is written in a single system with 11 staves. The key signature is three flats (B-flat major/C minor), and the time signature is 4/4. The guitar part features a complex rhythmic pattern of eighth and sixteenth notes. The vocal part is a simple melody with lyrics in Portuguese. The chords are indicated by letters with accidentals and superscripts.

Chord progression for the guitar part (from top to bottom):

- B^b7 E^b Fm B^b7 E^b Fm
- B^b7 E^b Fm B^b7 E^b E^bm
- B^b7 E^bm A^bm E^bm B^b7 E^bm
- B^b7 E^bm A^bm E^bm B^b7
- E^b Fm B^b7 E^b Fm B^b7 E^b
- Fm B^b7 E^b Fm B^b7 E^b
- E^bm B^b7 E^bm A^bm E^bm
- B^b7 E^bm B^b7 E^bm B^b7 E^bm A^bm E^bm
- B^b7 E^b Fm B^b7 E^b Fm
- B^b7 E^b Fm B^b7 E^b Fm
- B^b7 E^b VIOLÃO Fm B^b7 E^b Fm B^b7 E^b

HINO DE ENTRADA

VIOLÃO

E C \sharp m
 5 B 7 CANTO E F \sharp m B 7
 9 E F \sharp m B 7
 13 E E 7 A E C \sharp m F \sharp m B 7
 17 E E 7 A E C \sharp m F \sharp m B 7
 21 E F \sharp m B 7
 25 E F \sharp m B 7
 29 E E 7 A E C \sharp m F \sharp m B 7
 33 E E 7 A E C \sharp m F \sharp m B 7
 37 E VIOLÃO F \sharp m B 7
 41 E F \sharp m E